



Tem relacio con
Causas, 10/12/172
Pag 159 e 172

le ne fay rien
sans

Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

NOV

NOVA CASTRO

TYPOGRAPHIA UNIVERSITATIS DE LITVIA

1880, No. 22

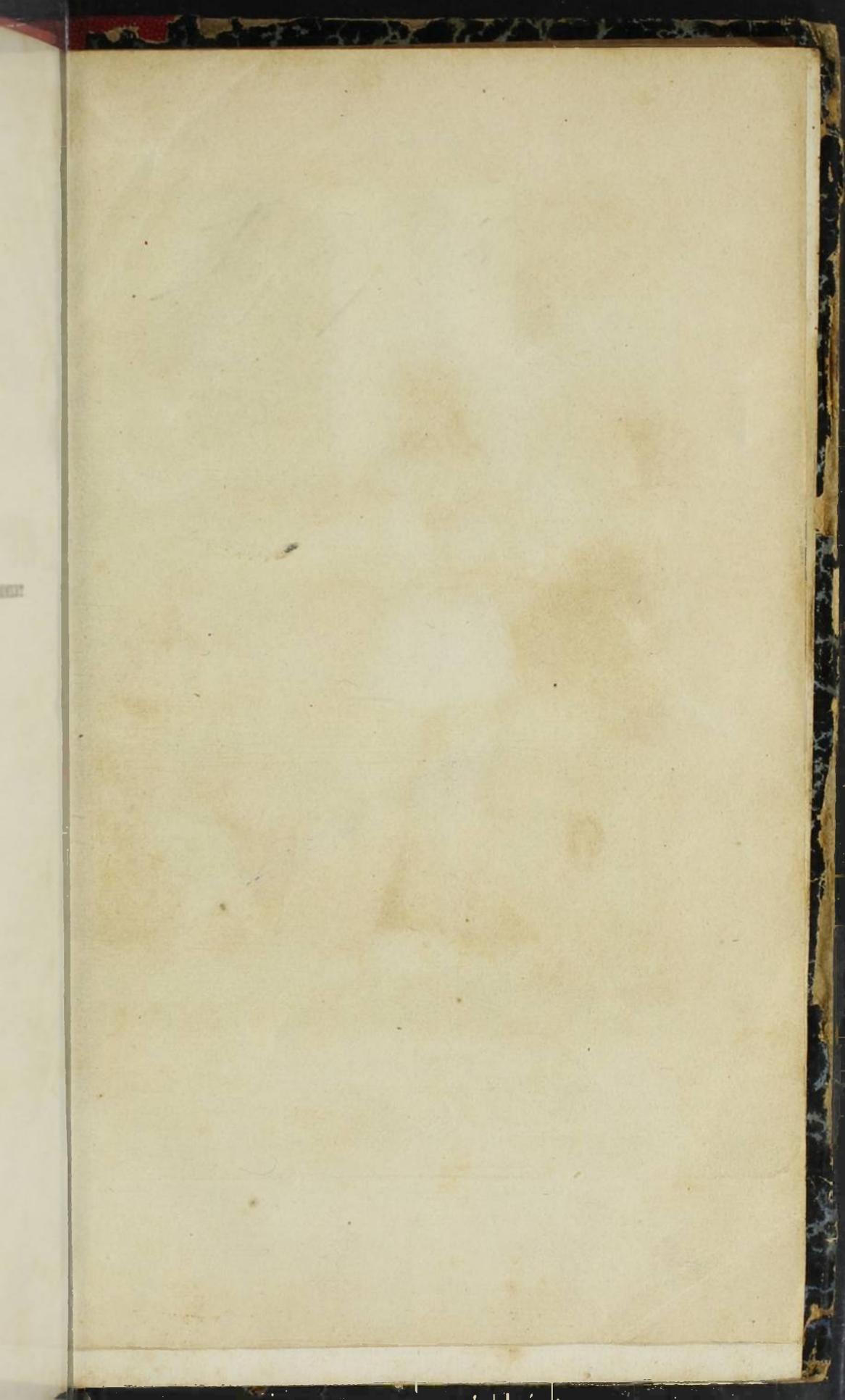
TRAGEDIA

087349 AVON

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL DE LAEMMERT

Rua do Lavradio, N.º 53.

LAEMMERT





Balda a triste o seu rōgo, inutilmente
Cō as reliquias d'amor, Ignez supplica;
Que acerbada a vingança dos traidores,
O Rogio coração se petrificou.

NOVA
CASTRO

TRAGEDIA

DE

JOÃO BAPTISTA GOMES JUNIOR

NOVA EDIÇÃO

CORRECTA E AUGMENTADA

COM A BRILHANTE SCENA DA COROAÇÃO

COM HUMA COLLECÇÃO DAS MELHORES POESIAS SOBRE O ASSUMPTO

DA PRESENTE TRAGEDIA

E ORNADA DE DUAS RICAS ESTAMPAS COLORIDAS



RIO DE JANEIRO

PUBLICADA A VENDA EM CASA DE

EDUARDO E HENRIQUE LAEMMERT

Rua da Quitanda, N.º 77

1843

CLASSICA
Livraria de
Lopes & Comp.
Rua de Gonçalves Dias, 40
RIO DE JANEIRO
Rua da Quitanda, 77
S. PAULO

ACTORES.

D. AFFONSO IV	Rei de Portugal.
D. PEDRO	Principe.
D. IGNEZ DE CASTRO.	
D. SANCHO	Mestre do Principe.
COELHO	} Conselheiros.
PACHECO	
D. NUNO	Camarista do Rei.
O EMBAIXADOR DE CASTELLA.	
ELVIRA	Aia de D. Ignez.
DOIS MENINOS	Filhos de D. Pedro e de D. Ignez.

A Scena he em Coimbra, n'hum Sala do Palacio em que reside D. Ignez.

A acção começa ao romper do dia.

NOVA CASTRO

TRAGEDIA.

ACTO PRIMEIRO.

SCENA I.^a

IGNEZ , e ELVIRA.

IGNEZ. *(Entra na scena delirante, e horrorisada.)*

Sombra implacavel! Pavoroso espectro!
Não me persigas mais... Constança! Eu morro.
(Assenta-se desfallecida.)

ELVIRA.

Que afflicção!.. Que delirio!.. Oh Deos! Senhora...

IGNEZ. *(Ainda fóra de si, e atemorizada.)*

Onde está... onde está o meu Esposo?....

ELVIRA.

O Principe, Senhora, inda repousa,
Tudo jaz em silencio : tu sómente,
Negando-te ao socego, atribulada,
N'este paço, ululando, errante vagas!
Que dôr acerba o coração te rasga?
Que sonhadas visões assim te ancêão?

IGNEZ.

Contra Ignez se conspira o céo e a terra. (*Levantando-se.*)

Té das campas os mortos se levantão
 Para me flagellar: continuamente
 Negros phantasmas antes mim volteão...
 Que horror!... Oh céos!... Agora mesmo, Elvira,
 Debuxados na mente inda diviso
 Os medonhos espectros, que, girando
 Em tórno do meu leito, me assombrarão...
 Surgir vejo Constança do sepulchro,
 Que em furias abrazada a mim caminha...
 Relampagos fuzilão, treme a terra...
 Eis-que lá dos abismos arrojados
 Impios ministros da feroz vingança
 No peito agudos ferros vem cravar-me:
 Debalde agonisante o esposo invoco...
 Proferido por mim seu doce nome
 Exacerba os furores de Constança,
 Que á morada dos mortos me arremessa.
 Oh do crime funestas consequencias!...
 Desgraçados mortaes!

ELVIRA.

E póde hum sonho...

IGNEZ.

Não he hum sonho, Elvira, são remorsos.

ELVIRA.

Devem elles acaso inda ralar-te?
 Não bastou hymenêo a suffoca-los?

Ah! Se antes que os seus laços te cingissem,
 Succumbiste do amor á paixão cega,
 Assaz tens expiado este delicto,
 Delicto mais que todos desculpavel.

IGNEZ.

Huma alma como a minha jámais julga
 Ter assaz expiado seus delictos :
 Embora de hymenêo os sacros laços
 Agora o meu amor licito fação,
 Este amor foi no crime começado.
 Mirrada de pezares, sim, foi elle,
 Quem despenhou Constança no sepulchro,
 Constança, essa princeza desgraçada,
 Que, a não ser eu, talvez fosse ditosa,
 Talvez, do esposo amada, inda vivesse;
 Eu fui a origem dos seus males todos;
 Trahi sua amizade, fui-lhe ingrata,
 Sua rival, oh céos! assassinei-a.
 Oh crime involuntario! Horrendo crime!
 Tuas iras são justas, sim, Constança;
 Arrasta-me contigo á sepultura,
 Acaba de punir-me, e de vingar-te...
 Mas ah! Que digo!... Não... poupa-me a vida,
 N'ella a vida do principe se int'ressa:
 Tu não has de querer envenenar-lha:
 A morte não, não póde certamente
 A paixão extinguir de que morreste:
 Mesmo lá do sepulchro inda o adoras...
 E talvez compassiva me desculpes.
 Quem melhor do que tu conhecer deve,
 Que aos affectos de Pedro, aos seus extremos

Humanas forças resistir não podem ?
 Se tu, sem ser amada, tanto o amaste,
 Deixaria eu de ama-lo, sendo amada ?
 Sabe o ceo quanto tempo em viva guerra,
 Contra o meu coração lutei debalde:
 Quantas vezes chamando em meu soccorro
 A virtude, e a razão.. auxilio inutil !
 Emmudece a razão quando amor falla.
 Triumphar de paixões iguaes á minha...
 Os miseros mortaes não podem tanto...
 Que profiro infeliz? Até blasphemo!...
 Perdoa, Summo Deos, ao meu delirio:
 A meu pezar, Senhor, fui criminosa;
 Porém tua Justiça adoro, e temo.

ELVIRA.

O ceo he justo, Ignez, o ceo te absolve:
 Tua alma, onde morou sempre a virtude,
 Tem por graves delictos leves faltas;
 Tranquillisa, Senhora, os teus sentidos,
 Modera as afflicções.

IGNEZ.

Em breve a morte
 As minhas afflicções virá pôr termo.

ELVIRA.

Oh ceos! Na primavera de teus annos,
 Engolfada em fataes, loucos pezares,
 Tu propria buscas terminar teus dias,
 Sem que ao menos te lembres que depende
 Da tua vida a vida do consorte;

Que huma lagrima só que tu derrames,
 Se o principe jámais a divisasse,
 Seria de sobejo a envenenar-lhe
 O terno coração, que affagar deves!...
 Se n'este estado agora elle te achasse,
 Em que estado sua alma ficaria?
 Por seu amor, te rogo, enxuga o pranto,
 As afflicções desterra, em que soçobras.

IGNEZ.

Oxalá que pudesse desterra-las!
 Mas buscarei ao menos reprimi-las,
 Porque não participe o caro esposo
 Dos males, dos horrores, que me cercão.
 Embora o ceo me opprima, e me castigue,
 Entorne sobre mim suas vinganças;
 Porém sobre elle só prazeres mande:
 O seu socego mais, que o meu, desejo:
 Afim de lhe mostrar alegre o gesto,
 Que esforços me não dou continuamente?
 Para o não affligir... ah! quantas vezes
 Calco, suffoco dentro do meu peito
 Afflicções, que no peito me não cabem!...
 Quantas vezes, sumindo-se a seus olhos,
 Dos meus ao coração recúa o pranto!
 Mas ah, que os meus pezares, meus martyrios,
 Quanto mais os escondo, mais se azedão,
 Nem podem já ter fim senão co'a vida.
 A qualquer parte, oh ceos, que os olhos mande,
 Motivos d'afflicção sómente encontro.
 Do passado a lembrança me horrorisa,
 E do futuro a idéa me intimida:

Contra mim conspirada a intriga, a inveja,
 Sobranceiras as iras d'hum Monarcha,
 Tudo me vai cavando a sepultura:
 O coração m'ô diz.

ELVIRA.

Elle te illude:

Que podes tu temer, quando enlaçada
 Ao mais digno dos principes do mundo,
 Ao melhor dos mortaes, que os ceos formarão,
 O seu braço invencivel te defende?
 Em vez de recear sonhados males,
 Olha os immensos bens, a fausta sorte,
 Que propicio futuro te aparelha;
 O Lusitano solio, que te espera;
 O respeito, o amor dos Portuguezes;
 A gloria de imperar sobre este povo,
 A quem teme e venera o mundo inteiro...
 Tudo, tudo, Senhora, te promette
 Permanentes venturas: nada temas.

IGNEZ.

Essas mesmas quimericas venturas,
 Esses bens illusorios, que me apontas,
 Justos motivos são dos meus temores.
 Oxalá que D. Pedro não tivesse
 Hum throno por herança, que offertar-me!
 Então fôra eu feliz, passára a vida
 No regaço da paz e da alegria:
 Não haveria então quem se oppozesse
 Á perpetua união das nossas almas,
 Nem barbara politica empecêra

De nossos ternos corações a escolha :
 Hum do outro na posse , ambos ditosos ,
 Aos transportes d'amor sem susto entregues ,
 Rodeados dos tenros , caros filhos ,
 Sem ter que desejar , o throno excelso ,
 Todos esses phantasmas da grandeza
 Nem huma vez sequer nos lembrarião ;
 Mas o fado não quiz...

ELVIRA.

Ahi vem D. Sancho.

IGNEZ.

Que motivo o conduz a procurar-me?
 Venero as suas cãs, e o seu character ;
 Como elle, junto aos reis, achão-se poucos.

SCENA 2.*

D. SANCHO, IGNEZ, e ELVIRA. (*Elvira, logo que D. Sancho entra na scena, retira-se para o fundo d'ella, e pouco depois desaparece.*)

SANCHO.

O ceo n'este lugar faz que eu te encontre :
 He preciso, Senhora, com franqueza
 Mostrar-te os imminentes precipicios,
 Que só tua virtude evitar póde.
 O principe despresa os meus conselhos,
 Meus rogos não attende, nem já céde
 As lagrimas d'hum velho, que aprecia,

Mais do que a propria vida, a sua gloria :
 D'hum velho, que incumbido de educa-lo,
 Sempre a núa verdade ante os seus olhos
 Tem feito apparecer, buscando sempre
 Afastar-lhe a lisonja dos ouvidos,
 Esse das côrtes pessimo veneno,
 Que os corações dos principes corrompe.
 Seu character violento, caprichoso,
 Agora por amor mais inflammado,
 Já não deixa dobrar-se ás minhas vozes ;
 Cégo resiste aos paternaes preceitos ;
 He necessario pois que a obedecer-lhe
 O resolves tu mesma. Bem conheces
 Do inflexivel Affonso o genio iroso.
 Já tres vezes o tem chamado á côrte,
 Sem que D. Pedro cumpra os seus mandados,
 Nem queira pesar bem seus ameaços :
 Muito do Rei severo temo as iras,
 Por crueis conselheiros ataçadas :
 Vendo talvez do filho a rebeldia,
 Se esqueça de que he pai. Cumpre, Senhora,
 Que atalhes as funestas consequencias,
 Que podem resultar da pertinacia
 Em que o principe insiste : que o convenças
 A beneficio seu, e em teu proveito,
 A cumprir sem demora os seus deveres :
 Eu sei que na sua alma podes tudo,
 E das tuas virtudes tudo espero.

IGNEZ.

O teu zelo, candura e probidade
 Assaz louvo e respeito. Não te enganas

Em suppôr-me capaz de emprender tudo,
 Inda mesmo arriscando a propria vida,
 Para chamar D. Pedro aos seus deveres;
 Não tem sido por falta de lembrar-lhos,
 Que elle ás ordens de hum pai tem resistido.
 (Tu, não menos do que eu, seu genio sabes)
 Nem attender-me quer quando lhe imploro,
 Que á côrte vá lançar-se ás regias plantas.
 Todavia, D. Sancho, eu te prometto,
 Que não hão de cessar minhas instancias:
 Embora, longe d'elle, Ignez saudosa,
 Ao furor dos seus émulos exposta,
 Venha talvez a ser victima triste
 De insidiosa politica: antes quero
 Morrer, do que lembrar-me que sou causa
 De que o principe falte aos seus deveres.

SANCHO.

Quem nutre em si tão nobres sentimentos,
 Inda sendo opprimida, he venturosa.
 Zombou sempre a virtude da desgraça:
 Debalde a emulação, armando a intriga,
 Conspira contra ti: mas he preciso
 Seus designios frustrar: sim...

IGNEZ.

Eis D. Pedro.

SANCHO.

Queira o ceo que o convenças! Eu vos deixo.

SCENA 3.^a

D. PEDRO, e IGNEZ.

PEDRO.

Quanto são vagarosos, cara esposa,
Os poucos melancolicos momentos,
Que distante de ti saudoso passo?
Só ao teu lado, Ignez, socêgo encontro,
Não existo senão quando te vejo.

IGNEZ.

Quanto me adoras sei, príncipe amado;
Mais terno cada vez, mais extremoso,
As tuas expressões meu pranto excitão;
Porém d'amor agora não tratemos:
Bradando estão deveres mais sagrados,
Que preencher te cumpre: antes de tudo
Tenho, esposo, hum favor que supplicar-te:
Negar-mo-has tu, Senhor?

PEDRO.

Ignez, que dizes?
Tu, que tens na minha alma todo o imperio,
Ah! pôdes duvidar que eu te obedeça?

IGNEZ.

Pois bem, Senhor, attende á tua esposa,
Ouve meus rogos, e a meus rogos cede:
Se tu só junto a mim socêgo encontras,
Tambem só junto a ti socêgo eu tenho;
Porém quer o destino, o dever manda,
Que te apartes de mim por algum tempo.

PEDRO.

Apartar-me de ti? Oh ceos! Que escuto!
Apartar-me de ti? Castro he quem falla?

IGNEZ.

He Castro, sim, Senhor, aquella mesma,
Que preza mais que tudo a tua gloria;
Aquella, cujo brio não tolera,
Que seja o terno amor, que lhe consagras,
Motivo de infringires teus deveres.
Bem o sabes, Senhor, em nenhum tempo
Procurei ardilosa fascinar-te:
Cedi ao teu amor, porque te amava,
Porque em ti divisei huma alma terna,
Alma que o ceo formou para encantar-me,
De todas as virtudes adornada.
Agora pois te cumpre conserva-las,
E a mim não consentir que as abandones:
Eu de mim propria assaz me horrorisára,
Se visse que as perdias por amar-me.
Não, principe querido, eu te supplico
Por este mesmo amor, que a ti me prende,
Que á côrte sem demora te dirijas,
Onde teu pai, talvez já fatigado
De te chamar em vão, te espera ancioso.
Obedecer aos paternaes preceitos
He lei da natureza, he lei sagrada;
Cumpri-la debes: vai...

PEDRO.

Basta: eu conheço
Quaes meus deveres são, e sei cumpri-los;

Sei que he devida aos pais a obediencia ;
 Mas igualmente sei que tem limites
 A paternal, sagrada authoridade.
 Tenho pensado bem no que obrar devo :
 Justos motivos, que não sabes inda ,
 Exigem que eu não cumpra as regias ordens.
 Obedecêra a hum pai, se pai tivera...
 Mas eu não vejo mais, do que hum tyranno ,
 N'esse que o ser me dêo...

IGNEZ.

Senhor, suspende :
 He teu pai ; muito embora cruel seja ;
 Tu debes respeita-lo , e obedecer-lhe.

PEDRO.

Se quer que lhe obedeça, e que o respeite ,
 Não me imponha preceitos deshumanos.

IGNEZ.

Não prometteste ha pouco á tua Esposa
 Conceder-lhe o favor que te pedisse ?

PEDRO.

Vê pois quando não posso comprazer-te ,
 Se terei razões justas que me estorvem
 De obedecer a hum Pai !

IGNEZ.

Não póde have-las.

PEDRO.

Tyrannos... que nos julgão seus escravos ! (*Sem
 attende a Ignez, transportado.*)
 Para nos flagellar o ser nos derão !

IGNEZ.

Tu me fazes tremer.

PEDRO.

Sabe em fim tudo.

Affonso , e o Monarcha de Castella
 Acabão de firmar a nova alliança ,
 Em que sem meu consenso contratarão ,
 Qu'eu daria a Beatriz a mão de Esposo :
 Para este fim á Còrte sou chamado.
 Affonso, não contente da violencia ,
 Que ao meu coração fez, quando forçado
 De rôjo me levou ante os altares ,
 Para unir-me a Constança em laço eterno ,
 Pezado laço , que rompeo a morte ;
 Não contente de haver sido o motivo
 De..... Mas que digo ? Não, ah ! não foi elle ;
 Eu em lhe obedecer fui o culpado :
 Que desenfrêe agora as suas iras ;
 Que rogue , que ameace ; mesmo quando
 Em secreto hymenêo não estivessem
 Ligadas para sempre nossas almas ;
 Debalde intentaria submeter-me
 A hum jugo , que a vontade recuzasse ;
 Reconheço porém que a pertinacia ,
 O despotico orgulho de seu genio ,
 Sem que attenda senão ao seu Tractado ,
 Quererá que por força o desempenhe.
 Não convém descobrir nosso consorcio ;
 E outra escusa qualquer , que eu fôsse dar-lhe,
 D'irrita-lo inda mais só serviria.
 Agora julga pois se partir devo.

Se me devo ir expôr , talvez... quem sabe !
 A faltar-lhe ao respeito inteiramente...
 Mas tu choras?... Que vejo!... Acaso temes?...

IGNEZ.

Nada temo por mim , por ti só temo :
 Sim , quando vejo sobranceiros males ,
 Por desditoso amor originados ;
 Quando vejo engrossar a tempestade ,
 Que me denota proxima ruina ;
 Nem por isso me assusto : o que me afflige ,
 He vêr hum pai , hum reino , e o proprio esposo ,
 Tudo por meu respeito alvorotado.
 Em situação tão ardua , e tão penosa ,
 Té chego a desejar. . . (infeliz Castro !)
 Que o sacrosanto nó , que a mim te prende ,
 Este laço tão doce e desejado ,
 Dos bens o maior bem , que Ignez possui ,
 A ser possivel , hoje se rompesse ,
 Só porque tu podesses livremente
 Obedecer a hum pai , fazer ditosos
 Por hum feliz consorcio dois Imperios.
 Muito embora Beatriz te possuísse....
 Mas que digo ? Ai de mim ! Nos braços d'outra !....
 Nos braços d'outra vêr o amado esposo !
 Ah ! não..... não posso tanto , antes a morte.

PEDRO.

He teu meu coração , será teu sempre.
 Os laços de hymenêo são as mais debeis
 Prisões , que a ti me ligão. Quando amamos ,
 Desnecessarios são ritos , promessas :

Mais força tem amor , que os juramentos.
 Inda que ante os altares sacros votos
 De permanente fé , de amar-te sempre ,
 Não tivesse a teu lado proferido ,
 Seria sempre teu , sempre te amára ;
 Sem que jámais podesse força humana
 Separar corações , que amor unira.

IGNEZ.

Mas que , talvez em breve sopeados ,
 Aos golpes da politica succumbão.

PEDRO.

Para lhe resistir basta o meu braço.

IGNEZ.

O teu braço , Senhor , só deve armar-se
 Para empresas , mais dignas do teu nome :
 No lance melindroso , em que nos vemos ,
 Convém , mais que os furores , a brandura ;
 E apesar das razões que ponderaste ,
 Julgo que deves dirigir-te á côrte ;
 Pois talvez , se não corres a embarga-los ,
 Teu pai avance os começados passos
 Para as nupcias da Infanta de Castella ,
 Na esperança de ser obedecido ,
 E a ponto chegue , que depois não possa....

PEDRO.

Sem lhe dizer porque , já fiz saber-lhe
 Que taes nupcias jámais celebraria.

IGNEZ.

Mas não fôra melhor. . . .

SCENA 4.^a

D. PEDRO , IGNEZ , e D. SANCHO.

SANCHO.

Senhor : ah ! corre ,

Vem esperar teu Pai.

IGNEZ.

Oh Céos !

PEDRO. (*A D. Sancho.*)

Que dizes ?

SANCHO.

Dirigido a Coimbra em veloz marcha
Partio da côrte Affonso , aqui não tarda.IGNEZ. (*Fallando consigo mesma.*)

Agora sim , minha desgraça he certa.

PEDRO. (*Pensativo , e admirado.*)

Meu pai? oh Céos ! .. meu pai?

SANCHO.

Coelho e Pacheco ,
Seus crueis conselheiros , o acompanhão :
Toda a côrte , Senhor , em sobresalto
Ficou co'esta partida inesperada :
Mendonça , que ligeiro vem trazer-te
A importante noticia , assim o affirma :
Murmura o Povo já de recusares
As nupcias de Beatriz , que applaudem todos.

PEDRO.

Murmure muito embora , embora venha
Armado de poder , ardendo em raiva ,
Da vingança , e das furias escoltado ,
Esse , a quem por meu mal devo a existencia ;
Que , se intentar commigo ser tyranno ,
Ha de em seu filho achar hum inimigo ,
Capaz dos mais tremendos attentados ;
Que em casos taes os crimes não são crimes ,
São forçoso dever das almas grandes .
Espera-lo não vou .

SANCHO.

Senhor , que fazes ?

PEDRO.

O que me apraz fazer .

IGNEZ.

Oh Céos ! Nem posso ,
Das tuas expressões horrorisada ,
Soltar do coração tremulas vozes :
Fallem por mim as lagrimas que choro.....
Não me consternes mais . Ah ! vai , não tardes ,
Vôa a encontrar teu pai , se vêr não queres
Estalar de afflicção a tua esposa .

PEDRO.

(Depois de ficar hum pouco pensativo , diz resolutio :)

Eu vou satisfazer-te , sim , eu parto ;
Vou rasgar do segredo a cauta venda :
Saiba , sim , saiba Affonso , antes que chegue

Estes sitios a entrar, que Ignez habita,
 Que a deve respeitar como princeza;
 Que inquebravel prisão a Ignez me liga. (*Em acção
 de partir, e D. Sancho retendo-o.*)

SANCHO.

Oh Ceos! Não faças tal, melhor discorre;
 Para lhe revelar hum tal segredo
 Occasião mais opportuna espera;
 A colera azedar não vás de Affonso,
 No transporte cruel das suas iras,
 Bem sabes, que he capaz.....

PEDRO.

De que? De nada:
 Mais de mim, do que eu delle, tremer deve. . .
 Se ousasse contra Ignez. . . Ah! nem pensa-lo.
 Para vingar o seu menor insulto,
 Seria pouco todo o sangue humano.

IGNEZ.

Bem me dizia o coração presago.....
 Meu mal he sem remedio; o proprio esposo
 He quem vai despenhar-me no sepulchro.
 Meus crueis inimigos não me assustão:
 O popular tumulto, hum rei severo,
 Nada temo, ai de mim! a ti só temo.
 Ah! lembra-te, Senhor, do que juraste,
 Antes de conduzir-me ás sacras aras,
 Onde eu te não seguira, se primeiro
 Tu me não promettesses guardar sempre
 O devido respeito ao teu Monarcha,

E a paz não perturbar dos seus dominios :
 Tu não has de faltar , o tempo he este ,
 Que eu já previa então : oh caro esposo !
 Lança do coração fataes transportes ;
 Não percas tempo , vai , corre a prostrar-te
 Aos pés do grande Affonso ; mas submisso ,
 Ao beijar de teu pai a mão augusta ,
 Sobre ella de teus olhos chova o pranto.
 Pondera que te perdes , que me perdes ,
 Se com elle furioso praticares ;
 Só nos póde salvar docil brandura :
 Se não queres matar-me , sê submisso.

PEDRO.

O temor de affligir-te póde tudo.
 Respeitoso serei , terei brandura ,
 Se elle brandura igual usar commigo.
 Nada temas , princeza : adeos. Eu juro
 Pelos Céos outra vez , e por ti mesma ,
 Que , inda que o mundo inteiro se me opponha ,
 Castro ha de ser de Portugal rainha. (*Parte.*)

IGNEZ.

Não te apartes , D. Sancho, do seu lado :
 Moderem teus conselhos seus transportes.

SANCHO.

Dai forças , justos Céos , ás minhas vozes ,
 Lançai a Portugal piedosas vistas.

SCENA 5.^a**IGNEZ** só.

Que temor, infeliz! de mim se apossa! (*Sem poder
despregar os olhos do caminho que tomou D. Pedro.*)

Caro príncipe!... esposo!... oh Deos, quem sabe

Se a ver-te tornarão inda os meus olhos.

Vai, ó Castro, abraçar-te aos caros filhos,

E entrega-te nas mãos da Providencia.



ACTO SEGUNDO.

SCENA 1.ª
D. AFFONSO, e D. PEDRO.
AFFONSO.

Basta , principe , basta : prescindamos
 De justas arguições , de escusas futeis ;
 Não quizeste ir , vim eu. Quero esquecer-me ,
 Perdoar quero mesmo as tuas faltas ,
 Huma vez que obediente hoje as repares.
 Concluão-se estas nupcias proveitosas ,
 Que para teu prazer , e a bem do Estado ,
 Prudente contratei. Verás com gosto ,
 Quando Lisboa entrares a meu lado ,
 Com quanto regosijo o povo todo ,
 Teu consorcio applaudindo , a festeja-lo
 Com pompa jámais vista se prepara.
 Que doçura não he para os monarchas ,
 Espalhar alegria entre os vassallos !
 Vê-los mandar ao Céu ardentes votos
 Pela conservação da regia prole ,
 Que lhe segura a paz , a dita , a gloria !
 Vêr que as suas acções o povo approva ,
 E contente abençôa o seu reinado ,

Curvando-se de grado ao leve jugo ,
 Que sómente os máos reis fazem pezado !
 Mil graças dou aos Céos , pois satisfeitos
 Julgo estarão de mim os Lusitanos.
 E nada mais desejo , que deixar-lhes
 Em meu filho , outro eu , que sempre os ame ,
 E que por elles seja sempre amado.
 Começa desde já neste consorcio
 A firmar o seu bem. Sim , hoje mesmo
 Deves partir commigo para a côrte ,
 A fim de o celebrar , logo que chegue
 A infanta de Castella , digno objecto ,
 Que escolhi para esposa de meu filho.

PEDRO.

Ah! Que seja possível , por meu damno ,
 Que o melhor dos monarchas do Universo
 Igualmente não seja o pai mais terno !
 Que hum rei , que desvelado buscou sempre
 Fazer os seus vassallos venturosos ,
 Queira fazer seu filho desgraçado !...
 Contratares , Senhor , sem consultar-me
 Hum consorcio , ignorando se teu filho
 Póde , ou quer d'hymenêo ás leis cingir-se !
 Se essa , que lhe destinas para esposa ,
 Póde ao seu coração ser agradável !
 Acaso julgas tu desnecessaria
 A minha approvação para estas nupcias ? !
 Não será livre hum coração ao menos
 Na escolha d'huma esposa , que amar deve...
 Ah ! não queiras , Senhor , com tal violencia...

AFFONSO.

Emmudece , insensato ; não prosigas
 Indignas expressões , que me envergonhão...
 Bem conheço a razão , porque assim pensas.
 Que indignos sentimentos , que fraqueza ,
 Para quem deve hum dia ser monarcha !
 Como , quando do imperio as redeas tomes ,
 Quando na mão a espada formidavel
 Da severa justiça sustentares ,
 Das paixões punirás o torpe effeito ,
 Sendo tu proprio das paixões escravo ?
 Como jámais serás obedecido ,
 Se tu mesmo ao teu rei desobedeces ?
 Com quanta repugnancia os Portuguezes ,
 Murmurando , verão no Luso Solio ,
 Que de tantos heroes tem sido assento ,
 Hum rei dado ás paixões , effeminado ,
 Incapaz de empunhar o sceptro augusto !

PEDRO.

Mas capaz de os reger , e defende-los.
 Se das grandes paixões sou susceptivel ,
 A molleza detesto , bem o sabes :
 Quando cumpre , Senhor , em campo armado ,
 Ensinado por ti , brandindo a espada ,
 Sei por acções mostrar , que sou teu filho ;
 Nem para ser bom rei (Senhor , perdôa)
 Eu julgo necessario huma alma dura ;
 Mas antes me persuado não devêra ,
 O que fosse insensivel , reger homens.
 Corações , que á ternura se não rendem ,

Jámais sabem carpir alheios males ,
Nem doêr-se das lagrimas do afflicto.

AFFONSO.

Apagada a razão, cégo deliras ;
Isentos de paixões os reis ser devem ;
Manão dos seus os publicos costumes :
Se exemplificação mal os seus estados ,
Os vicios dos vassallos são seus vicios ;
Devem sacrificar os seus desejos ;
Ser comsigo crueis a bem dos povos ,
Que o Céu lhes confiou ; e os que se ensaião
Para lhes dar as leis , devem mostrar-se
Capazes destes nobres sacrificios.
Os consorcios dos principes são obra
Dos int'resses do estado , elles decidem ,
Elles dispõem de nós. Deixem-se ao vulgo
Caprichosos melindres , com que exige ,
Que aos laços d'hymenêo amor presida.
As doçuras de amor para os monarchas
São de pouca valia : a nossa gloria
Não se firma em tão fracos alicerces.

PEDRO.

Se aos que devem reinar he necessario
Ceder dos privilegios, dos direitos,
Que a natureza deo aos homens todos ;
Por tal preço , Senhor , não quero o Throno !
Laços formar , que o coração repugna ,
Origem de desgraças, e de crimes....
Assaz o exp'rimentei... grilhões tão duros ,
Por tuas mãos lançados , longo tempo

Com bem custo arrastei... Supportar outros...
Ah! Não, Senhor, não posso.

AFFONSO.

Temerario!

Basta já de soffrer hum filho ingrato.
Se aos rogos, ás razões de hum pai benigno,
Tu não queres ceder, cede aos preceitos
De hum monarcha severo, e justicoso.
Eu dei minha palavra, has de cumprila:
Os Tratados dos reis não são falliveis:
Debalde pois te oppões...

PEDRO.

Mas ah! pondéra...

AFFONSO.

Tenho em fim decidido. Acaso queres,
Deixando de cumprir o meu Tratado,
Entre os povos soprar horrenda guerra?
Queres vêr Portugal nadando em sangue?
Contra nós conspirada a Europa inteira,
Abraçando o partido de Castella,
Vir vingar sua injuria? Ah!...

PEDRO.

Que receas?

Portugal vencedor, nunca vencido,
Zombará do poder do mundo inteiro.
Tão ousada será, tão nescia a Hespanha,
Que contra nós se atreva a mover guerra?
Não ha de inda lembrar-se o seu Monarcha,

Que te deve os dominios que possue?
 Que ha bem pouco, cercado de inimigos,
 Vendo nas mãos o sceptro vacillante,
 Mandou a propria esposa, filha tua,
 A implorar-te, que fosses socorrê-lo,
 Ou antes sobre o throno sustenta-lo?
 E que do filial pranto commovido,
 Não contente em mandar-lhe tuas tropas,
 Tu proprio á testa d'ellas generoso
 Quizeste ir debellar seus inimigos,
 E segurar-lhe a c'roa na cabeça?
 Ha de offender, quem soube defende-lo!
 Quem pode, apenas queira, aniquila-lo?
 Não: quem vio pelejar, ao teu commando
 Nas margens do Salado os Portuguezes,
 A atacar Portuguezes não se atreve;
 E se a tanto chegar a sua insania,
 Á maneira dos seus antepassados,
 Chorando o opprobrio de ficar vencido,
 Caro lhe custará seu louco arrojo.
 Oxalá que elle á guerra nos convide!
 Poderia teu filho então mostrar-te,
 Que te sabe imitar, quando é preciso,
 Novos louros cingindo ao teu diadema.

AFFONSO.

Que desatino! Oh Ceos!... Eu me envergonho
 De te haver dado o ser; de te ouvir tremo...
 Tristes vassallos meus, amados filhos,
 Que Monarcha vos deixa sobre o throno!
 Tu desejas a guerra? Esse flagello,
 Que envergonha, e devasta a humanidade!

O capricho dos reis que importa aos povos ?

Ouve as lições de hum pai, posto que iroso
Só devêra tratar do teu castigo.

Eu não posso deixar, quando te escuto,

De repr'ender-te, ó filho, e de ensinar-te :

Talvez por ti mandado á sepultura,

Bem depressa no throno me succedas ;

Não te esqueças então dos meus dictames :

Poupa o sangue dos miseros vassallos,

Do mais infimo d'elles préza a vida

Outro tanto que a tua ; teme a guerra,

Que ao proprio vencedor sempre he funesta :

No meio do triumpho os bons reis chorão.

Nessa mesma tão célebre batalha,

Que julgas me cingio de louro eterno,

Quando juncavão do Salado as margens

Os montões de cadaveres sem conto

De infieis derrotados inimigos ;

Por perder trinta só dos meus soldados,

Muito cara julguei esta victoria,

E, dentro de mim proprio recolhido,

Mais pranto derramei, do que elles sangue.

Os reis devem ser pais de seus vassallos ;

Nada mais, que o seu bem, deve importar-lhes...

Elle exige estas nupcias, que te ordeno ;

Suas vozes escuto e não as tuas.

Já te disse que dei minha palavra,

E torno-te a dizer, que has de cumpri-la.

Affonso he teu Monarcha ; mando, e basta.

Hoje mesmo commigo para a côrte

Vê que debes partir, vai preparar-te.

PEDRO.

Teus passos seguirei, porém de balde...
 Celebrar o consorcio que pertendes...
 Quizera obedecer-te. mas não posso...
 Sem que te diga mais, assaz te digo. — (*Parte.*)

SCENA 2.^aD. AFFONSO *so.*

He possivel, oh Ceos, que assim meu filho
 Temerario resista aos meus preceitos !...
 Que cegueira ! Que arrojo ! He necessario
 Desarraigar-lhe d'alma por violencia
 A funesta paixão, que o traz de rojo :
 Mas de que modo ?... Cumpre medita-lo...
 Seja em fim como fôr, desempenhado
 Meu Tratado ha de ser : o ingrato filho,
 Em vez de hum pai benigno, hum rei severo
 Ha de encontrar em mim. Oh lá, D. Nuno. (*Chamando
 para dentro.*)

SCENA 3.^a

D. AFFONSO, e D. NUNO.

NUNO.

Que me ordenas, Senhor ?

AFFONSO.

Os conselheiros
 Va chamar... mas espera, ahi vem Pacheco.

SCENA 4.^a

D. AFFONSO, PACHECO, e D. NUNO.

AFFONSO. (*Dirige-se a Pacheco, e D. Nuno se afasta para o fundo da scena.*)

Quem tal dissera, amigo ! Eu me envergonho
Sómente de o pensar : o iroso aspecto
De hum Monarcha, de hum pai, razões, ameaças,
Nada bastante foi : ousa o rebelde
Ás nupcias recusar-se, aos meus preceitos :
Mas ha de obedecer-me, aos Ceos o juro.
Os meios estudemos, que efficazes
A sua contumacia vencer possão :
Se necessario fôr, inexoravel,
Riguroso serei.

PACHECO.

Dever funesto

He, Senhor, na verdade o de hum vassallo,
Que fiel ao seu rei, bem que sensível,
Na precisão se vê de supplicar-lhe,
Que suffoque a piedade, e que castigue...
Mas o int'resse do Estado, e mais que tudo,
O decoro do throno assim o exigem.
De incorrupta lealdade claras provas
Eu protesto dar sempre ao rei, e á patria.
Longe de desculpar, porque he teu filho,
Do Principe a paixão, funesta origem
Da sua contumacia ; com franqueza
Direi meus sentimentos, sem que possa
Tolher-me as expressões o temor justo

De perder o favor, de ser odiado
 De hum Principe, que adoro, e que respeito.
 Se queres que teu filho te obedeça,
 Corta a indigna prizão, que maneato
 O coração lhe traz, e que o estorva
 De entrar em seus deveres: pune, extingue
 Esse objecto fallaz, que a alma lhe encanta;
 De contrario, Senhor, serão baldados
 Outros meios quaesquer, que projectares.

AFFONSO.

Seja punida, sim, seja punida
 Mulher, que tantos males origina;
 Que impera mais do que eu, e que se atreve
 A usurpar-me do filho a obediencia.
 Seu crime... Mas que digo!.. Por ventura
 Não he meu filho mais culpado, qu'ella!
 Serei eu parcial, punindo Castro,
 Sem que seja igualmente castigado
 Quem deve mais, do que ella, ser punido?

PACHECO.

O Principe he teu filho, tanto basta
 Para ser absolvido, e desculpado:
 A condição d'Ignez he mui diversa.

AFFONSO.

Não puno condições, puno delictos.
 Antes de tudo, interroga-la devo.
 D. Nuno, chama Ignez. (*parte D. N.*) Ouvi-la quero,
 Sondar seu coração; depois veremos
 Se he digna de castigo.

PACHECO.

Ah ! se attenderes.

Suas vozes, Senhor, suas escusas,
 Por seu astuto pranto subornado,
 Deixarás por piedoso de ser justo.
 Quem foi capaz de fascinar o filho,
 Pode o pai fascinar. Arte impostora
 A peitos feminis Amor suggere :
 Quando as abraza criminosa chamma,
 Negão as expressões o que a alma sente,
 E c'ò auxilio das lagrimas convencem.
 Attende, attende só ao bem do Estado,
 Ao exemplo, que deves ao teu povo,
 Que, murmurando já, talvez se azede,
 Se vir que em nova guerra o precipita
 Do Principe a paixão escandalosa.
 Não soffrerá Castella a grave affronta
 De ser, do seu Tratado em menoscabo,
 Por teu filho Beatriz repudiada :
 E o consorcio D. Pedro não celebra,
 Sem que até da lembrança Ignez lhe affastes.
 Atalha, em quanto podes, tantos males :
 Muitas vezes punir he ser piedoso.

AFFONSO.

Tu me fazes entrar nos meus deveres.
 Para me resolver a castiga-la,
 Basta o bem do meu povo, que me lembras.
 No coração de hum Rei digno do throno,
 Se os int'resses do Estado a voz levantão,
 Compaixão, amizade, natureza,

Tudo, tudo emmudece. Exterminada,
 Em remota clausura Ignez reclusa,
 Da presença do Principe se affaste :
 Não torne a ver meu filho essa, que o céga,
 Em quanto, da rasão accêso o facho,
 As tochas de Hymenêo arder não faça ;
 E se isto não bastar, mão lançaremos
 De outro mais efficaz, duro remedio.

PACHECO.

Não bastará talvez ; por mais que seja
 Recatado, e remoto qualquer sitio,
 Que para o seu desterro escolher possas,
 Lá mesmo irá teu filho arrebatá-la.
 Eu calo o mais que sinto, e só te lembro,
 Que a quereres com ella ser piedoso,
 Poupando-lhe hum maior, justo castigo,
 De Portugal ao menos a desterras,
 Occasião, Senhor, tens opportuna
 De envia-la ao Monarcha de Castella,
 Que zeloso da filha no decoro,
 Guardará providente em segurança
 A rival, que se atreve a disputar-lhe
 O coração do Principe. Este arbitrio
 Segue pois, se te apraz, bem que inda o julgo
 Para tão grande mal remedio fraco.

AFFONSO.

Seguirei teu conselho ; porém antes
 Já de brandura usando, já de ameaças,
 Quero tentar o coração de Castro ;
 Ver se a posso mover a que ella mesma

As chammas, que accendeo, apagar busque...
Mas ella para aqui já se encaminha.

SCENA 5.^a

D. AFFONSO, IGNEZ, PACHECO, e D. NUNO.

(*Pacheco affasta-se para o fundo da scena, logo que Ignez se chega ao Rei, e D. Nuno que a conduz, se retira.*)

IGNEZ.

Eu desfalleço... Oh Ceos !... Excelso Affonso,
Permitte, que a teus pés Ignez prostrada... (*Prostra-se aos pés do rei*).

AFFONSO.

Levanta-te, ardilosa. Não he digna
De beijar a mão regia uma vassalla,
Que a perpetrar se atreve altos delictos.

IGNEZ.

Eu perpetrar delictos ! Quaes são elles ?
Fiel sempre ao meu rei, vassalla humilde,
Ignoro em que offendesse a Magestade.

AFFONSO. (*Contemplando-a iroso.*)

Além de criminosa, inda impostora !...
A fallaz artificio em vão recorres.
De sobejo sciente do teu crime,
Tua simulação mais me enfurece :
Ousarás tu negar, que amas meu filho ?

IGNEZ.

Não, Senhor, a nega-lo não me atrevo...
 Nem, por mais que eu quizesse, poderia
 Deixar de confessar o que os meus olhos,
 O rubor de meu rosto assáz te explicão :
 Sim, se he delicto amar, e ser amada,
 Meu coração, Senhor, he criminoso...
 Mas eu não sou culpada.

AFFONSO.

Que proferes ?

Se confessas tu mesma o teu delicto,
 Dizes não ser culpada ?

IGNEZ.

Sou ingenua.

Em chamar-me impostora te enganaste :
 Tenho-te dito assáz... e mais dissera,
 Se licito me fosse.

AFFONSO.

Acaba, dize :

Que cegueira fatal, que louco arrojo,
 Vãs, altivas idéas te inspirarão ?
 Como intentaste ousada ter imperio
 No coração d'hum Principe ? Não vias
 A distancia empinada, inaccessivel,
 Que do teu berço vai ao throno excelso ?

IGNEZ.

Quando amante paixão nos predomina,
 Offuscada a razão, a ninguem lembrão

As distincções fataes do berço, e sangue.
 São iguaes ante Amor os mortaes todos :
 De virtude sómente se enamora
 Huma alma virtuosa : só virtudes
 Convidarão Ignez a amar teu filho.

AFFONSO.

E atreves-te a fallar inda em virtude ?
 Não profanes palavra tão sagrada ;
 Antes dize que estólida esperança,
 Avidez de reinar, te fez culpada :
 Talvez da minha já cançada vida
 Contando os longos importunos dias,
 Te tardava o momento suspirado,
 Em que, baixando Affonso á sepultura,
 Vazio o throno, aos teus desejos franco,
 Te cingisse o diadema a indigna fronte.

IGNEZ.

Que injustiça !.. Minha alma não conheces,
 Não conheces de amor o desint'resse :
 Quem ama, só deseja ser amado.
 E a par de hum coração como o de Pedro,
 Os diademas que são ? Que vale o mundo ?
 Quem de seu terno peito o imperio obteve,
 Mais imperio não quer : nem se deslumbrão
 As almas grandes c'o esplendor do throno.
 Quando a amor succumbi, do solio estava
 Mais longe, que o meu berço, a minha idéa ;
 Por isso não medi, como devêra,
 A declive distancia, que os separa ;
 Mas hoje a vejo assáz, e mais deploro

A condição do Príncipe, que a minha ;
 Quizera que tivesse antes nascido
 Vassallo o meu amante, que eu princeza :
 Longe de o cobiçar, detesto o throno :
 Nelle diviso só barreira odiosa,
 Que entre peitos sensiveis sorte adversa
 Alçou para que nunca unir-se possam...
 Sei que sou infeliz... e o serei sempre.

AFFONSO.

Podes inda evitar maior desgraça ;
 Quem, logo que o conhece, o crime atalha,
 A innocencia recobra. Extingue, ó Castro,
 As criminosas chammas, que sopraste ;
 Quanto são detestaveis não ignoras,
 E bem vês, que nutri-las mais não podes.
 Antes pois que do Príncipe te affastes,
 (A tão graves delictos leve pena,
 Que hum benigno Monarcha te destina)
 Teu completo perdão merecer busca.
 Tu mesma de seus erros o dissuade,
 E o convence a cingir-se aos dignos laços
 Do plausivel consorcio, que lhe ordeno :
 Concorre para o público socego,
 Em vez de o perturbar : não exacerbés,
 Pertinaz em teu crime, as minhas iras.
 Teme o castigo atroz, de que és credora,
 Se ao coração do Príncipe as, que urdiste,
 Prisões abominaveis não desatas.

IGNEZ.

Muito exiges de mim !.. Ah ! se eu pudesse
 As algemas romper, que nos vinculão,

Só por te obedecer, crê-me, o fizera :
 Mas como n'hum momento arrancar posso
 Do peito de teu filho sentimentos
 Que amor, e sympathia originárão ?
 Para sempre deixar a terna amante,
 E subito ir lançar-se em braços de outra !..
 Se elle tivesse huma alma tão voluvel,
 Por ama-lo increpada eu não seria ?
 Que proferi?... Deliro... Oh Ceos... Perdôa...
 Perdôa-me, Senhor, talvez o tempo...
 Extinguir poderá... Não sei que digo.

AFFONSO.

Basta : emmudece já, mulher soberba.
 De sobejo em tua alma tenho entrado.
 Ousas alardear, ante mim proprio,
 Do mais nefando crime ! Ah ! que castigos
 Bastarão a punir teus attentados !
 Tudo quanto ha de horrivel...

SCENA 6.^a

D. AFFONSO, IGNEZ, COELHO, e PACHECO.

COELHO.

De Castella

Embaixador chegou, que audiencia pede.

AFFONSO.

Entrar póde.

SCENA 7.^a**D. AFFONSO, IGNEZ, E PACHECO.**

AFFONSO.

Retira-te atrevida ;
De meus olhos te affasta , vai que em breve
Te serão minhas ordens intimadas.

IGNEZ.

Humilde , e respeitosa hei de cumpri-las.
Mas só te rogo que , antes de punir-me ,
Te dignes sem paixão sondar meu crime ;
Pois se pezares bem os meus delictos ,
Espero , que me julgues desculpavel. (*Retira-se Ignez ,
e D. Affonso fica pensativo , em quanto Pacheco falla.*)

SCENA 8.^a**D. AFFONSO, E PACHECO.**

PACHECO.

Que insolente altivez ostentar ousa !..
Eu te lamento , ó Rei , quando te vejo
Na dura precisão de repellires
Da tua alma os impulsos compassivos ,
Constrangido a punir asperamente ,
Para evitar terríveis consequencias.

SCENA 9.^a

**D. AFFONSO, COELHO, PACHECO,
E O EMBAIXADOR.**

EMBAIXADOR.

A filha do meu Rei, que te saúda,
Já dos dominios teus piza as fronteiras;
Mas o boato geral, de que teu filho,
Por violenta paixão allucinado,
De Beatriz ao consorcio se recusa,
Aos ouvidos chegou do meu Monarcha,
Que me ordena te diga, e te assegure,
Que se com tal repulsa, em seu desdouro,
O Tratado solemne fôr violado,
(O que elle não espera) dignamente
Saberá sustentar a toda a força
O decoro da filha, e do seu throno.

AFFONSO.

Dize da minha parte ao teu Monarcha,
Que para dissipar seus vãos reccios,
Bastaria lembrar-se que os reis Lusos,
Fidelissimos sempre, seus Tratados
Sabem desempenhar: não porque temão
Quaesquer que sejam, estrangeiras forças;
Mas por dever, por gloria, e por costume.
E para lhe mostrar como procedo,
Hoje mesmo desterro de meus reinos,
E á sua guarda entrego Ignez de Castro,
Que elle julga estorvar da Infanta as nupcias.

Podes certificar-lhe, que consorte
Ha de meu Filho ser da Filha sua.

EMBAIXADOR.

Nem era de esperar que hum Rei tão sabio
Procedesse jámais d'outra maneira ;
Prompto vou expedir ao meu Monarcha
A plausivel resposta, que lhe envias.

SCENA 10.^a

D. AFFONSO, COELHO, e PACHECO.

AFFONSO.

Sem demora, Pacheco, apromptar faze,
Para Ignez conduzir, segura escolta :
Vai, Coelho, dizer-lhe que se apreste :
Partirá hoje Ignez para Castella,
E meu filho commigo para a côrte.

COELHO.

Oxalá que assim seja ! Mas duvido.
Em castigar avaro em demazia,
Além de ser, Senhor, simples desterro
Aos delictos de Ignez pena mui leve,
Receio que de horriveis attentados
Seja origem fatal este projecto.
Fôra talvez melhor lançar mão logo
Dos efficazes, ultimos remedios.
Eu conheço o character de teu filho :
Mal souber, que roubar-lhe Ignez intentas,

Dos filiaes deveres esquecido,
 Com braço armado, temo que se atreva
 Contra seu proprio pai.

AFFONSO.

Nem tal profiras :

Não faças a meu filho essa injustiça :
 De tão feio attentado basta a idéa
 Para me horrorisar. Ide ligeiros
 Fazer que as minhas ordens se executem.
 Ah ! Se alguém se atrevesse a contravi-las,
 Seu tremendo castigo serviria
 De memorando exemplo ao mundo inteiro.



ACTO TERCEIRO.

SCENA 1.^a

IGNEZ, só.

Miseranda!.. Que trance! Oh desventura!..
 Oh sentença cruel!.. Venceste, ó Fado.
 Apraziveis lugares, testemunhas
 Do mais ardente amor, ah! para sempre
 A malfadada Ignez de vós se aparta...
 Quanto fôra melhor, quanto mais doce
 Deixar a vida, que deixar o amante!..
 Que!.. Eu... deixar o amante?.. Oh caro esposo!..
 Oh Ceos! podeis manda-lo, ou permiti-lo?
 Sereis tambem crueis como os humanos!
 Condemnareis os mesmos, que soprastes,
 Sentimentos d'amor, da natureza?
 Para hum castigo tal quaes são meus crimes?..
 Se me queres punir, Deos de vingança,
 Os raios tens nas mãos, accende os raios,
 Meu terno coração reduzê ao nada;
 Mas d'outro coração, a que o ligaste,
 Separa-lo jámais.... Ah! nem tu mesmo,
 Nem tu, que podes tudo, tanto podes...
 Que proferes, blasfema! Aos Ceos te atreves?..

Oh virtude ! Oh razão ! Desamparais-me ?
 Onde, Ignez, onde está tua constancia ?
 Aos teus deveres torna, entra em ti mesma,
 Orgão do Ser Supremo, hum rei te ordena,
 Que do esposo te apartes ; não resistas :
 He força obedecer, enfiêa n'alma,
 Suffoca as afflicções, cala os queixumes :
 Co'as desgraças os crimes não mistures :
 Mas deixa-lo !.. Ai de mim !.. Deixa-lo !.. Agora,
 Agora he que eu conheço as furias todas,
 Toda a força d'amor : elle triumphha
 Da razão, da virtude, e dos Ceos mesmo.

SCENA 2.^a

IGNEZ, e ELVIRA.

ELVIRA.

Senhora... (Ai triste !.. o pranto me suffoca !)
 Se he certo que impias ordens te condemnão
 A deixar Portugal, a triste Elvira,
 Que protestou viver, morrer contigo,
 Sempre junto ao teu lado, a qualquer parte
 A que te arroje a sorte, ha de seguir-te :
 Confio que esta graça me concedas.

IGNEZ.

Ah ! Não venhas juntar aos meus pezares
 O quadro da amizade consternada :
 Para esmagar-me o coração sensivel
 Bem basta amor, a natureza basta.

Não posso resistir a tantos males ,
 Aos golpes da saudade , que retalhão
 Da atribulada Ignez o peito afflicto.
 Mais pranto com teu pranto não me arranques ;
 Que a hum terno coração inda mais custão
 As lagrimas , que move , que as que verte.
 He mesmo o ser amado hum bem funesto ,
 Que exacerba a desgraça aos desgraçados.

ELVIRA.

He possivel haver almas tão duras ,
 Que hum tão sensivel coração flagellem !...
 Mas ah !.. Porque aos pezares succumbimos ?
 D. Pedro he teu esposo ; elle ha de oppôr-se ,
 Defensor poderoso , em teu soccorro ;
 Ha de frustrar da tyrannia as ordens ;
 Nelle pois confiemos : a excita-lo
 Bastarão tuas lagrimas...

IGNEZ.

Que dizes !
 Que terrivel idéa me despertas !
 Em vez de confortar-me , vens , Elvira ,
 Abater-me a constancia , aconselhar-me
 A que contra seu pai revolte hum filho ?...
 Ah ! não... Embora Ignez infeliz seja ;
 Mas nunca origem de rebeldes crimes :
 Amortecida já , mas inda accesa
 Brilha a luz da razão dentro em minha alma.
 Não consintas , oh Ceos , que amor a apague ;
 Fortalecei meu peito. Sim , eu devo ,
 Eu devo submetter-me ao meu destino :

Cumprãg-se as duras leis do duro Fado :
Amargurada irei longe do esposo
Acabar entre as garras da saudade...
Porém os caros filhos... Ah! commigo,
Commigo os levarei. Doces penhores
Do mais constante amor, sereis ao menos
Na minha adversidade terno allivio...
Entre os meus braços sempre, sempre unidos
Da inconsolavel mãe ao peito anciado,
Cobertos de caricias, de suspiros,
Banhados com meu pranto, em seus semblantes
O semblante verei do esposo ausente.
Aprenderão de mim... Mas ah! que digo!...
Queria eu acaso, associando
Ao pavoroso horror do meu destino
O destino dos filhos innocentes,
Tolher sua ventura?... Não; entregues
De seu pai aos desvelos, abrigados
Á sua sombra fiquem; lembrem-lhe elles
A miserrima Ignez continuamente...
O retrato da mãe nos filhos veja;
Que eu memorias do esposo não careço:
No coração gravada a sua imagem,
Ante os meus olhos sempre ha de seguir-me,
Ha de, em quanto viver, viver commigo,
E commigo baixar á sepultura.

SCENA 3.^a

D. PEDRO, IGNEZ, e ELVIRA.

(Ignez apenas vê D. Pedro, busca enxugar as lagrimas. Elvira affasta-se para o fundo da scena, e pouco depois retira-se.)

PEDRO.

Ignez, querida esposa... Mas que vejo !...
 Debalde buscas enxugar teu pranto :
 Aos olhos de hum amante nada escapa.
 Impressas no teu rosto bem diviso
 As afflicções, que o coração me partem.
 Que motivo... Mas devo eu pergunta-lo ?
 Não sei assáz a origem dos teus males ?...
 Eu sou, sim, sou eu mesmo o teu flagello ;
 Mas o teu defensor, o teu esposo :
 Nada receies pois, nada te afflija...
 Porém as tuas lagrimas se dobrão ?..
 Oh Ceos !

IGNEZ.

Amado esposo, não repares,
 Não te afflijas co'as lagrimas que choro :
 As tuas expressões, tua presença
 Aggravão minha dôr, meu pranto augmentão.
 Ah ! pelos tristes olhos sahir deixa
 Meu coração em lagrimas desfeito.

PEDRO.

Antes em borbotões todo o meu sangue
 Eu quero ver correr, do que o teu pranto.

De tua alma desterra vãos temores,
 Extermina os pezares, não succumbas
 A males transitorios, que te opprimem.
 Os caprichos do Fado, a desventura
 Calcaremos aos pés : sim, cara esposa,
 Sempre unidos seremos venturosos.

IGNEZ.

Unidos dizes tu ?.. Oh Ceos !.. Unidos ?..

PEDRO.

Pois quem, quem poderia separar-nos ?

IGNEZ.

O rigor... Ai de mim ! Que vou dizer-te ?.
 Que raio a triste Ignez vai fulminar-te ?..
 Poupar teu coração, oh Ceos, quizera ;
 Porém eu a deixar-te não me atrevo,
 Sem que te diga adeos... Ah ! caro esposo !
 Aperta-me em teus braços, e recebe
 As minhas derradeiras despedidas.

PEDRO.

Que escuto !.. Que acontece ?.. Ignez, que dizes ?

IGNEZ.

Para sempre de ti vou separar-me.

PEDRO.

Separar-te de mim !

IGNEZ.

Atroz conflicto !..

Caro Principe, esposo, não te esqueças

Da desditosa Ignez... Mas ah! Que digo!
 Esquece-me se podes; sê ditoso;
 Vive, vive feliz. Eu só te rogo,
 Que dos queridos filhos te encarregues;
 Que affagues sua infancia, que os ampares;
 Que os defendas da inveja, da impiedade:
 Não cogites de mim, d'elles só cuida;
 He forçoso ceder ás leis do Fado:
 Longe de ti, mirrada de saudades,
 Vou exhalar meus ultimos suspiros.

PEDRO.

Oh desesperação! Que idéa horrivel
 Surge dentro em minha alma! Acaso (eu tremo!)
 Atrever-se-ha meu pai...

IGNEZ.

Aos seus preceitos
 Obedecer devemos: intimados
 Me forão já: de Portugal banida,
 Partir devo hoje mesmo para Hespanha.

PEDRO.

Oh furias! He possivel? rei tyranno,
 Não levarás ávante os teus projectos...
 Nem elle, nem os Ceos, nem os Infernos
 Poderão arrancar-te de meus braços.
 Desengana-lo vou, parto a fallar-lhe:
 Trema o cruel de mim, se não revoga
 A barbara sentença.

IGNEZ.

Oh Ceos! Que fazes?

SCENA 4.^a

D. PEDRO, IGNEZ, e D. SANCHO.

SANCHO.

Teu pai, senhor, te busca : tudo prestes
Para voltar á côrte... Mas que vejo !
Elle mesmo he que vem.

PEDRO.

Querida esposa,
Retira-te, eu t'o rogo... Nada temas.

IGNEZ.

Eu me retiro, sim ; mas só te imploro,
Que te lembres que és filho, e que és vassallo.

PEDRO.

Mas esposo tambem, que he mais que tudo.

SCENA 5.^a

D. AFFONSO, D. PEDRO, e D. SANCHO.

AFFONSO.

Então, quem n'estes sitios te demora ?
Eia, segue-me já.

PEDRO.

Quem, eu !.. Seguir-te !..
Abandona-la ! Não, não te obedeco.

AFFONSO.

Que escuto, oh Ceos!

PEDRO.

Inda não disse tudo.

Attende-me, senhor : he necessario
 Declarar-me contigo, o véo se rasgue ;
 He tempo, he tempo em fim, que me conheças.
 Entra em meu coração desesperado,
 De virtudes capaz, capaz de crimes,
 Se a crimes o excitar a tyrannia.
 Sabes que adoro Ignez, e projectavas
 Rouba-la ao meu amor ? Que infernal furia
 Te aconselha a punir huma innocente,
 Que he só culpada, se a virtude he crime ?
 E esperavas acaso, que eu pudesse
 Covarde tolerar seu menor damno,
 A injustiça maior, sem defende-la,
 Sem oppôr-me aos designios da impiedade ?
 Eu fôra dos mortaes o mais abjecto,
 Se deixasse opprimir...

AFFONSO.

Ah ! não prosigas :
 Emmudece, rebelde. Não sei como
 Reprimir posso a colera... Que arrojo !..
 Ousas tu murmurar dos meus decretos ?..

PEDRO.

Não só murmuro, atrevo-me a frustra-los.
 A razão, e os Ceos mesmos me authorisão.
 Defendo a minha esposa.

AFFONSO.

A tua esposa !..

PEDRO.

A minha esposa, sim. Sabe que os laços
Do sagrado consorcio a Ignez me ligão.
Intentarias pois inda opprimi-la ?..

AFFONSO.

Não julgues illudir-me, não te creio :
A tão futil ardil em vão recorres.
Que ! esposa de meu filho huma vassalla !..

PEDRO.

Huma vassalla, sim, para quem fôra
Do mundo todo o imperio inda pequeno :
Não duvides, senhor. Que encontras nella,
Que indigna de teu filho julgar possas ?
Eu não quero fallar do regio sangue,
Que, dos teus ascendentes derivado,
Lhe circula nas veias : outros dotes
Mais bellos, mais sublimes a ennobrecem :
Vassalla, a quem os Ceos pródigos derão
Todas as perfeições, que os Ceos dar podem,
Para ser do teu filho digna esposa ;
Ser filha de monarchas não precisa.
Se Ignez he virtuosa, que lhe falta ?
Quem mais digna do throno, que a virtude ?
Mas dos seus predicados prescindamos.
Castro he minha consorte, tanto basta ;
He princeza, por tal a reconhece,
E o decoro lhe guarda, de que he digna.

AFFONSO.

Sim, tratada será como merece...
Brevemente o verás.

PEDRO.

Olha o que fazes...

Não queiras constranger-me inexoravel
A perpetrar horriveis attentados :
Se como pai benigno, e rei clemente,
Praticares commigo, has de em mim sempre
Encontrar hum vassallo respeitoso,
E hum filho obediente ; mas se acaso
Insistes em roubar-me a cara esposa,
Hum mortal inimigo em mim contempla,
Que, cégo, furioso, e desesperado,
Sem attender senão aos seus transportes,
Será capaz de horrendos sacrilegios.
Evitando-os, atalha huma injustiça :
Revoga pois a barbara sentença.

AFFONSO.

Sim, por outra mais justa, revogada
(Descança) ella vai ser. Espadanando
Ha de em teu coração da infame o sangue
As chammas apagar, que te devorão.

PEDRO. (*Desesperado.*)

Primeiro que o seu peito a ferir chegues,
Hão de ser-me as entranhas arrancadas :
Ha de em rios correr todo o meu sangue...
E o teu sangue tambem, se fôr preciso.

AFFONSO.

Oh Ceos !.. Tremo de horror !..

SANCHO.

Senhor, que fazes ?

Ousas contra teu pai ?

PEDRO.

Ah ! que proferes ?

Pai ? Eu tenho inda pai ?.. (*a D. Affonso, no mesmo frenetico arrebatamento.*) Não, não, tyranno, Tu meu pai já não és : não sou teu filho... Hum cruel como tu... Porém que digo !.. Com quem fallo ?.. Onde estou ?.. Quem me arrebatá ! O inferno, as furias todas me espedação... Quem falla não sou eu, trovejão ellas... Sacrilego !.. que fiz !..

AFFONSO.

Ceos, estais surdos !..

Onde os raios estão, que inda não chovem
Sobre hum monstro, que tanto os desafia ?
Vingança !.. Maldições !..

PEDRO.

Tudo mereço.

Ah ! Se os Ceos inda immoveis não fulminão,
He talvez que, assombrados de escutar-me,
A desprender os raios não se atrevem.
Debaixo de meus pés tremendo a terra,
Quer abrir-se, e não ousa devorar-me...
Até mesmo os abysmos se horrorisão
De hum monstro, que soltou tantas blasphemias...

Oh terror !.. Oh remorsos !.. Crime horrendo !..
 Mas sabe o Ceo, Senhor, que, involuntarias,
 Não teve o coração parte nas vozes,
 Que por meus labios despejou o Inferno...
 O Inferno todo, que no peito encerro.
 Não me julgues capaz... Porém que digo ?..
 Infeliz !.. Desculpar-me intento ainda ?..
 Horror da natureza, e de mim proprio,
 Nem me atrevo, Senhor, a supplicar-te
 O perdão... Não, eu d'elle não sou digno.
 Do pezo da existencia me allivia ;
 Vinga da natureza as leis sagradas,
 O respeito devido á magestade,
 Que atropellei feroz : eterno exemplo
 Tu debes dar em mim ao mundo inteiro.
 Salpicadas de sangue estas paredes,
 Que ouvirão minha voz blasfemadora,
 Aos seculos vindouros apregoem
 Meu lastimoso fim : ao vê-las tremão
 As gerações futuras de imitar-me. (*Prostra-se aos pés
 de Affonso.*)

Eis-me a teus pés prostrado ; vibra o ferro ;
 Eis meu peito, retalha-o : não te lembres
 Que foste já meu pai... sou delinquente :
 Lembra-te só que és rei, castiga o crime.
 Porém... ah ! não flagelles a virtude...
 Se me debes punir como culpado,
 Ignez como innocente absolver debes.
 Não me custa morrer ; porém não posso,
 Não posso consentir, que Ignez padeça... (*Levanta-se
 e prosegue encolerizado.*)
 Nem ha de padecer, em quanto eu viva.

Pertender separar-nos he debalde ;
 Té duvido que a morte possa tanto... (*Tornando em si.*)
 Releva ao meu amor estes transportes... (*Do tom mais
 pathetico.*)
 Eu sou sensivel... amo... e sou amado.

AFFONSO.

Todos os meus sentidos perturbados,
 Cheio de ira, e de horror... nem fallar posso...
 Affastem-me da vista esse rebelde.
 Ao proximo castello conduzido,
 Seja em prizão segura afferrolhado :
 Sua guarda, D. Sancho, eu te confio ;
 Em quanto justicoso, inexoravel,
 Em conselho d'estado não decido
 Qual ser deva o castigo de seus crimes,
 E o supplicio da infame, que os motiva.
 Treme do meu furor, malvado, treme :
 Este dia talvez, dia horroroso !
 Será na longa serie das idades,
 De eterno espanto a Portugal, e ao mundo. (*Vai-se.*)

SCENA 6.^a

D. PEDRO, e D. SANCHO.

PEDRO.

Inda mais horroroso, do que pensas,
 Certamente será, se não desistes
 De tão crueis designios. Que impiedade !
 O supplicio d'Iguez ! Da minha esposa !...

Como posso deixar de rebellar-me ?
 Como evitar hum crime necessario,
 Que o dever, e a ternura me prescrevem ?..
 Hum crime disse ?.. Ah! não; longe os remorsos;
 Defender huma esposa não he crime;
 Crime fôra deixa-la ao desamparo.
 Longe, maximas vãs, leis oppressivas,
 Que a tyrannia impoz sobre a ignorancia.
 Nada se deve aos pais pela existencia:
 Os desvelos depois, seus beneficios,
 São os titulos só, que lhes conferem
 Á nossa obediencia hum jus sagrado.
 Meu coração revoca os seus direitos:
 Arrependo-me só de arrepender-me
 Pelos ter justamente sustentado.
 Querias, rei cruel, afferroiñar-me
 Em segura prizão, para a teu salvo
 Me poderes roubar a cara esposa ?..
 Debalde o projectaste, não...

SANCHO.

Deliras ?..

Que intentos são os teus ?.. Resistir queres
 Ás ordens de teu pai, que enfurecido...

SCENA 7.^a

D. PEDRO, D. SANCHO, E D. IGNEZ.

IGNEZ.

Esposo, que fizeste ?.. Oh Ceos, eu tremo !..
 Da tua voz medonha horriveis echos

Inda n'estas abobadas retumbão ;
 De furor suffocado ; o rosto em fogo ,
 Affonso espavorido , a longos brados
 Chama pelos atrozes conselheiros :
 Certamente , faltando-lhe ao respeito ,
 Lhe exacerbaste as iras. Que fizeste ?

PEDRO.

Menos inda talvez do que devia.
 Não te importe o que fiz , faze o que digo.
 As furias não receies do tyranno ;
 Vai subito buscar os tenros filhos ,
 E dispõe-te a seguir-me.

IGNEZ.

Como !.. aonde ?..

PEDRO.

Deixemos estes sitios , onde imperão
 A discordia , a injustiça , a iniquidade.
 Evitemos o extremo dos horrores :
 Acompanha-me , esposa , se não queres
 Ver-me inda parricida.

SANCHO.

Oh Ceos !

IGNEZ.

Que insania !

Ah ! Que dizes ? Que intentas ?

PEDRO.

Defender-te ,
 E possuir-te em paz ; poupar-me ao crime.

A tua vida, Ignez, ameaçar ousão :
 Affonso pertendia encarcerar-me,
 Talvez para ordenar o teu supplicio :
 Atreveo-se a dizer-mo : he necessario
 Fugir-lhe, ou repellir com braço armado
 Seus barbaros designios : eia, vamos,
 Não te demores mais.

IGNEZ.

Eu desfalleço !...
 Desgraçada !... Onde queres conduzir-me ?

PEDRO.

Se necessario fôr, ao fim do mundo :
 A meu lado segura, em qualquer parte
 Seremos venturosos ; ermas grutas,
 Morada simples de prazeres puros,
 Mais gratas nos serão, que aureos palacios,
 Habitação fatal dos males todos.

IGNEZ.

Que me propões, Senhor, a voz me falta...

SANCHO.

Ah, principe ! contempla o precipicio
 Em que vás despenhar-te, e a que me arrastas.
 Responsavel por ti...

PEDRO.

A nada attendo. (*Para D. Sancho.*)
 Podes tambem, querendo, acompanhar-nos.
 Sim, eu te rogo, vem... De cãs coberto
 Tens conhecido assáz o ar pestilente,

Que nas côrtes costuma respirar-se,
 Halito venenoso, que derramão
 A traidora lisonja, a fraude, a intriga,
 Que em torno aos solios quasi sempre girão.
 Longe de tanto horror, ah, vem ao menos
 Gozar em paz o resto de teus dias..

SANCHO.

Feliz eu, se hontem fosse o derradeiro !
 Ah ! Querias que proximo ao sepulchro
 Fosse ao meu rei traidor ? que concorresse
 Para um tal desatino ?.. Eu, que incumbido
 Da tua educação (funesto emprego)
 Por elle mesmo fui, socio seria
 Em teus crimes, soffrendo que infringisses
 Teu dever !..

PEDRO.

Qual dever ? Fúteis chimeras :
 O primeiro dever he ser ditoso,
 He seguir d'alma o natural instincto.
 Vamos, querida Iñez.

IGNEZ.

Oh Deos ! Que trance !..
 Frenetico... ai de mim !.. Que premeditas ?
 Teu nome, tua gloria offuscar queres ?
 Seria a triste Iñez tão desgraçada,
 Que, origem de teus crimes, tolerasse
 A infamia de te ver por seu respeito
 A patria abandonar, e o throno excelso ?..
 Ah ! que diria o mundo..

PEDRO.

Que diria ?

Que o esplendor do solio não deslumbra
 Huma alma como a minha. Eu nada perco
 Em deixa-lo por ti, não, cara esposa ;
 Vale mais ser feliz, que ser monarcha.

IGNEZ.

E pode ser feliz, quem atropella
 Da sociedade as leis, do sangue as vozes ?
 Ah ! Desiste, Senhor, de teus projectos ;
 Obedece ao teu rei : jámais esperes,
 Que eu approve, ou consinta os teus delirios ;
 Nem te deixo partir, nem te acompanho...
 Eu não quero roubar a hum pai seu filho,
 Nem tolher a ventura aos Lusitanos,
 Privando-os do melhor dos seus monarchas.
 Se os meus rogos...

PEDRO.

Teus rogos são inuteis :

Que ! recusas, Ignez, acompanhar-me ?..
 Ah ! não vês n'estes sitios horrorosos
 Girar em torno a nós a morte, e os crimes !

IGNEZ.

He para os evitar que eu te não sigo.
 A honra, a gloria valem mais que a vida.
 Entre os crimes, e a morte, a morte escolho.
 Mas, ah ! porque tão proxima a divisas ?
 Decretou-ma teu pai ? Nada me encubras :
 Sabe elle já que em vinculo sagrado...

PEDRO.

Tudo lhe revelei : mas o tyranno,
Fingindo não poder acreditar-me,
Orgulhoso, tenaz em seu capricho,
Ameaçou-me... que horror ! com teu supplicio ;
E, para a seu sabor poder julgar-te,
Em segura prizão manda encerrar-me
No proximo castello. He pois forçoso...

IGNEZ.

Obedecer-lhe , sim.

PEDRO.

Obedecer-lhe ?..

IGNEZ.

Indispensavel he , vai , caro esposo ;
Submisso aos paternaes regios preceitos,
Eu t'o rogo , Senhor , á prizão corre.
Outro meio não tens para salvar-me,
Nem eu por outro meio a vida quero :
Outra vez t'o asseguro , eu não te sigo ;
Jámais conseguirás...

PEDRO.

Basta : não queres
Estes sitios deixar ? Queres ver n'elles
Derramados por mim rios de sangue ?..
De huma austera virtude enthusiasmada,
Ao parricidio , em fim , queres forçar-me ?
Pois bem , a perpetra-lo estou disposto.
Eu vou , sim , eu vou já...

IGNEZ.

Cruel, detem-te :
 Meus gemidos, meu pranto já não podem
 Mover-te o coração, domar-te as fúrias ?
 Onde o imperio, que Ignez tinha em tua alma ?

PEDRO.

Não te cances, debaide são agora
 Teus rogos, o teu pranto, os teus gemidos :
 Este dia horroroso é consagrado
 Á desesperação, ao crime, á morte.
 Inflammado em meu peito, só com sangue
 Das fúrias o tição póde apagar-se.
 Impedir ninguem pode, nem tu mesma,
 Os golpes espantosos, que o meu braço
 Vai já descarregar.

IGNEZ.

Por mim começa.

Rasga-me o coração, da esposa o sangue
 Seja o primeiro sangue, que derrames ;
 E, se elle não bastar a saciar-te,
 Aos sacrilegios todos te arremeça...
 Que horror ! Nem ousos em ti fitar meus olhos.
 És tu ? Não, tu não és o meu esposo ;
 O meu esposo detestava os crimes :
 Eu amava hum consorte virtuoso :
 Virtudes já não tens, já te não amo.
 Vai, monstro sanguinario... Mas que disse ?
 Eu deixar de te amar ? Não me acredites :
 O terno coração desmente as vozes,
 Que, a meu pezar, de ouvir-te horrorizada,

Sem tino proferi... Olha o meu pranto. (*Prostra-se, e abraça-se com os pés de D. Pedro.*)

Abatida a teus pés, co' elles me abraço...

Ou tu has de ceder aos meus lamentos,

Ou ver-me aqui morrer, e aos pés calcar-me.

PEDRO.

Oh Ceos!.. querida esposa. (*Enternecido, querendo levantar D. Ignez.*)

IGNEZ.

Eu não te deixo,
D'aqui me não levanto, sem primeiro
De tua alma banir as negras furias;
Sem que tu me promettas obediente
Ir subito cumprir as regias ordens.
Ah! se tu amas inda as minhas preces,
Não has de resistir...

PEDRO.

Nem já resisto. (*Levanta D. Ignez.*)
Deixar de obedecer-te, ah! quem, quem póde?..
Para a prizão já parto. (*A D. Sancho.*) Amigo, vamos.
(*Voltando-se para D. Ignez, e com a maior ternura.*)
Poderás duvidar inda do imperio
Que em meu coração tens?

IGNEZ.

Oh Deos! Conforto! (*Voltando-se ternissimamente.*)
Não me retalhes mais o peito afflicto. (*Affectando tranquillidade.*)

Á tremula razão ceda a ternura ;
 Não te demores mais...

PEDRO.

Mas tu...

IGNEZ.

Socega ;

Nada temas por mim : o Céu me inspira
 Os meios de abrandar de Affonso as iras.
 Irei c'os filhos a seus pés prostrar-me :
 Ninguém resiste á voz da natureza :
 Por mais duro que seja o seu character,
 Se tem hum coração, ao ver os netos
 Abraçados em mim, chorar commigo,
 Não poderá deixar de commover-se,
 De perdoar-me em fim ; nada receies.
 Adeos, esposo, adeos. (*Muito a seu pezar precipitada-
 mente se retira.*)

PEDRO.

Ceos ! que supplicio ! (*Parte
 para a prisão com D. Sancho.*)



ACTO QUARTO.

SCENA 1.^a**COELHO, e PACHECO.****COELHO.**

Vão decidir-se em fim nossos destinos :
Este o dia arriscado, em que a fortuna
Segura mão nos dá, ou nos despenha :
Ou morre Ignez de Castro, ou nos perdemos.
Resolutos a tudo, he necessario
Os p'rigos affrontar ; deve hum válido,
No cume da grandeza vigilante,
Aos adversarios seus tramando a ruina,
Primeiro que o derrubem, derruba-los ;
O futuro prever, prever a intriga,
E destro em conhece-la e maneja-la,
A vida antes perder que o valimento.
Nosso plano atéqui tem produzido
O desejado effeito. Affonso irado,
O principe em prizão, tudo parece
Prometter-nos hum exito ditoso.
Tens tu já prevenido, alliciado
Os poucos conselheiros, que nos restão ?
Constantes votarão de Ignez a morte ?

PACHECO.

Apenas lho propuz, m'ò assegurárão,
 Dependentes de nós em gráo mais baixo,
 A hum leve aceno autómatos flexiveis,
 Echos da nossa voz, a nosso grado
 Amoldando-se a tudo, a tudo prestes,
 Servir nossos caprichos tem por gloria.
 Entre todos D. Sancho unicamente,
 Velho estoico, singello em demasia,
 Que as honras, e os empregos menoscaba,
 Poderá combater nossos designios ;
 Mas Alvaro Gonçalves, que se int'ressa
 Igualmente que nós d'Ignez na morte,
 Se incumbio de sonda-lo e persuadi-lo.

COELHO.

Desnecessario he, que, encarregado
 Da guarda de D. Pedro, elle não pode
 Ao conselho assistir. Nada mais resta
 Do que azedar a cólera de Affonso,
 Dar-lhe a beber na taça da Justiça
 Adoçado veneno, que o perturbe,
 E a voz da compaixão d'alma lhe affaste.
 Convém não perder tempo : aproveitemos
 Propicia occasião, que fugir pode :
 Vamos...

PACHECO. (*pensativo.*)

Espera...

COELHO.

Que ! tu desfalleces !

PACHECO.

Confesso que, algum tanto perturbado,
 O coração não sei, que me annuncia...
 Calculemos melhor sobre o futuro.
 Inda mesmo suppondo inevitavel,
 Suscitada por nós, de Castro a morte,
 He de temer, que o principe ferido
 Na parte mais sensivel da sua alma,
 Raivando inexoravel, desesp'rado
 Sobre nós descarregue atroz vingança.
 Quem poderá suster ?..

COELHO.

Tarde receias :

Nas bordas já do aberto precipicio,
 He preciso transpo-lo, ou cahir n'elle :
 Retroceder o passo não podemos.
 Assáz já sabe o principe quaes sejam
 As nossas intenções, nossos conselhos ;
 Seu odio contra nós he já sobejo.
 Que lucraremos pois, se ora cobardes
 Da começada empreza desistirmos ?..
 Apressar nossa ruina, exacerba-la ?
 Se foi razão bastante, a conspirar-nos
 Contra a vida de Ignez, justo receio
 De ver hum dia alçada sobre o throno
 A irmã de nossos feros inimigos,
 Que em nosso damno então fartar podessera
 A perpetua aversão, que nos jurarão ;
 Se a nossa ruina assim era infallivel,
 Quanto mais o será tendo attrahido
 Do principe o rancor !.. Proseguir firmes

He sómente o recurso que nos resta.
 Morta Ignez, com o tempo talvez possa
 O principe, esquecendo-a, sujeitar-se
 Ao consorcio, que Affonso lhe prescreve,
 E, apagada a paixão, ver-nos sem odio.
 Ou victima talvez d'amor infausto,
 De saudades mirrado, não podendo
 Sobreviver a Ignez idolatrada,
 D'Ignez á sepultura a dôr o arraste.
 Affonso ha de entretanto defender-nos ;
 E se acaso abortarem finalmente
 Nossos designios todos, então mesmo
 Não me hei de arrepender de os ter forjado ;
 Antes quero morrer, inda o repito,
 Do que ser por meus émulos calcado,
 Contemplados irmãos d'huma rainha.

PACHECO.

Sentimentos iguaes me fervem n'alma ;
 Eia, tudo se arrisque ; prosigamos :
 Descarregue-se o golpe derradeiro,
 Inda que, errando-o, sobre nós desfeche.
 Eu parto a congregar os conselheiros,
 Segurar inda mais todos os votos ;
 E tu no emtanto ao rei procura, e move ;
 Sua colera atiga ; que eu não tardo,
 Juntos os do conselho, a vir chama-lo.

COELHO.

Bem : não poupes promessas, nem t'esqueça
 Desculpar ante o rei sempre a D. Pedro,
 Fazendo recahir de seus arrojós

Sobre Ignez tão sómente a culpa toda.

Affonso para aqui dirige os passos...

Não percas tempo, vai. (*Pacheco se retira, e D. Affonso entra na scena pensativo.*)

SCENA 2.^a

D. AFFONSO, e COELHO.

AFFONSO.

Crueis remorsos !

Horroroso castigo de meus crimes !..

Que tropel de afflicções, que acerbos males

Vem funestar o resto de meus dias !..

Infeliz pai !.. Monarcha desgraçado !

COELHO.

Releva-me, Senhor, que ouse, pungido

Da dôr, em que o meu rei vejo abismado,

Recordar-te que deves mitiga-la.

Tua vida, Senhor, não he só tua,

Do teu povo he tambem : ah não, não queiras

Á força de afflicções abbreviar-lha.

Sei quanto custa a hum rei ouvir blasphemias

De hum filho, que feroz o não respeita :

Mas deves ponderar, que hum tal arrojo

Tão desculpavel he, quanto he violenta

A funesta paixão, de que instigado

Teu filho, a teu pezar, o perpetrára ;

Delicto involuntario...

AFFONSO.

O seu delicto

Não he só filho da paixão que o cega :
 Força maior o arrasta aos sacrilegios :
 Mais que o seu ímpio arrojo, o que me afflige,
 He vêr que assáz mereço hum tal castigo,
 Das maldições celestes justo effeito.
 Oh remorsos crueis !.. Era forçoso
 Que hum filho de tal pai fosse rebelde.
 Mais do que elle rebelde, filho ingrato
 Eu fui, eu fui tambem... Ardendo em furia
 Atrevi-me, que horror ! a tomar armas
 Contra Diniz meu pai ; movi-lhe a guerra,
 Sublevei-lhe os vassallos, asolei-os ;
 Cavei-lhe assim feroz a sepultura ;
 Todas as leis calquei da natureza,
 A natureza agora quer vingar-se.
 De hum pai, que contra o pai se revoltára,
 És sim, filho rebelde, és digno filho !
 Mais me soffreo Diniz do que eu te soffro ;
 Mas tu has de igualar meus attentados,
 Inda os has de exceder ; talvez já tardas !
 Nem vós podeis, ó Ceos, jámais impunes
 Sacrilegios deixar tão execrandos.
 Dos avós implacaveis vingadores
 São, por justo castigo, quasi sempre
 Máos filhos os do pai, que foi máo filho.
 Diniz ! Grande Diniz ! Sombra iracunda !
 Terrível sombra, que ante mim voltêas !
 Sobre a minha cabeça criminosa,
 Por mão do ousado neto, descarrega

O já tardio, merecido golpe...
 Ah! Sim... bem vejo... ameaçador me apontas
 O tremendo futuro, que m'espera...
 Que flagello! Que horror! Que mar de sangue!..
 Tristes vassallos meus! Ah filho! filho!
 Suspende...

COELHO.

Que delirio te arreбата?..

Teu grande coração sentir não deve
 Remorsos, que aos malvados só competem :
 Passadas, leves faltas não recordes ;
 Males não temas, que atalhar bem podes.

AFFONSO.

Porque não vens, ó morte, alliviar-me
 Do pezo da existencia, e de meus crimes !

COELHO.

Que seria de nós, se os Ceos te ouvissem ?
 Em desordens submerso, desolado,
 Comtigo Portugal acabaria.
 Os clamores escuta do teu povo,
 Conserva-lhe o seu rei ; tão necessário
 A teus tristes vassallos jámais foste :
 De mil calamidades ameaçados,
 Só lhes póde valer tua justiça.

AFFONSO.

E como ? De que modo evitar posso
 Desordens que a mim mesmo me soçobirão ?

COELHO.

Do mal a causa extincta, o mal expira ;

Extingue a causa pois de tantos males :
Em quanto existir Castro, que os fomenta,
Debalde intentarás dar-lhe o remedio.

AFFONSO.

Que dizes ? Condemnar Ignez á morte ?
Tão graves são seus crimes, que mereção...

COELHO.

Os seus crimes, Senhor... Ah ! por desgraça,
Nunca o mundo vio crimes que brotassem
Tão funestas, horriveis consequencias :
Desnecessario julgo referi-las ;
Tu bem as sabes, pois assáz te affligem.
Do principe artilosa seductora,
Se teu filho he rebelde, se he blasphemo,
Quem, senão ella, o força aos sacrilegios ?!
Não vacilles, Senhor ; o seu supplicio
Chega a ser, mais que justo, indispensavel.
Mas não basta, o que eu digo, a condemna-la :
Tens melhores, mais sabios conselheiros,
Que juntar já mandaste ; ouve os seus votos :
Que se elles zelo igual ao que me inflamma,
Por ti, pelo bem publico, tiverem,
Hão de todos unanimes rogar-te,
Que o supplicio de Ignez logo decretes ;
Pintar-te co'as mais negras, proprias côres
De Portugal a ruina, se o dilatas ;
As dissensões crueis, a horrivel guerra,
Que a vingativa Hespanha vai mover-nos,
E de que os teus vassallos, fatigados
Das recentes batalhas, já murmurão.

A viuva, que o esposo perdeu n'ellas,
 Não quer perder agora o caro filho,
 Nem o filho, que em lucto inda o pai chora,
 Desamparando a mãe, expôr-se á morte.
 Finalmente, Senhor, tudo te brada
 Que sacrifiques huma a tantas vidas ;
 Que deixes ao futuro eterno exemplo,
 Para que ninguem mais seduzir ouse,
 Á imitação de Ignez, corações regios.

AFFONSO.

Se assim o exige o publico socego,
 O conselho decida, o que fôr justo ;
 Que eu afflicto não sei o que obrar deva.

COELHO. (*Avistando Ignez ainda fôra da scena.*)

Que vejo ! Ignez !.. He muito ! Inda se atreve
 A vir apparecer-te ?.. Ah, melhor fôra
 Retirar-te, Senhor, sem dar-lhe ouvidos.

AFFONSO.

Vamos, sim... Porém não, devo escuta-la.

COELHO.

Talvez os do conselho já te esperem.

AFFONSO.

Vai tu juntar-te a elles, que eu não tardo.

SCENA 3.ª

D. AFFONSO, IGNEZ, ELVIRA, E DOIS MENINOS.

IGNEZ.

Chegai, filhos, chegai, vinde prostrar-vos
 Aos pés de vosso Avô ; vinde beijar-lhe
 Pela primeira vez a mão augusta. (*Prostra-se com os
 meninos aos pés de Affonso, e Elvira se retira.*)
 Eis, ó Senhor, os filhos de teu filho,
 Que vem com tristes lagrimas rogar-te,
 Que d'esta triste mãe te compadeças.
 Chorai, chorai commigo, tristes filhos,
 Intercedei por mim com vosso pranto,
 Pranto mais expressivo, do que as vozes,
 Que a vossa tenra infancia não permite :
 Ajudai meus lamentos, minhas preces,
 Impetrai meu perdão. Sim, rei clemente,
 Eis a mãe desgraçada de teus netos,
 Que abraçada com elles te supplica,
 Que a miserrima vida lhe conserve.
 Sei que vai decretar-se o meu supplicio !
 Alvo da intriga, victima da inveja,
 Temerosa, infeliz, desamparada,
 A morte já diviso, a injusta morte,
 Que raivosos, tyrannos conselheiros,
 Illudindo a piedade de tua alma,
 Fulminão contra mim... Que atrocidade !..
 Por que enormes delictos sou punida !..
 Amar, Senhor, teu filho, ser amada,
 Crime acaso será digno de morte ?

Imploro, ouso attestar tua justiça.
 Ah! consulta, Senhor, tua clemencia,
 Teu coração consulta, que elle mesmo
 Te ha de dizer, que a morte não mereço.

AFFONSO.

Levanta-te, infeliz... (*enternecido*) Oh natureza!
 (*Vai abraçar os netos, volta o rosto afflicto, e exclama:*)
 Oh de hum monarcha rigidos deveres!..
 Levanta-te, infeliz, (*levanta Ignez*) funesta origem
 Das crueis afflicções, que me consternão...
 Ao ver-te me enfureço... e me commovo...
 O pai quer perdoar-te... O rei não pode.

IGNEZ.

Ah Senhor, perdoar aos desgraçados
 He dos reis o poder mais doce, e augusto;
 Sim, do teu coração segue os impulsos;
 Triumphe a compaixão, e a natureza;
 Não te has de arrepender, por ser piedoso;
 Antes porém, se á morte me condemnas,
 Hão de eternos remorsos flagellar-te,
 Incessantes angustias consumir-te:
 De Portugal a gloria, as esperanças
 Vão sobre a minha campã espedaçar-se.
 Verás por ti mandado á sepultura
 Commigo, a teu pezar, descer teu filho.
 Matando-me, Senhor, ah, vê que o matas!
 Os nossos corações, unidos ambos,
 Tão ligados estão, que o mesmo golpe
 Que retalhar o meu, traspassa o d'elle;
 Existir hum sem outro não podemos..
 Por elle, e não por mim t'imploro a vida,

Sim, de rojo outra vez torno a abraçar-me (*prostra-se outra vez aos pés de Affonso*)

Com tuas regias plantas. Tem piedade
 Da esposa de teu filho. Ah, se não fossem
 Estas doces prizões, que me constrogem
 A viver infeliz, e amar a vida,
 Longe de instar por ella, sem queixar-me,
 Tranquilla recebêra o fatal golpe...
 Mas deixar para sempre, o que mais amo !..
 Sou esposa, sou mãe... Ceos ! Desfalleço ! (*abraça os
 filhos com a maior ternura, e afflicção.*)
 Queridos filhos... desgraçados orphãos !..
 E que será de vós quando vos falte
 A mais terna das mãis, o pai mais terno !..
 Ah ! Senhor ! Se inflexivel ao meu pranto,
 A minha situação te não commove,
 Presta ouvidos á voz da natureza :
 Mova-te a compaixão o desamparo
 D'estas victimas tenras, e innocentes :
 Elles culpa não tem dos meus delictos.
 Não te lumbres, Senhor, que são meus filhos ;
 Ah ! não : lembra-te só, que são teus netos...
 Mas tu choras ? Que vejo ! Os Ceos me ouvirão :
 Tuas lagrimas vem em meu soccorro,
 Ellas o meu perdão já me annuncião.
 Acaba de extinguir os meus temores,
 Dize, dize, Senhor, que me perdoas.

AFFONSO.

Não posso resistir... Oh quem podéra
 N'este instante deixar de ser monarcha !

SCENA 4.^a

D. AFFONSO , IGNEZ , SEUS FILHOS , E COELHO.

(Ignez , apenas avista Coelho , levanta-se atemorizada.)

COELHO.

Por ti, Senhor, se espera : vem, não tardes ;
Que já começa o povo a amotinar-se.

IGNEZ.

Oh Deos ! eu morro !

AFFONSO.

Ignez, não desesperes.

Inflexível não sou ; meu pranto o affirma ;

Mas não posso faltar aos meus deveres ;

Não sou senhor de mim, tenho vassallos ;

Perante elles, perante os Ceos, e a terra,

De tudo quanto obrar sou responsavel ;

Despotico não sou ; mas sou piedoso.

Tens Affonso por ti, n'elle confia :

Ao conselho d'estado vou eu mesmo

Tua causa advogar. Ceos inspirai-me.

SCENA 5.^a

IGNEZ , E SEUS FILHOS.

IGNEZ.

Debalde seductoras esperanças
Por mais tempo illudir-me já não podem

O coração me augura, que he chegado
 De meus dias o termo desastroso.
 Sim, proximos estais, queridos filhos,
 A perder vossa mãe... vinde a meus braços...
 Em breve... ai triste !.. em breve hão de faltar-vos
 Os maternas, ternissimos affagos...
 Para sempre vos deixo... para sempre...
 Cruel separação !.. dôr insoffrivel !..
 Horrosos momentos ! Ceos !.. Nem posso,
 Nem me atrevo... ai de mim ! a ver meus filhos :
 Quanto mais os contemplo, mais me afflijo...
 De todo sinto já faltar-me o alento...
 O coração rebenta... que anciedade !..
 Ah, parece que a morte... ella já chega...
 A descarnada mão... que horror ! Espera...
 Suspende, ó morte... deixa que primeiro...
 Meus filhos onde estão ?.. Quero inda vê-los...
 Cruéis, não m'os roubeis... Antes que morra,
 Ao menos huma vez quero abraça-los...
 Quem se atreve a arranca-los de meu peito ?..
 Ah ! barbaros !.. Meu sangue... Esposo ? Esposo ?..
 Onde estás, que não vens em meu soccorro !..
 Mas em vão... Já he tarde... a sepultura...

SCENA 6.^a

IGNEZ, SEUS FILHOS, E ELVIRA.

ELVIRA.

Que vejo, oh Deos ! (*corre para Ignez*)

IGNEZ. (*delirante ainda*)

Abertos os abismos...

ELVIRA.

Ignez... (que magoa!) Ignez...

IGNEZ.

Que!.. Quem me chama?..

És tu, Constança, És tu, que vens ainda

Da habitação da morte perseguir-me?

ELVIRA.

Torna, senhora, em ti... Já não conheces,

Não vês a triste Elvira?..

IGNEZ.

Quem!.. Elvira...

Es tu? aonde estou?.. Ah! que me queres?

ELVIRA.

Mitigar tua dôr, chamar-te á vida.

Os alentos recobra, as esperanças:

Serás inda feliz, verás em breve

Trocados em prazer os teus pezares.

IGNEZ.

Prazeres para mim!.. ah!..

ELVIRA.

Que! Não viste

As lagrimas do rei, que o teu indulto

No enternecido aspecto promettia?

Qual chimerico indulto !.. Nada esperes :
 Que importão suas lagrimas, que importa
 Que perdoar-me queira, se o rodêão
 Vis cortezãos, escandalo do throno,
 Algozes da innocencia, féros monstros.
 Seditos do meu sangue, que ardilosos
 Seu coração benigno senhorêão ?
 Elvira, a minha morte he infallivel ;
 Pouco pode tardar : antes que chegue,
 Toma, toma estes orphãos innocentes,
 Conduze-os á prizão ao meu esposo ;
 Entrega ao triste pai os tristes filhos,
 E dize-lhe que Ignez... Mas ah ! que faço ?..
 Retalhar quero do consorte o peito ?
 Co'a noticia fatal da minha morte
 O mortifero golpe antecipar-lhe ?..
 Ah ! não ; bem basta, que de dôr expire,
 Quando entrar n'esta lugubre morada,
 Onde, chamando em vão a extincta esposa,
 Tristes echos sómente lhe respondão,
 E tintas as paredes do meu sangue,
 Luctuosos vestigios da consorte
 A cada passo espavorido encontre.
 Então, Elvira, então he que eu te rogo
 Lhe digas... *(olhando atemorizada em volta da scena)*
 Ah ! parece que ouço passos...
 Serão talvez meus barbaros verdugos...
 Que cheios de furor, ardendo em raiva
 Venhão cevar-se no meu sangue ?.. Ai triste !..
 Ei-los que chegão... não m'engano... Elvira !

Vamos na minha camara encerrar-nos :
 Lá melhor poderei recommendar-te
 O que exijo de ti ; sim , vamos, filhos,
 Quero morrer ao menos junto ao leito,
 Que tem sido até agora testemunha
 D'envenenados, rapidos prazeres,
 Dos continuos remorsos do meu crime,
 Das minhas afflicções, e do meu pranto.



ACTO QUINTO.

SCENA 1.^a

D. AFFONSO.

Que afflicção, que tumulto n'alma sinto !
 Vacillante, confuso, atribulado,
 Mal posso respirar. Ceos ! que tormento !
 D'hum lado a compaixão, d'outro a justiça...
 Formidavel justiça ! Em fim venceste.
 Satisfeito estarás, dever tyranno...
 O supplicio d'Ignez... Oh Deos ! e pude,
 Tremendo, subscrever da sua morte
 A rigida sentença !.. Eu me horroriso :
 Dentro em meu coração queixosas sinto
 Bradar a compaixão, e a natureza...
 Que ! surdo á sua voz, consentir devo,
 Que á morte, a meu pezar, severamente
 Seja a mãe de meus netos condemnada ?
 E por que crimes ? Por amar meu filho ?
 Ah não : he tempo ainda ; revoguemos
 A sentença cruel... Porém que faço ?..
 O público socego, o bem do estado,
 O popular clamor, o exemplo, tudo,
 Tudo em fim contra a triste me constrange,
 E me estorva o prazer de perdoar-lhe.

Ah! dura condição! pezado sceptro,
 E haverá quem dos reis inveje a sorte?
 Tormentoso lugar, terrível solio,
 Assento d'afflicções, e de amarguras;
 Desgraçados aquelles que te occupão!

SCENA 2.^a

D. AFFONSO, e D. SANCHO.

SANCHO.

Ah Senhor! Se teu filho inda te he caro,
 Se não queres privar os Lusitanos
 Do herdeiro augusto de teu throno, e gloria;
 Não percas tempo, evita, remedeia
 A desesperação, que o assassina.
 Eu conter já não posso os seus transportes,
 Nem vêr as afflicções, que o despedação:
 Humas vezes convulso, delirante,
 Scintillando furor, acceso em raiva,
 Morde, intenta romper os duros ferros
 Da prizão, que o retém, blasphema, e brama:
 Consternado outras vezes, abatido,
 Em profundo lethargo, entre agonias,
 Os olhos razos d'agua, o peito anciado,
 Succumbe á sua dôr, cahe, desfallece...
 Eis que subito agora por mim chama:
 » Vai, amigo, (me diz) corre apressado,
 » Saber da minha esposa, e de meus filhos.

- » Certamente os perversos conselheiros
- » Cusarão conspirar contra os seus dias :
- » Ah ! procura meu pai, por mim lhe falla ;
- » Por mim de Ignez o indulto lhe supplica ;
- » O estado, em que me vês, lhe representa ;
- » E se elle persistir inexoravel,
- » Protesta-lhe por mim... » Ah ! nem me atrevo
A referir-te...

AFFONSO.

Basta : não augmentes
A minha confusão. Oh Deos !

SANCHO.

Perdoa :

Tu silencio me impões ; mas eu não posso,
Não posso obedecer-te ; o grande risco,
Em que os dias do principe contemplo,
O amor, que lhe consagro, não permitem,
Que eu cesse de clamar-te que perdoes
Á miseranda Ignez, de cuja vida
A vida de teu filho está pendente.
Ignez já agora he de D. Pedro esposa...
E até digna de o ser. Não acredites
Damnados corações ; que seus contrarios,
D'inveja, d'ambição, de rancor cheios,
Intentão denegrir o seu character.
Vê, meu rei, que te illudem : crer-me deves,
Por meus labios fallou sempre a verdade.
Ignez huma alma tem singella, e nobre,
Sensivel de sobejo, a amar propensa :
Não pôde resistir a amar teu filho :

Seu delicto he só este, não tem outros ;
 D'outros não he capaz, e hum tal delicto,
 Quando tantas virtudes o acompanhão,
 He digno de perdão, he desculpavel. (*Prostra-se aos
 pés de D. Affonso.*)

Perdoa-lhe, meu rei, não diga o mundo,
 Que inflexivel, severo em demasia,
 Nem de teu filho á esposa perdoaste.

AFFONSO. (*depois de pensar hum pouco.*)

Não, não ha de dizer. (*chamando para dentro da scena*)
 Oh lá, D. Nuno! (*comsigo mesmo*)
 Deixar eu de ser pai por ser monarcha ?..
 Ah! não.

SCENA 3.^a

D. AFFONSO, D. SANCHO, e D. NUNO.

NUNO.

Que determinas ?

AFFONSO.

Apressado

Parte em busca de Iñez ; aqui ma envia ;
 E aos duros conselheiros participa,
 Que a sentença revogo : a Iñez perdôo.

SANCHO.

Graças, benigno rei!..

NUNO. (*partindo.*)

Oh feliz Castro !
Já proxima ao sepulchro á vida tornas.

SCENA 4.^a

D. AFFONSO , e D. SANCHO.

SANCHO.

Que escuto ! Á morte já sentenciada !..

AFFONSO.

Longe de nós lembrança tão funesta,
O principe vai pôr em liberdade ;
Que me venha abraçar ; Ignez he sua.

SANCHO.

Que jubilo ! Ah ! Senhor ! deixa, que eu banhe
(*prostra-se, e beija a mão do rei*)
Tua mão generosa com meu pranto,
Suave pranto, que o prazer me arranca. (*Levanta-se.*)
Eu vou... Sim ; a alegria azas m'empresta :
Vou levar a D. Pedro a feliz nova,
Restituir-lhe vou a paz, e a vida.

SCENA 5.^a

D. AFFONSO só.

Oh mil vezes feliz todo o que pode
Venturosos fazer os desgraçados !..

Desafogado o coração já sinto...
 Hum rei sómente he rei, quando perdôa.
 Minha alma d'antemão já saborêa
 O jubilo de Ignez, e de meu filho.
 D'hum, e d'outro os abraços, os transportes,
 A innocente alegria de meus netos...
 Delicia dos mortaes, oh Natureza!
 Cedão ás tuas leis as mais leis todas.

SCENA 6.^a

D. AFFONSO, e o EMBAIXADOR.

EMBAIXADOR.

Condoído, Senhor, da infeliz Castro,
 Releva que eu me atreva a supplicar-te,
 Que a decretada morte lhe perdoes :
 Eu sei, que a teu pezar foi condemnada,
 Satisfação que dás ao meu monarcha,
 Quando elle certamente, persuadido
 Da tua fidelissima amizade,
 Não quererá, Senhor, que lha confirmes
 Com o sangue de Ignez, que inda he seu sangue,
 Atrevo-me em seu nome assegurar-to,
 Rogando-te pratiques generoso
 A piedade, que he propria da tua alma.

AFFONSO.

Muito folgo de ver teus sentimentos
 Tão conformes aos meus; sim, eu espero,

Que o teu rei me não culpe de piedoso.
 A Igeuz já perdoei ; fiz mais ainda ;
 Reconheci-a de meu filho esposa.
 Não me atrevo a romper o nó sagrado ,
 Em que hymenêo , e amor os enlaçava ,
 Ignorado por mim , quando sincero
 O Tratado firmei , que promettia
 Com Beatriz de meu filho os desposorios,
 Deves pois ao teu rei fazer sciente ,
 Das razões poderosas , que os estorvão ;
 E por mim segurar-lhe ao mesmo tempo
 Constante , inalteravel amizade.

EMBAIXADOR.

Teu leal proceder , as razões todas ,
 Que a decidir assim te constrangêrão ,
 Lhe exporei fielmente , e não duvides ,
 Que tal resolução lhe agrade , e a louve.

AFFONSO.

Dictou-ma o coração , e de abraça-la
 Não me hei de arrepender : nunca a piedade
 Pode manchar as purpuras : se o mundo
 De Bruto inda com pasmo escuta o nome ,
 Mais saudoso de Tito o nome adora.
 Porém que vejo !.. oh Ceos !.. D. Nuno em pranto...

SCENA 7.^a

Os DITOS , e D. NUNO.

NUNO.

Oh fereza !.. Oh desgraça !..

AFFONSO.

Que acontece ?..

NUNO.

A dôr, e o pranto as expressões me tolhem...
Cheguei tarde, Senhor... Ignez...

AFFONSO.

He morta ?..

NUNO.

Brevemente o será.

EMBAIXADOR.

Oh Deos !..

NUNO.

Debalde

À misera e mesquinha perdoaste ;
De seu preclaro sangue sequiosos,
Os ministros crueis se anteciparão...

AFFONSO.

Oh detestaveis, sanguinarios monstros !
E podeste... acaba.

NUNO.

Mensageiro

Da piedosa faustissima noticia,
À camara de Ignez veloz caminho ;
Pouco distante já, de seus lamentos
Parece que as abobadas gemião :
Accelerero inda mais ligeiros passos,

E ao tempo que os crueis descarregavão
 Sobre o peito de Ignez os duros golpes,
 Entro... (que horror!) Perdão, perdão, exclamo :
 À palavra *perdão* os impios tremem,
 E até da mão os ferros lhes cahirão :
 Em vão porém ; que o sangue já corria.
 Servirão só meus gritos de que fosse
 A ferida talvez menos profunda.
 Então Coelho, e Pacheco, estatuas ambos,
 Como espantados do seu crime horrendo,
 Sem proferir palavra largo tempo,
 Olhando hum para o outro espavoridos,
 Apenas a final dizer poderão :
 « Não ha mais que hum recurso ; eia, fujaamos ; »
 E subito os crueis desaparecem.
 Ignez desfallecida, mal ouvira
 Que tu lhe perdoáras, levantando
 As mãos aos Ceos, e os macerados olhos,
 Mil vezes te bemdiz, por ti mil vezes
 Aos Ceos envia fervorosas preces.
 Cheia de gratidão, inda o seu rosto
 Entre as sombras da morte parecia
 Que ao proferir teu nome s'alegrava ;
 Em quanto as tristes damas, que a rodêão,
 O sangue de seu peito estancar buscão,
 » Por ultimo favor (lhes diz) imploro,
 » Que á presença d'Affonso me conduzão ;
 » Inda quero ir beijar-lhe a mão clemente,
 » E a seus pés expirar agradecida. »
 C'os filhinhos ao lado a malfadada
 Buscando-te, Senhor, para estes sitios
 Já com tremulos passos se encaminha.

AFFONSO.

Oh destino !.. Oh fereza !.. Infeliz Castro !..
 Filho infeliz !.. Mais infeliz do que ambos ,
 Atribulado pai !.. Todos os males ,
 As furias , as desgraças , e os remorsos
 Desde o berço ao sepulchro me acompanhão.
 Nasci para flagello dos humanos ,
 Para opprobrio nasci da natureza :
 Portugal , dos seus reis na clara historia ,
 Chamará com razão ao quarto Affonso
 Máo irmão , filho ingrato , e pai tyranno.
 O culpado sou eu de Ignez na morte ,
 Eu que , pelos perversos enganado ,
 Tarde o grito escutei da humanidade.
 Ah ! fujaamos , fujaamos d'estes sitios ,
 Que a vêr a desgraçada não me atrevo..
 Mas ai de mim !.. As forças me abandonão :
 Eis ella chega... Amigos , soccorrei-me :
 Affastai-me daqui...

SCENA 8.^a

OS MESMOS, **IGNEZ**, OS DOIS MENINOS SEUS FILHOS, **ELVIRA**,
 E DUAS AIAS.

(As aias sustentão Ignez , que vem ferida.)

IGNEZ.

Ah !.... Não me fujaas...
 Não me fujaas , Senhor... toma os teus netos...
 Para t'os entregar , agonisante ,
 O maternal amor aqui me arrasta...

Tristes orphãos, adeos... Adeos meus filhos...
 Nas tuas mãos, Senhor, os deposito...
 Em teu bom coração abrigo encontrem...
 Ampare-os seu avô, já que a mãe perdem...
 Possão elles hum dia, de ti dignos,
 Dignos filhos do pai mais virtuoso,
 Com virtudes iguaes, egregios feitos,
 Compensar-te o perdão, que me outorgaste...
 E por ultima graça me concede,
 Que inda antes d'expirar meu pai te chame.

AFFONSO.

Chama-me o teu algoz : não queiras dar-me .
 O doce nome que me não compete :
 Bem quizera eu tambem chamar-te filha...
 Mas não me atrevo, não ; a natureza,
 Se visse por meus labios profanado
 Nome tão deleitoso, estremecêra...
 Teu sangue está bradando ; tu só deves
 O cruel detestar, que te assassina ;
 Mas bem vingada estás ; mais desgraçado
 Mil vezes do que tu, mil mortes soffro.
 Ah ! poupa ao teu verdugo o horror de ver-te
 Exhalar d'alma os ultimos arrancos...
 Eu vou, sim, porque até minha presença
 Deve ser a teus olhos odiosa. (*Vai a partir, e vendo
 que D. Nuno o quer acompanhar, volta-se, e diz :*)
 Ninguem me siga, ah ! não ; deixem-me todos,
 Fujão todos de mim ; quero esconder-me
 A todos os viventes, té que possa
 Nos abismos sumir-me para sempre. (*Parte arrebatadamente.*)

SCENA 9.^a

OS MESMOS, EXCEPTO AFFONSO.

IGNEZ.

Ah! Senhor!.. mas debalde; não me attende;
 Inda mais este golpe!.. Não me custão
 As suas afflicções menos, que a morte...
 Oh quantos desgraçados tenho feito!
 O triste pai, o esposo... Ai! triste esposo!..
 E que será de ti!.. Lembrança horrivel!..
 D. Nuno, Elvira, confortai-o todos,
 Á sua dôr buscai dar lenitivo...
 Ah! s'eu pudesse ao menos vê-lo ainda...
 Morrêra satisfeita... Ceos!.. já sinto
 A agonia da morte... Filhos... filhos...
 Quanto a sua presença me consterna?..
 Ah! levem-mos d'aqui... mas para onde?..
 Não; chegai, filhos meus... em vossos labios
 Quero entornar minha alma... n'elles quero
 Deixar a vosso pai depositados
 Meus ultimos suspiros... Ah! são estes...
 São estes... Que anciedade! A luz me foge...
 Adeos, filhos... adeos, esposo... Eu morro. (*Cahe e
 expira nos braços das Damas.*)

EMBAIXADOR.

Que doloroso trance!

SCENA 10.^a

OS MESMOS, D. PEDRO, E D. SANCHO.

PEDRO.

(D. Pedro entra na scena cheio de alegria, sem ver o cadaver de Ignez.)

Amada esposa,
 Ignez, querida Ignez, v^oa a meus braços,
 Vem completa fazer minha alegria. *(Vendo chorar D. Nuno, e o Embaixador, que estão defronte do cadaver de Ignez.)*

Porém que !.. vós chorais ! que infausto agouro. *(Olha para traz, dá com os olhos em Ignez morta, quer correr a ella, recúa espavorido, e cahe desfallecido nos braços de D. Sancho, e do Embaixador.)*

SANCHO.

Oh Principe infeliz !.. Mortal angustia !
 Affastai-lhe da vista a extincta esposa. *(Elvira, e as Aias retirão da scena Ignez, e os Meninos, acompanhados de D. Sancho.)*

PEDRO *(em delirio.)*

A esposa !.. Onde está ella ? Ide chamar-ma.

NUNO.

Ah ! Senhor !..

PEDRO.

Não tardeis, ide chamar-ma.
 Eu mesmo, eu mesmo vou... Ignez, esposa ! *(Convulso, quer caminhar, e não pode.)*

EMBAIXADOR.

A extrema dôr o priva dos sentidos.

NUNO.

A tua esposa... Oh Deos !.. já não existe.

PEDRO.

He morta ? Injustos Ceos ! Clarão terrível ! (*Olhando para o lugar onde viru Ignez morta.*)

Ah ! sim , eu mesmo a vi... horrída imagem !..

E tornarão a abrir-se inda os meus olhos ?

Vi morta a cara esposa , e vivo ainda ! (*Em acção de desembainhar a espada.*)

Espera , espera Ignez , eu te acompanho ,

Eu já te sigo , sim... (*D. Nuno , e o Embaixador impedem que D. Pedro desembainhe , e este reflectindo hum pouco , diz :*) Mas não , primeiro

He preciso vingar a sua morte.

Quem a matou ?.. Dizei... talvez... foi elle ,

Esse tyranno , que meu pai se chama ?

NUNO.

Ah ! não , Senhor , teu Pai lhe perdoava ,

Mas Coelho , e Pacheco os impios forão ,

Que...

PEDRO.

Basta : nada mais. (*Na mesma furiosa desesperação.*)

Impios , são todos ,

E eu de todos o sangue beber quero.

Treme , barbaro Rei ; cruenta guerra

Eu protesto fazer-te : sim , eu juro

Pelo sangue de Ignez , cujos vestigios

Bradando por vingança alli diviso,
 Juro, cruel, do Throno derrubar-te,
 E em teu lugar, c'roada alçar a elle
 A esposa que me roubas. A meu lado,
 Mesmo depois de morta, a bella Castro
 Será Rainha, reinará commigo :
 Que importa que o seu corpo não respire,
 Se a sua alma inda existe unida á minha !
 Hão de todos beijar-lhe a mão já fria,
 Tributar-lhe as devidas homenagens :
 Do seu throno degrãos por mim calcados
 Os tyrannos serão, que a assassinarão :
 Seus corações malvados, das entranhas
 Eu mesmo hei de arrancar, hei de trincar-lhos.
 Ás minhas iras escapar não podem :
 Inda que nos infernos vão sumir-se,
 Lá mesmo, ardendo em raiva, irei busca-los.
 Será tal meu furor, minha vingança,
 Que o mundo tremerá de ouvir meu nome :
 Por toda a parte se hão de ouvir sómente
 Pranto, desolação, e horrores... tantos
 Os estragos serão, as mortes tantas,
 Que ha de em sangue nadar Portugal todo :
 Sangue o Douro, o Mondego, e sangue o Tejo
 Hão de, em vez d'agua, despejar aos mares ;
 E os proprios mares arrojarem bramindo
 Ondas de sangue ás mais longinquas praias.
 Eu vou já começar a derrama-lo.
 Oh furias ! Oh vingança ! Acompanhai-me,
 Meus passos dirigi, guiai meu braço. (*Parte furioso*
arreatadamente da scena.)

EMBAIXADOR.

Ah Principe, suspende !.. Mas quem pode
 Conter as furias, que lhe lutão n'alma ! (*Segue a*
D. Pedro.)

NUNO.

Que espantoso tropel de horriveis males !..
 Oh de cegas paixões funesto exemplo !..
 Misero Esposo !.. malfadada Castro !..
 De quanta compaixão são dignos ambos !..
 Muito se amavão, desgraçados forão,
 Chore-os o mundo, e de imita-los trema.

(*Finda a tragedia quando não ha coroução.*)

SCENA 11.^a

D. NUNO, e D. SANCHO.

NUNO.

Onde corres ?..

SANCHO (*impaciente*).

Oh Ceos !

NUNO.

Novos desastres

Acaso sobre nós envia o Fado ?

SANCHO.

O nosso excelso rei, o invicto Affonso,
 Com força de pezar succumbe aos males,
 E violenta paixão lhe arranca a vida.

NUNO.

Em que montão d'horrores nos abisma
O destino fatal !

SANCHO.

Oh desventura !

O Principe me ordena que vos chame :
Vinde prestes, D. Nuno : elle turbado
Sente a falta d'hum pai, da esposa a perda. (*Parte.*)

NUNO.

Morreo em fim ?.. Morreo ! No centro d'alma
Soffro as ancias crueis, a dôr mais ímpia !



ACTO DA COROAÇÃO

Para se representar no fim da Tragedia NOVA CASTRO,
de João Baptista Gomes. (*)

MUTAÇÃO.

Magnifica sala com docel, e cadeira de espaldar no meio do theatro, em a qual está D. Ignez assentada, e em lugar competente e magnifico, huma corôa riquissima.

Sahem D. Pedro, D. Sancho, D. Nuno, Elvira, os dous Meninos, Grandes, e Guardas reaes.

NUNO.

Esta he a pompa, Senhor, que a brevidade
Me permittio do tempo.

PEDRO.

Que impiedade!
He possivel, Ignez, oh dura sorte!..
Quem a vida me deo, te desse a morte?!
A sacrilega mão, barbara, e fera,

(*) A lembrança de que muitas pessoas desejão vêr no fim d'aquella optima Tragedia huma Coroação, fez com que se imprimisse esta, apesar da falta de unidade que ha, o que forma hum erro dramatico, que o seu autor não desculparia se existisse. *O Editor.*

Que o teu sangue verteo no duro effeito
 Não cahio com o ferro ? Oh quem podéra
 Soldar a pura neve de teu peito !..
 Quem podéra animar-te a luz perdida,
 Repartindo contigo a minha vida ? !
 Quaes serão os castigos acertados
 Que excogite a lembrança d'esta scena
 Contra estes deshumanos inimigos,
 Sem lei, sem compaixão, e sem respeito ?
 Farei abrir com golpes mui profundos,
 As espadoas a hum, a outro o peito ;
 E a seus mesmos olhos moribundos,
 Que virão este sangue, desejára
 Mostrar os corações, que os animára
 A tão cruel, e aspera fereza,
 Como abortos crueis da natureza.
 Para monstros indomitos gerados :
 Chóro, meu bem, a tua adversidade,
 E vivo para minha saudade !..

SANCHO.

Aqui te entrego a corôa...

PEDRO.

De outra sorte

Coroar-te intentei, fiel consorte ;
 Mas preferio á gloria a tyrannia !..
 E vós, meus caros, meus fieis vassallos,
 Reverentes beijai esta mão fria,
 Que beijar deverieis n'outro estado,
 Se tão impio não fosse o nosso fado.

SANCHO.

O primeiro sou eu , que esta mão bella
 Reconheço da minha soberana,
 Com o respeito que devo a vós, e a ella. (*Beija-lha.*)

NUNO.

Com minha gratidão, e o meu respeito,
 Qual vassallo fiel, cumpro o preceito.. (*Beija-lha.*)

Os Grandes beijão-lhe a mão ao som da musica, e no fim diz :

PEDRO.

Esse corpo gentil desanimado,
 Mais na morte que em vida respeitado,
 Depressa cobrir faze, Condestavel.

(D. Sancho corre as cortinas.)

A incumbencia do enterro vos entrego :
 Com magestoso fausto veneravel
 A levai a Alcobaça, e as estradas
 De tochas estarão illuminadas ;
 E o mesmo esplendor fazer quizera
 Se, como dezesete legoas são,
 Dezesete mil fossem ; pois venera
 Tanto minha alma a essa cinza amada,
 Que desejo exceder no magestoso
 Aquella maravilha celebrada,
 Que Artemizia erigio a seu esposo.
 E vós, que ainda apezar do esquecimento,
 Recommendaes com pranto merecido
 Os amores de Ignez ao sentimento,

E seu nome ao respeito que he devido,
Com verso humilde aqui vos represento
O tragico infortunio desabrido,
Que aconteceo á misera mesquinha,
Que inda depois de morta foi Rainha.

FIM.



POESIAS

RELATIVAS

À HISTORIA DE D. IGNEZ DE CASTRO

POESIAS

DE

A HISTORIA DE D. JONAS DE CASTRO





POESIAS

DOS MELHORES AUTORES

RELATIVAS

Á HISTORIA DE D. IGNEZ DE CASTRO



RIO DE JANEIRO

PUBLICADO E A' VENDA EM CASA DE

EDUARDO E HENRIQUE LAEMMERT

Rua da Quitanda, N.º 77

1843

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

BOLETAO

DOSSIER DE HISTORIA DE LA LINGUA

DE LA LINGUA

A HISTORIA DE LA LINGUA DE LA LINGUA

DE LA LINGUA

DE LA LINGUA DE LA LINGUA

DE LA LINGUA

CELSO DE LIMA PEREIRA

1911

En sa
En frag
En os an
kero d
Quand
Que m
Sendo
An cin

Con
E n
Em
A si
No r
Rend
Naci

SAUDADES

DE

D. IGNEZ DE CASTRO

POEMA EM DOIS CANTOS

CANTO I

1

Era na meia idade, a que chegava
Em fragoas de Saphir o Sol, que ardia,
E nas azas do tempo, que passava,
Icaro de seus raios era o dia :
Quando pois com as chammas se abrazava,
Que morrer incendiado então queria,
Sendo por renascer com novo alarde,
Em cinzas de rubim Phénix da tarde.

2

Na lisongeira planta se enlaçava
Cortez o vento com gentil porfia,
E nos jardins a rosa, que encalmava,
Em berços de esmeralda adormecia :
A simples avesinha se banhava
No murmureo correr da fonte fria,
Renovando na vista o doce alento,
Narciso nos crystaes, Orpheo no vento.

Mas Ignez só, que por penar vivia,
 Naufragava em soluços cada instante,
 Ignez, aquella Ignez, que Amor fazia
 Por lhe dobrar as magoas mais constante :
 Aquella em cujas graças competia
 Ser formosa, discreta, e ser amante,
 Em cujas prendas não tiveram parte
 Artificios da industria, invenções da arte :

A que nos dotes da alma tão possante,
 Discreta, grave, terna, e generosa,
 Que da mesma belleza sendo Atlante,
 Tinha por menor prenda o ser formosa :
 Nos donaires do talhe tão galante,
 Nos alinhos da graça tão vistosa,
 Que topando na culpa de Narciso,
 Fôra sem culpa seu discreto aviso.

Mas qual o passarinho descuidado,
 Lisonja mais gentil da teura idade,
 Foi das mãos do menino aprisionado,
 Que lhe roubou no laço a liberdade :
 Que quando d'elle mais galanteado,
 Experimenta no mimo a crueldade :
 E quando a côr das pennas lhe contenta,
 Nas que lhe tira mais lhas acrescenta.

Tal Ignez na manhã dos tenros annos,
 Nas primeiras auras da esperança,
 Deo nos laços de amor, doces enganos,
 Do vendado rapaz linda vingança :
 Mas os golpes da Parca deshumanos
 A belleza por flôr em flôr alcança,
 Experimentou na sempre amarga sorte
 Por mãos do Deos do amor armas da morte.

Erão gentil emprego a seus cuidados
 As finezas de Pedro, que a beldade
 N'elle soube trazer aprisionados
 Sceptro, corôa, vida, e liberdade ;
 Entre ambos tinha amor já tão ligados
 Os soltos alvedrios da vontade,
 Que foi n'elles baldado, e foi perdido
 Nascer Antéros por crescer Cupido.

Mas oh ! tyranna dôr amor inventa !
 Forçosa foi de Pedro a dura ausencia,
 Atropos da alma, que da pena isenta,
 N'ella sabe sentir mortal violencia :
 Como preso, partir-se Pedro intenta,
 E sente na alma Ignez nova inclemencia ;
 Que quer a sorte, pois amor ordena,
 Onde não chega a morte, offenda a pena.

Quantas vezes, Ignez, no pensamento
 Êste desar notaste a teus favores ?
 Quantas vezes, Ignez, na mão do vento
 Os vistes, e vês agora, e verás flores :
 Tanto nas affeições, gosto avarento,
 Este pezar sentiste em teus amores,
 Que não posso dizer, que n'este emprego
 Estavas, linda Ignez, posta em socego.

Entre os braços de Pedro, ardente fragoa,
 Se encosta Ignez sem vida, e sem sentido,
 Que multiplica a dôr, e dobra a magoa
 Lograr presente o bem, que he já perdido ;
 Dos olhos sólta dous chuveiros de agua,
 Oceanos de neve, onde Cupido
 Quiz da belleza já colhendo as velas,
 Chegasse a tempestade até as estrellas.

Qual em berços de purpura vistosa,
 Delicias da manhã, da tarde empreza,
 Dos melindres de flôr enferma a rosa,
 Desmaiado o verdor, murcha a lindeza :
 Pois a que foi de Abril pompa lustrosa,
 Livro do amor, emblema da belleza,
 Perde a graça por vêr que o sol lhe talha
 Do mesmo carmesim gala, e mortalha.

Tal do fogo de amor na immensa calma
 A côr Ignez perdeu, que amor ordena,
 Os desmaios, que tinha impressos n'alma,
 Trasladasse no rosto a viva pena :
 Já despojo da dôr, da magoa palma,
 Com respirar de flôr, arde assucena,
 Exhala nova dôr ao pensamento,
 Em saudosos ais o doce alento.

Ai ! caduco prazer, diz lastimada,
 Esperança de hum bem doce tormento,
 Ai ! que por verde murchas apressada,
 Primavera do amor, da dôr portento :
 Ai ! melindrosa flôr agonisada,
 Despojado jasmim de qualquer vento :
 Que quando nasce traz na mesma alvura
 Gala, mortalha, berço, e sepultura.

Ai ! que chegas, oh dia ! em que amor tira
 Duas almas de hum peito ! oh noite fria !
 Oh noite, digo, porque a quem suspira,
 Foge a luz, morre o sol, acaba o dia :
 A boca, de que hum ai, outro ai retira,
 Já cansando, mais baixo repetia,
 Parai, Senhor ; mas hum soluço ardente
 Suffoca o par, repete o ai sómente.

Parai, torna a dizer, meu gosto amado,
 Gloria d'esta alma, em quanto gloria tinha :
 Mas ai allivio meu, ai meu cuidado !
 Como podeis parar se he gloria minha !
 Mas se destina o Ceo, e manda o Fado,
 Esta alma castigar, que amor mantinha,
 Deixai-me a vossa, porque a sorte ordene,
 Mais almas tenha, porque assim mais pene.

Mas não, que he contra amor esta porfia,
 Mas não, que deixo amor n'isto aggravado,
 Muitas almas não quero, que seria
 Repartir o tormento a meu cuidado :
 Mas se a pena permite a companhia
 N'esta ausencia cruel, oh triste Fado !
 Antes que a dôr ma roube da partida,
 Levai-me, vida minha, a minha vida.

Só comvosco, Senhor, irá segura,
 Sem que mortal achaque lhe aconteça ;
 Porque talvez do Fado a sorte dura
 Fóra d'este meu peito a desconheça :
 Nem poderá temer minha ventura,
 Que sombra de pesar vos entristeça :
 Pois farei no tormento mais esquivo
 Correr por conta d'alma o sensitivo.

Se só para viver na lei de amante,
 Forçosa seja a vida repetida ;
 Ai ! Senhor, que não pôde ser bastante
 Para viver ausente huma só vida :
 Porém se amor de vidas tão possante,
 Huma nos deo para ambos repartida,
 Posto que a dôr entre ambos se accomoda,
 Melhor vós partireis levando-a toda.

Cá me fica outra vida, que não passa,
 Com que padeça morte repetida ;
 Que quer amor tyranno, que renasça
 Huma vida das cinzas de outra vida :
 Que como tão crueis penas me traça,
 Como me traz em fogo convertida,
 A acabar, outra Phenix, me condemna,
 Morrendo em cinzas, renascendo em pena.

Ah ! quem cuidára, Amor, que meus amores
 Fossem fingidas sombras mentirosas ?
 Ah ! quem cuidára, Amor, que em teus favores
 Fossem mais os espinhos, do que as rosas :
 Mas depois que triumpho a teus ardores,
 Forão de Marte as armas generosas :
 Tão guerreiro ficaste, ufano, e forte,
 Que bem podes matar a propria morte.

Mas pois forçosamente me condemna,
 A que vos ausenteis, ah tyrannia !
 Deixai, deixai, Senhor, deixai-me a pena,
 Porque só d'ella quero a companhia :
 Na noite mais escura, ou mais serena,
 (Que para ausentes nunca nasce o dia !)
 Chorarei permittindo-o minha estrella,
 Mais do que a saudade, a causa d'ella.

Nas remontadas penhas, nas visinhas
 (Se restar a meus ais penhasco possa)
 Vos buscarão, Senhor, lagrimas minhas,
 Minhas, se póde ser, sendo a alma vossa :
 De meus annos a flôr entre as espinhas
 Passarei sem perder esta fé nossa ;
 Mas antes perderão seu bruto alento
 O mar, o fogo, o ar, a terra, o vento.

Mas oh ! que he tal a dôr de meus retiros,
 E tão firme na lei da tyrannia,
 Que vendo que me assistem meus suspiros,
 Talvez d'elles me roube a companhia :
 Mas inda mais, e mais acerbos tiros
 Contra mim fulminar amor porfia ;
 Pois sem dar attenções á minha queixa,
 Por mais só me deixar, sem mim me deixa.

Qual, quando na manhã naufraga o dia
 Nos undosos crystaes, que o Ceo desata,
 O jasmim desmaiado se agoniza
 Dos achaques da gotta, que o maltrata,
 Em desares trocando a galhardia,
 Icaro já nas aguas se retrata,
 O que lisonja foi tão prateada,
 Se no prado jasmim, nas ondas nada.

Tal Ignez já de lagrimas banhada,
 De seus olhos gentis mortaes desares,
 Que quiz a natureza acautelada
 Que o occaso de dous soes fossem dous mares :
 Exhalava de todo agonizada
 O suspiro final a seus pesares :
 Que com vir entre lagrimas undosas,
 Inda na boca achou maré de rosas.

Já Pedro em fim rendido a seu cuidado,
 A dôr quer disfarçar a seu retiro,
 Que como o coração tem já quebrado,
 Hum pedaço lhe traz cada suspiro :
 E como em fim no peito agonizado
 Sente da mortal frecha o novo tiro,
 Notando Ignez no pranto de seu rogo,
 Exhala em agua, quanto bebe em fogo.

Não chores, diz, formosa Ignez, agora
 Ficar ausente sem partir commigo ;
 Que se és vida da minha, que te adora ,
 Na alma te levo por viver contigo :
 Não pretendo ausentar-me hoje, senhora,
 Supposto que partir-me em fim prosigo ;
 Que se as almas trocar amor consente ,
 Nem tu só ficas, nem me parto ausente.

O corpo só se ausenta, a alma não parte ;
 Que em fim não vivo de potencias suas ;
 Que como me alimento só de amar-te ,
 Bastão para viver memorias tuas :
 E porque amor nos tiros, que reparte .
 Fulmina contra mim frechas mais cruas ,
 Quando a vida me rouba, outra me ordena,
 Que fôra em fim matar-me a menor pena.

Mas nota, Ignez formosa, esta fineza,
 A fazer impossiveis offerecida,
 Pois que contraminando a natureza,
 Teu mesmo amor me mata, e me dá vida :
 Mas como amor notou n'essa belleza
 Os impossiveis só de merecida,
 Quiz tomar por razão força infallivel,
 Obrar por alcança-la outro impossivel.

Bem vês agora, Ignez, como abrazado
 Nos vivos holocaustos de meu peito,
 Meu coração consagro a teu cuidado
 Em victimas de lagrimas desfeito :
 Agora alcançarás, como alentado
 Todo me sacrificio a teu respeito,
 Pois chego a consagrar, e em viva calma
 Sangue do coração, reliquias da alma.

Succeda á primavera o secco estio,
 Á serena manhã tarde calmosa,
 Seja manso regato, quem foi rio,
 Sejam seccas reliquias, quem foi rosa :
 Seja, quem cravo foi, cadaver frio,
 Seja quem foi jasmim cinza olorosa,
 Seja tudo á mudança em fim sujeito,
 Que amor firme será dentro em meu peito.

N'essas gentis madeixas da beldade,
 Em cuja luz do sol o sol se nega,
 Onde feito pirata da vontade
 Nas crespas ondas sempre amor navega :
 N'essas digo captiva a liberdade
 Em refens minha fé por fé se entrega :
 N'ellas deixo por fim com meus alentos
 Alma, cuidados, vida, e pensamentos.

Adeos delicia minha, adeos cuidado,
 Adeos senhora, adeos, que amor consente,
 Que parta em fim nas magoas sepultado,
 Se partir posso de mim mesmo ausente :
 Adeos, que amor nos tinha decretado
 Esta ausencia cruel, forçosa, urgente ;
 Mas ai ! formosa Iiguez, que em vão me queixo,
 Adeos, que em fim me parto, em fim te deixo.

Já se remonta Pedro a seus retiros,
 E já de morte em morte Iiguez discorre,
 Que como entrega a vida a seus suspiros,
 Quantas vezes suspira, tantas morre :
 O coração sentindo acerbos tiros
 Pelos olhos sangrado em crystaes corre.
 Mas oh ! que no sangrar-se em vão se cansa,
 Porque em cada sangria huma alma lança.

Qual na secca vergonzea desfolhada,
 Que despojo restou da tempestade,
 Se lamenta em requebros lastimada
 A casta rola posta em soledade :
 Soluça, pasma, e geme agonisada,
 Chora, suspira, anhela em crueldade,
 Que seu pesar lhe tem no peito unidos
 Rigores, magoas, lastimas, gemidos.

Tal lastimada chora Ignez saudosa ,
 No seu mesmo tormento sepultada ;
 Nos desvélos do dia cuidadosa ,
 Nos descuidos da noite desvelada :
 Já se queixa em suspiros lastimosa ,
 Forma razões dos ais agonisada :
 Que fez para queixar-se em seus retiros
 Embaixadores da alma seus suspiros.

Oh ! quanto foi de ti teu Pedro amado ,
 Formosa Ignez, mas inda mais sentido ,
 Pois sendo grande a gloria de logrado ,
 Hoje he maior a magoa de perdido :
 Foi teu prazer á pena apensionado ,
 He teu pesar na pena desmedido :
 Então forão de rosas teus favores ,
 Agora são de lírios teus amores.

Já nos braços da Aurora, que assomava ,
 Renascido chora o novo dia ,
 Quando Ignez saudosa então negava
 A seu triste pesar a companhia :
 Á solidão do campo se apartava ,
 Onde só lamentava, e só gemia ;
 Porque mais no rigor de seus retiros
 A piedade faltasse a seus suspiros.

Entre flores inquire o doce amado,
 Presente em cada flôr o considera,
 E dando hum breve encanto a seu cuidado,
 Busca nas flores, quanto em flôr perdêra:
 Corre de flôr em flôr, de prado em prado,
 Topa só magoas, d'onde gosto espera;
 Que forão seu prazer, e seus favores,
 Perdas choradas, quando apenas flores.

Procura em cada planta, o que anhelava,
 Porque seu tormento engano escolha;
 Mas oh! que em seu pesar escrito achava
 Lições para sentir em cada folha:
 Já nas liquidas perlas, que chorava,
 Penhascos, plantas, prado, e folhas molha,
 E na lembrança já de hum bem perdido
 Lhe interrompe hum gemido outro gemido.

Qual o-menino fica enternecido,
 Entre perplexidades pasmado,
 Quando no verde prado enternecido
 Lhe foge o gosto atraz de hum passarinho:
 Já soluça, já pasma esmorecido,
 Já busca cada flôr, cada raminho,
 Já melindrosos ais, mimoso alento
 Apoz o passarinho leva o vento.

Tal Ignez na penosa tyrannia
 Entre flores inquire o doce amado,
 Mas foi lisonja só da fantasia,
 Pois mais se nega hum bem, quando buscado :
 Já queixosa das flores se desvia,
 Já nas queixas diverte o seu cuidado,
 E nos alentos da alma, com que espira,
 Já soluça, já pasma, já suspira.

Na margem de huma fonte se encostava,
 Que já clara correo com seus favores,
 E se d'elles travessa murmurava,
 Em lagrimas agora exhala amores :
 Ás plantas, aos penhascos se queixava,
 Outra vez já seu mal contava ás flores,
 Onde nos echos, que respira o monte,
 Suspira o valle, porque chora a fonte.

Ai ! caducas bellezas, lhes dizia ;
 Ai flores ! se queixava enternecida,
 Que sendo vossa vida de hum só dia,
 Muitas horas contaís na vossa vida :
 Mas oh ! de minha dôr mór agonía,
 Oh morte em menor vida repetida !
 Que como em soledades só discorro,
 Nem conto instantes, porque sempre morro.

E vós, rosas, no mimo de huma aurora
 Lograis de vosso adorno a pompa bella ;
 Que talvez por firmar vossa melhora,
 Tivestes no nascer tão boa estrella ;
 Mas oh ! que no pesar, que choro agora,
 N'estes fogosos ais, que o peito anhela,
 Escolhe minha estrella em triste sorte
 Por pena a vida, por lisonja a morte.

Vós, plantas, que sentis mudavel erro,
 Cifrando em cada folha hum pensamento,
 Se Dezembro lamenta vosso enterro,
 Abril em flôr vos dá dobrado alento ;
 Mas oh ! que em meu sentir, e em meu desterro
 Eternisa hum rigor meu sentimento ;
 Pois quer amor na sorte, que me ordena,
 Se alimente huma pena de outra pena.

E tu, bruto penhasco inhabitado,
 Tosco sepulchro de huma clara fonte,
 És agora de flores matisado.
 Idolo de crystal, gala do monte :
 Mas oh tyranna dôr ! que meu cuidado
 Hoje lamenta o mal, que chorou honte,
 Vendo, que teu terror com bruto aviso
 Honte foi Poliphemo, hoje he Narciso.

Mas oh queixas parai, parai cuidados,
 Parai, façamos tregoa pensamento ;
 Que dos males talvez communicados,
 Póde nascer desar ao sentimento :
 Correi, da alma pedaços distillados,
 Dizei lagrimas minhas, meu tormento ;
 Minhas não digo bem, que juntamente
 Parai tudo no bem, que choro ausente.

Irmanai-vos, correi mais cuidadosas,
 Seja vosso correr mais repetido,
 Não cuideis, que vos choro caudalosas,
 Porque deis desafogo a meu sentido :
 Que como nas memorias rigorosas
 Vossa causa lamento, que hei perdido,
 Se talvez mitigais hum sentimento,
 Não tem valor nas perdas vosso alento.

Oh ! corraõ com valor vossas violencias
 Por duplicar incendios a meu rogo ;
 Que não fôra querer sentir ausencias,
 Se vos chorára só por desafogo :
 Que posto deis allivio ás inclemencias,
 Não podeis dar allivios a meu fogo ;
 Que como sou das penas avarenta,
 Qualquer allivio vosso me atormenta.

Correi livres, correi, que amor ordena,
 Sejais a meu rigor ancia penosa ;
 Que não comprais allivios a huma pena,
 Quando chegais a ser paga forçosa :
 Que pois amor por força me condemna
 Tributar-vos por divida custosa ;
 Mal podeis mitigar o mal, que tenho,
 Quando sois do que devo desempenho.

Não me póde obrigar outro motivo,
 Senão chorar-vos só por natureza,
 Que quer, que seja amor por excessivo
 Tributo natural, o que he fineza ;
 Que como a seu querer sujeita vivo,
 Rendida a seu querer captiva, e presa,
 Do pranto, que saudosa me convinha,
 Se não póde isentar a affeição minha.

Em vos sentir agora mais penosas,
 De ser mudas razões faço argumento ;
 Que quando não chegais a ser queixosas,
 Não limitais a dôr ao sentimento :
 Que foreis só lisonjas enganosas,
 Mas não crueis verdugos ao tormento,
 Quando na voz queixosa, que formára,
 Lastimas a meus ais sollicitára.

Mais duro sentimento, mais nocivo
 No ser da alma pedaços vos confesso,
 Pois se levais a parte, com que vivo :
 A parte me deixais, com que padeço :
 Que como n'este mal por excessivo
 Repartida minha alma reconheço,
 Se levais hum a parte não pequena,
 A vida pôde ser mas nunca a pena.

Oh ! torna atraz arroio fugitivo,
 Alma da penha, coração do monte,
 Torna atraz, que meu pranto successivo
 Te fará rio, quando apenas fonte :
 Oh ! torna atraz veloz, detem-te esquivo :
 Detem-te, espera, que meus males conte,
 Que vás talvez com prata tão custosa
 Calçar as plantas de hum a ingrata rosa.

Se te vás despenhar ambicioso
 Por aspirar a credits de rio,
 Leva meu triste pranto lacrimoso,
 Oceano será teu senhorio :
 Embarga teu correr tão cuidadoso,
 Suspende teu caudal, teu desvario,
 Que lá terás no mar onde te escondas,
 Quantas lagrimas levas, tantas ondas.

Mas oh ! parai razões, tornai gemidos ,
 A dôr interpretai, que o peito sente,
 Que talvez em meus ais por repetidos
 Os echos ouça de quem choro ausente :
 Ai ! doce ausente meu , não dos sentidos ,
 Ai ! quem pudéra, amor, ter-vos presente :
 Mas deixai-me fallar, talvez que possa
 Ouvir na minha voz echos da vossa.

Aqui, meu doce amor, meu bem querido ,
 Se me duplica a dôr ao pensamento ,
 Pois quando em vós me falta meu sentido ,
 Não me póde faltar meu sentimento :
 Em vós lamenta a dôr meu bem perdido ,
 Em mim renova a dôr novo tormento ;
 Mas creio, doce amor, que sentir possa
 Menos a minha dôr, que a falta vossa.

Menos dôr, menos damno em fim tivera ,
 Menos cruel sentira o meu cuidado ,
 Quando n'este rigor, que padecêra ,
 Me pudéra esquecer do que hei logrado :
 Mas ai ! que n'esta dôr outra me espera ,
 E hum mal outro me traz apensinado ;
 Pois chego a padecer em meu sentido
 O mal, que passo, o gosto, que hei perdido.

Bem conheço, que posso na lembrança
 Vossas prendas lograr, meu doce esposo,
 Mas o bem, que se perde na esperança,
 Fica, quando lembrado, mais penoso ;
 Mas n'esta triste dôr, dura esquivança,
 Se me duplica amor mais rigoroso ;
 Pois só quer meu sentido avincular-se,
 Para mais padecer, a mais lembrar-se.

Assim chorava Ignez, e assim gemia,
 Mas oh tragica dôr ! rara estranheza !
 Que já topa nas mãos da tyrannia,
 Armas sempre mortaes a belleza :
 Nas mãos de dous tyrannos já se via
 Entre crueis espadas, tosca empreza !
 Mas que rosa no campo aurora molhas,
 A que não falte a vida, e sobrem folhas.

Parai, detende a furia procellosa,
 Parai, parai, detende o bruto alento :
 Que contra o fresco mimo de huma rosa,
 Ah ! que sobeja hum sol, e basta hum vento ?
 Mas ai, discreta Ignez, graça formosa,
 Remonta agora mais teu soffrimento,
 Que temo linda Ignez teus lindos brios
 Accrescentem coraes a tantos fios.

Qual nas tecidas sylvas de espessura,
 Labyrintho de espinhas intrincado
 Com balidos se queixa da ventura
 O simples cordeirinho aprisionado :
 Já soluça em melindres com ternura
 Das maternas delicias apartado :
 E o que mimos achou na branda hervinha,
 Acha mortal rigor em cada espinha.

Tal lastimada Ignez troca em gemidos,
 Quantas vezes no peito articulava,
 Em quanto os dous algozes fementidos
 As mãos lhe prendem, com que amor matava :
 Já fugindo os alentos aos sentidos,
 O soluçar as vozes lhe embargava :
 Mas oh ! que amor lhe deo no pensamento
 Razões ao pranto, voz ao sentimento.

Ai tyrannos crueis ! oh sorte dura !
 Entre suspiros, diz agonisada,
 Que delicto commette a formosura,
 Com que possa a belleza ser culpada ?
 Oh ! deixai-me esta vida em pená escura,
 Se me quereis a morte dilatada ;
 Que n'esta triste dôr tão repetida
 Menos me mata a morte, do que a vida.

Oh ! suspendei sentença tão penosa ,
 Mitigai por hum pouco a crueldade ,
 Que não podeis dar morte rigorosa ,
 Que possa matar mais que a saudade :
 Mas já que minha dôr menos piedosa
 Vos não pôde causar nova piedade ,
 Não me roubeis meus filhos tão queridos ,
 Unica prenda só de meus sentidos .

Ai ! caras prendas minhas tão queridas ,
 Reliquias de amor , da alma pedaços ,
 Ai ! como sentireis em mim perdidas
 As mimosas delicias de meus braços :
 Mas não pôde ser entre homicidas
 Lograr , amores meus , vossos abraços ,
 Adeos , ficai-vos já gestos amados ,
 Adeos alma , adeos vida , adeos cuidados .

Mais quizera fallar enternecida ,
 Mas oh ! indigna acção de hum peito forte !
 Hum tyranno cruel , torpe homicida ,
 Nos fios de hum punhal lhe tece a morte :
 Inclina o lacteo collo amortecida ,
 Avassallada já da infausta sorte ,
 Exhala a vida o corpo de alabastro ,
 Fenece amor com Dona Ignez de Castro .

Qual a branca assucena , que cortada
 Sente do ferro, ou tempo, a crueldade ,
 Em seu mesmo candor amortalhada ,
 Defunta flôr em flôr, na flôr da idade :
 Á qual ficão sómente de engraçada
 Os antigos rascunhos da beldade :
 Tal fica a bella Ignez amortecida
 Sem gala, luz, sem côr, graça, nem vida.

Vós agora tropheos da formosura ,
 Apparencias vitaes de ramalhete ,
 Colhei as vélas, porque a pouca altura
 Qualquer onda vos molha o galhardete :
 Olhai, que a branca rosa, flôr mais pura ,
 Acha-se berços, campas no alegrete :
 Attentai, leve flôr, belleza vã ,
 Que he mais antiga a tarde, que a manhã.



SAUDADES

DE

D. IGNEZ DE CASTRO

POEMA EM DOIS CANTOS

CANTO II.

1

Já da fatal tragedia retiradas
As restantes ruínas da fereza,
Ficárão só no campo idolatradas
Humas breves reliquias da belleza :
Ausente Pedro, sem que as mal logradas
Lamentasse memorias da firmeza,
Tão ditoso nas magoas se discorre,
Que morre ufano sem saber, que morre.

2

Queixosa em fim fenece a gallardia,
Sollicita queixumes a ternura,
Vendo já no desdem da tyrannia
Menos cruel a Parca, que a ventura :
Que como qualquer dote se avalia
Por symptoma fatal da formosura,
Aquella mesma dita, que entre sortes
Cumula prendas, multiplica mortes.

Á ventura se queixa, que a beldade
 Fosse causa da perda, porque unida
 N'aquellas prendas da melhor idade,
 Fez acabar rigor, o que era vida ;
 Mas a Parca tyranna por vaidade
 Sollicita bellezas advertida,
 Porque d'ellas talvez se não cuidára,
 Morte fôra huma prenda, e só matára.

Só suspirão, só chorão lastimosas
 (Que não pára nas queixas a fineza)
 Aquellas, que restarão só piedosas
 Troias do amor, reliquias da belleza :
 Aquellas, digo, prendas lacrimesas,
 Dous Infantes gentís, que a natureza
 Deixou com vida, porque em seu tributo
 Fosse a morte da flôr vida do fructo.

Qual nos braços da planta mais visinha
 Em roupas de rubim, cama olorosa,
 Sentindo huma lanceta em cada espinha,
 Sangrada no jardim fenece a rosa :
 Consagrando-se flôr, quem foi rainhá,
 Em vivos holocaustos sanguinosa,
 De cujas cinzas restão por grinalda
 Reliquias de ouro em cofre de esmeralda.

Que pezares, que penas, que rigores
 Amor formava, cada qual sentia,
 Qual nos gemidos soluçando amores,
 Em carinhos as magoas confundia :
 Qual desmaiado no tapiz das flores,
 Se recosta tropheo da tyrannia,
 Notando aquelle peito, cujo enseite
 Lhe troca em pena quanto foi deleite.

Quantas vezes fallando enternecidos,
 Em soluços lhe pára o doce alento !
 Quantas na voz do monte repetidos
 Os saudosos ais lhe torna o vento !
 Quantas a ser naufragio dos sentidos,
 Se deriva em crystacs o sentimento !
 Pois quer a dôr querendo amor agora,
 Chorem dous soes a falta de huma Aurora.

Alentado rigor, duplica em tiros
 Se bem globos de fogo, espheras de agoa,
 Não resiste clavel, que nos retiros,
 Não morra espuma, e não feneça fragoa :
 Multiplica-se o vento nos suspiros,
 Fogosos raios lhe despede a magoa :
 Já não sabe nascer, nem brilhar rosa,
 Que não pasmе defuncta mariposa.

Nem tributão lisonjas aos sentidos
 N'estas mudas razões, que Amor ordena,
 Que sujeitos amantes desunidos,
 Aquelle, que mais chora, esse mais pena :
 E se lagrimas são nos mais sentidos
 Almas do coração, bem se condemna
 Qualquer a mais sentir, pois he patente,
 Que quem mais almas tem, muito mais sente.

A solidão de Pedro imaginada
 Lhe accende as almas, lhe distilla os peitos,
 Que nem morrèra Iguez, se retirada
 Não sentira distante os seus effeitos :
 Que como seja amor, muito apertada,
 Se gentil, união de dous sujeitos,
 Quando matar hum d'elles Amor trata,
 Sem desunir os dous hum só não mata.

Assim possão da magoa a ser espanto
 Os dous aios do mimo, os dous Cupidos,
 Narcizo cada qual do proprio pranto,
 Phaetontes em fim de seus gemidos :
 Se forão gala da belleza, em quanto
 Erão gentis desvelos dos sentidos,
 Lastimas ficão já da tenra ida de,
 Culpas de amor, delictos da beldade.

Quaes simples avesinhas, que roubadas
 Às lisonjas de Abril mimos de Flora,
 Dos maternas alentos apartadas,
 Suspira cada qual, cada qual chora :
 As que forão do campo idolatradas
 Oraculos do Sol, linguas da Aurora,
 De si mesmas agora occulta fragoa,
 Concebem pena, quando abortão magoa.

Mas já funesta voz, turbado alento
 Por linguas de metal enrouquecido
 Formava o Semideos monstro violento,
 Gigante pela fama conhecido :
 Aquelle, cujo alado atrevimento
 Se remonta veloz, e tão subido ;
 Porque n'elle talvez o mundo veja
 Voarem penas apesar da inveja.

Lá fez a turba lastimoso effeito
 Nos alentos de Pedro, que em suspiros
 Os mais dos echos lhe interpreta o peito
 Dobrando magoas, renovando tiros :
 Quando apenas em fim na dôr desfeito
 O coração lhe pasma, que em retiros
 Suffocado talvez da intensa calma,
 Se isentou de correr por conta da alma.

No combate fatal d'este desmaio
 (Lastimoso parenthesis da vida !)
 Tributa vivas ao mortal ensaio,
 A sentinella da alma já vencida :
 Não morre Pedro, não, que aquelle raio
 Foi lançada de amor, que repetida,
 Se pretende matar a quem suspira,
 Menos o mata, se lhe a vida tira.

Assim vivendo morre, quando amante ;
 Assim morrendo vive, quando ausente ;
 Que se morre, pois pena por distante,
 Vive tambem, pois ama, porque sente :
 Mas em fim não passará tanto ávante
 Nas finezas amor, que fôra urgente
 Acabar-se na vida, se a roubára,
 E tão fino não ser, senão matára.

Mas quem diria agora o que sentiste
 N'este Pedro de amor menos ventura,
 Dos carinhos ausente, que já viste
 Brotar melindres produzir brandura ?
 Oh ! que dirias, Pedro, quando abriste
 Aquelles dous conceitos da ternura ?
 Os olhos, digo ; mas amor ordena
 Parte das queixas interprete a pena.

Já no pardo capuz, roupas saudosas,
 Emmudecida a terra se encobria,
 E nos hombros das nuvens tenebrosas
 Ataúdes de sombra o tempo erguia,
 Consagrando com tochas lacrimosas
 Mudadas exequias ao defuncto dia,
 Dando claros signaes a Joven louro
 Em torres de saphir os signos de ouro.

Quando a favor da vida o sentimento
 Novos em Pedro reproduz gemidos,
 Sendo sumilher da alma o novo alento,
 Que lhe corre as cortinas aos sentidos:
 Mas já liquida dôr, claro tormento
 Se acredita nos olhos advertidos:
 Que quem nas penas solitario mora,
 Só lhe resiste vivo, em quanto chora.

Sollicita retiros, em que unidas
 Se acreditão de finas as saudades,
 Que são mais primorosas, se sentidas
 Não permitem motivos a piedades:
 Tributárão labéos de mal nascidas,
 A não passarem mostras de vaidades,
 Quando não forão mais, que eternisadas,
 Solitarias, occultas, retiradas.

E já nas solidões entretenido
 Interpreta lisonjas aos cuidados,
 Pois vai vendo nas flores advertido
 Mortaes prendas, alinhos mal logrados :
 Mas apenas se lembra enternecido
 D'aquelles soes agora imaginados,
 Quando já vacillante se discorre,
 Aqui pasma, alli geme, acolá morre.

Qual girasol gigante, que atrevido
 A beber raios amoroso aspira,
 Se bem que entre zeloso, e presumido
 Desdenha ufano, temeroso gira :
 Mas vendo apenas, que o galan querido
 Com disfarces de nacar se retira,
 Porque se vê das glorias todo ausente,
 Languido pasma, cuidadoso sente.

Em fim rompe nas queixas amorosas
 Agora Pedro, quando as vê sentidas,
 Que não podem livrar-se de penosas,
 Quando sabem fugir a ser ouvidas :
 E só discretas são, se rigorosas,
 As que menos se prezão de entendidas,
 Que já por isso Pedro se as pretende,
 He só porque a si mesmo não se entende.

Ai ! gloria minha, diz, gloria sonhada !
 Minha te chamo, quando assim perdida,
 Que se não tens as veras de lograda,
 O desar não padeces de esquecida :
 Como gloria, maltratas, se lembrada ?
 Como molestas, gloria, possuida ?
 Na posse logras auçia de fallivel,
 Na memoria rigores de impossivel.

Como soube deixar-me assim frustrado
 Este rigor, que gloria se habilita,
 Quando me fez maior, que o mesmo fado,
 Maior que amor, maior que a mesma dita :
 Quem me dissera então, que este cuidado
 Fosse rosa, que apenas se acredita,
 Quando se vê nas mãos da natureza
 Tropheo da dôr, sangria da belleza !

Ai triste solidão, ai pena ingrata !
 Quanto menos cruel fôras agora,
 Se permittindo a magoa, que maltrata,
 Não roubáras a gloria, que te adora !
 Mas esta dôr não fôra, que assim mata,
 Rigoroso pesar, se assim não fôra ;
 Pois não se mede o mal de quem suspira,
 Pelo que tem, senão pelo que tira.

Mas inda mais avante acompanhada
 D'esta dôr outra pena já me alcança ;
 Pois na magoa da perda lamentada
 Os alívios me rouba da esperança ;
 Mas como, se não fôra eternisada,
 Maltratára das glórias a mudança,
 Que o pesar sem remedio padecido
 Mata porque ha de ser, e porque ha sido.

Nem podem mitigar esta saudade
 Assistencias de amor, porque resiste
 Outra nova razão da soledade,
 Que nas distancias d'esse amor consiste :
 Que como aquelle objecto da vontade
 Hoje feito impossivel não me assiste,
 Sendo vinculo amor entre sujeitos,
 Não tendo extremos, não produz effeitos.

Só deixára de ser eternisada
 Esta dôr ; mas só fôra divertida,
 Se a memoria da pena imaginada
 Não passára a ser pena padecida :
 Só razão de prazer, quando lembrada,
 Essa gloria tivera, que he perdida,
 E sendo assim passada na lembrança
 Soubera ser futura na esperança.

Nem queixumes de lagrimas sentidas
 Alivios podem ser n'esta saudade,
 Que sendo partes da alma desunidas,
 São causas naturaes da soledade :
 Porque quando nos olhos advertidas,
 Procurão fugitivas liberdade :
 Aquella mesma vida, que me alenta,
 Tambem n'ellas partida se me ausenta.

Oh quem me dera já ser assistido
 Dos penhascos talvez, que o monte cria !
 Mas quem não tem razões para sentido,
 Não póde ter nas mágoas companhia :
 E hum rigor por ausencias padecido,
 Com nenhuma presença se aliviã ;
 Que quem nas ancias, que padece hum triste,
 Juntamente não pena, não lhe assiste.

E menos me permite esta esquivança
 Ser de vós assistido, lindas flores,
 Pois por gentis emblemas da mudança
 Hieroglyphico sois de meus amores :
 E se produzis glorias na lembrança,
 Mal podeis assistir a meus rigores ;
 Que não faz assistencia nos retiros,
 Quem motiva principios aos suspiros.

Nem já, feras, talvez vossa bruteza
 Resta para topar branda piedade ;
 Mas como pôde ser, se a natureza
 As noticias vos nega da saudade ;
 E no fatal rigor de huma tristeza,
 Nos effeitos mortaes da soledade,
 Não pôde ser a dôr compadecida,
 Sem que seja na causa conhecida.

Nem sereis, avesinhas, no saudoso
 Companheiras gentís a meus retiros,
 Que diversos sujeitos no penoso,
 Tem diversas as magoas nos suspiros :
 E bem se vê, que o mal todo invejoso
 Mais a mim, do que a vós fulmina os tiros ;
 Pois n'hum rigor fatal hum damno esquivo,
 Mais mata o racional, que o sensitivo.

E menos podeis ser a meus sentidos
 Deleitoso carinho na saudade,
 Lisongeiros arroyos, que atrevidos
 Sollicitaes dos olhos a vaidade :
 Mas como ? se a meus ais, e a meus gemidos
 Multiplicais melhor a soledade ;
 Pois em vós retratado, e descontente,
 De mim mesmo me vejo estar ausente.

Mas ainda assim parai, que se melhora
 N'estas lagrimas minhas vosso augmento,
 Se professais correntes, como agora
 Sabeis livres fugir ao sentimento :
 Parai, não murmureis, que n'isso fôra
 Muito mais conhecido vosso alento ;
 Olhai que se condemna, ou se aventura,
 A não fazer remances quem murmura.

E vós parai nas queixas amorosas,
 Galantes cortezãos da soledade,
 Que não fazeis os pontos de queixosas,
 Quando dais tantas falsas na saudade :
 Parai, digo, a meus ais, parai piedosas,
 Parai nos quebros, tende a liberdade,
 Aprenderéis a ser n'estes retiros
 Hum Phenix cada qual de meus suspiros.

Parai gentis emblemas da vaidade,
 Flores, digo, parai, parai saudosas,
 Não bebais presumpções, que a pouca idade
 Sereis de meus incendios mariposas :
 Aprendei dos alinhos da beldade,
 De vossa vida, digo, a ser piedosas ;
 Que sempre foi nas regras da ternura
 Mui capaz de lições a formosura.

Parai, fêras, também n'esses ruidos,
 Guardas do monte, archeiros da fereza,
 Fazei caso das penas, que os bramidos
 Argumentos parecem da belleza :
 Isto basta, parai, que os entendidos
 Podem talvez notar vossa estranheza :
 Minhas queixas ouvi, que alivio fôra,
 Quem não pôde fallar, me ouvisse agora.

Parai, broncos penhascos, que o Ceo cria
 Para pardos Atlantes dos retiros,
 Se vos vence hum liquidida porfia,
 Como já resistis a meus suspiros ?
 Mas oh ! que digo, pare a covardia,
 Exhale o peito, multiplique os tiros,
 Duplique amor, dobre o sentimento,
 Agua nos olhos, nos suspiros vento.

Ferido o coração tribute em fogo
 Undosa prata, derretido alento,
 Se liquidida sangria ao desafogo,
 Lisongeira lanceta ao sentimento,
 Se excessivo queixume, ardente rogo,
 Se verta em nuvem, se distille em vento,
 Não fique planta, que apesar do espanto,
 Não morra em fogo, não se afogue em pranto.

Sejão linguas dos olhos mudas aguas,
 Interpretes da dôr tristes retiros,
 Eloquencias do peito vivas fragoas,
 Razões do coração ternos suspiros,
 Rhetoricas da pena ardentes magoas,
 Elegancias de amor dobrados tiros:
 Emmudeça a razão, que só parece
 Sabe tambem sentir, quando emmudece.

Distille o coração, duplique o vento
 Ethnas a seu pezar, aguas ao rogo,
 Morra por glorias de seu mesmo alento
 Troia nas ondas, e Narciso em fogo:
 Incendios sollicite ao sentimento,
 Diluvios multiplique ao desafogo,
 Sendo de seu rigor o mesmo ensaio
 Nas causas nuvem, nos effeitos raio.

Não cresça lirio, que não sinta os tiros,
 Clavel não gire, que não pasme em fragoas,
 O que Phenix não fôr entre os suspiros,
 Morra já Phaetonte sobre as aguas:
 Sejão vozes as magoas nos retiros,
 Que melhor nos retiros se ouvem magoas,
 Se se póde na dôr, que amor ordena,
 Ouvir a magoa, sem sentir a pena.

Não reste planta, que se atreva a tanto,
 Que não murche dos ais enternecidos,
 Rosa não fique, que apesar do espanto,
 Se não seque ludibrio dos gemidos :
 Em fim duplique a dôr, produza o pranto
 Lastimosos naufragios dos sentidos,
 Seja n'este pesar, n'esta esquivança
 Charybdes da alma o cabo da Esperança.

Mas ai ! que as plantas no desdem da idade,
 Mas ai ! que as flores no rigor de hum vento,
 A não serem jasmims na brevidade,
 Não serão perpetuas no tormento,
 Só tu, terrivel ancia da saudade,
 Eternisas agora o sentimento ;
 Porque quando matar-me Amor ordena,
 Me deixas vida, com que o corpo pena.

Quem soubera cuidar, que a mais crescida
 Tyrannia cruel da dôr mais forte
 Fosse, quando nas perdas de huma vida
 Impossiveis sentisse de huma morte :
 Mas he rigor da magoa repetida
 Por industria fatal da iniqua sorte ;
 Porque quando talvez matar-me trate,
 Por topar-me sem vida não me mate.

E se fôra da vida roubadora
 Esta sorte fatal tormento esquivo,
 Tivera só por pena matadora
 Qualidades de grande no intensivo :
 Mas não, que como amor pretende agora
 Cumular intenções ao sensitivo,
 Não quer, que Amor me mate, pois durára
 Muito menos a pena, se matára.

Agora alcançarás, prenda querida,
 Os rigores de amor na minha sorte,
 Pois agora me quer roubar a vida,
 Só por não tirar primeiro a morte :
 Mas ai ! que a pena se duplica unida,
 Mas ai ! que a magoa se eternisa forte,
 Pois que vejo na dôr do mal esquivo,
 Que não posso morrer, porque não vivo.

Mas agora na pena, que me entrega,
 Vejo, que quer a dor, e a mais aspira,
 Que padeça na morte, que o mal nega,
 E que pena na vida, que amor tira :
 Aqui verás, Ignez, a quanto chega
 Esta pena de amor, que Amor conspira ;
 Pois agora não sei, no que discorro,
 Se vivo ausente, nem se ausente morro.

Mas em fim, que me queixo dos rigores,
 Com que talvez Amor me tyrannisa,
 Quando mais martyrisão seus favores,
 Onde qualquer lembrança os eternisa:
 Pois quando apenas se alentárão flores,
 Passárão quasi flôr, que se agonisa;
 Por isso a minha queixa mais se ordena
 A sentir seu desdem, que a minha pena.

Oh duro amor! oh fragoa dos gemidos,
 Prisão da vida, Argel da liberdade,
 Martyrio da alma, guerra dos sentidos,
 Encanto doce da melhor vontade;
 Teus favores só forão conhecidos
 Por gentis prendas da mais tenra idade,
 A não serem primeiro teus favores
 Seccas espinhas, que animadas flores.

Que cuidados não causas, Joven cego?
 Que rigores não dás ao pensamento?
 Que delicias não roubas ao socego?
 Que lisonjas não finges ao tormento?
 A que peitos não dás custoso emprego?
 A que vidas não tiras doce alento?
 De que genios não reinas? de que idades?
 De que prendas gentis? de que beldades?

Quem me dissera, quando Ignez lograva
 Nos carinhos gentis de seus favores,
 Quando n'elles amcr idolatrava,
 Para poder talvez morrer de amores:
 Quem me dissera logo, que aspirava
 Hum caduco prazer a taes rigores!
 Quem me dissera então, que da ventura
 Era mortal delicto a formosura.

Quem dissera, que os laços de alvedrios,
 Gentis madeixas, onde a natureza
 Repartio liberal por tantos fios
 Os melhores extremos da belleza;
 Esses agora, que acabárão brios,
 Se arrastão já bandeiras da tristeza?
 Mas que muito, se nunca em seus ensaios
 Nenhum, por louro, se isentou de raios.

Oh bem, que pouco duras possuido!
 Só logras algum ser, quando esperado;
 Nos molestos receios de perdido
 Tyrannisas o gosto de alcançado:
 Oh sonhada lisonja do sentido!
 Oh mais terrivel ancia do cuidado!
 Flôr, que apenas se vê, quando se chora
 Enteada do Sol, filha da Aurora.

Aquelles olhos, d'onde o Sol furtava
 Os melhores thesouros da vaidade,
 E em luzidas capellas consagrava
 Dous altares Amor a huma beldade :
 Aquelles, cuja luz interpretava
 Os occultos archivos da vontade,
 Estes mesmos erarios da belleza
 Deixa a perder de vista huma fereza.

Oh debil gloria, lisongeiro ensaio !
 Babel da vida, lingua de escarmento,
 Desfeita sombra do mais breve raio,
 Quebrado vidro do mais tibio vento :
 Jasmim, que pasma de qualquer desmaio,
 Cravo, que morres de teu mesmo alento !
 Oh gloria humana ! em fim gloria sonhada,
 Vida, sombra, jasmim, ou cravo, ou nada.

Aquella bocca, donde a mais lustrosa
 Se divisava purpura incendida,
 Em quem se vio nascendo a bella rosa
 Com menos folhas, quando mais partida,
 Agora só se occulta lastimosa
 Em desmaios de neve amortecida ;
 Mas que prenda não tem, que formosura,
 Muito menor a vida, que a ventura !

Lá pertende nascer cravo lusido ,
 Mas em casa gentil botão fechado ;
 Porque aquella manhã, que o vê nascido ,
 O chorasse primeiro amortalhado :
 Quem, ó purpurea flôr, tão presumido ?
 Mas quem, cravo gentil, tão lastimado ?
 Que lhe chegue a tecer a natureza
 A mortalha primeiro, que a belleza.

Aquelle brando accio da ternura ,
 Aquelle doce Argel da liberdade,
 Aquelle emblema só da formosura,
 Aquelle bello encanto da vontade,
 Aquelle gentil pasmo da ventura ,
 Aquelle rico erario da vaidade.
 Nos alinhos se vê já confundida ,
 Tropheo da morte, lástima da vida.

Que pouca duração, que mal segura ,
 Tem nas prendas da vida huma belleza !
 Só vive, em quanto nasce a formosura ,
 Espira, em quanto vive a gentileza :
 Em fim mais morre, quanto em fim mais dura ,
 Mortalidades traz por natureza,
 Quanto mais alentada, e mais luzida ,
 Mais accidentes logra, e menos vida.

Mas se são melindrosa enfermidade
 Prendas de amor, e dotes de huma vida,
 Que muito, bella Ignez, que essa beldade
 Fosse de teus alentos homicida :
 Comtigo Amor te foi no Abril da idade,
 Menos ambiciosa, que atrevida,
 Sem reparar, Ignez, que teus rigores
 Perdessem fructos por cortarem flores

Mas viverás, Ignez, que Amor ordena,
 N'estas memorias, onde a tyrannia,
 Por não lograr-se mal a minha pena,
 Debuxa melhor tua gallardia :
 Aqui verás, Ignez, se me condemna
 Amor, que por tyranno se avalia,
 A fazer impossiveis, pois discorro,
 Viver lembrado, quando ausente morro.

Aqui passo talvez a mais querer-te,
 Onde chego mais fino a mais lembrar-me,
 Porque forão distancias de não vêr-te,
 Incentivos talvez para olvidar-me :
 Mas nem tópo motivos de perder-te
 N'esses teus infalliveis de deixar-me,
 Que sendo vida minha, só pudéra,
 Por perdida julgar-te, se eu morrêra.

Morra no ramalhete flôr covarde
 A que rosa nasceo mais alentada,
 Vomitando rubins, pague na tarde
 Quantas perlas bebo na madrugada :
 Seja bruto fiscal de tanto alarde
 O mesmo dia, que a chorou cortada;
 Que nenhuma manhã, nem tarde temo
 Contas posso tomar de tanto extremo.

Assim se queixa Pedro, quando ausente
 D'aquellas prendas nunca mais queridas,
 Pois Amor, que lembradas as consente,
 As pintou bellas, quando as vio perdidas :
 Quando nas penas, que dobradas sente,
 Quando nas queixas, que repete unidas,
 Já desmaiado pasma, porque ordena
 A mesma queixa, que se calle a pena.

Qual o lirio gentil nas mãos da tarde,
 Quando fragoas se alenta, incendios gira,
 Funesta vida de seu mesmo alarde,
 Bebendo raios abrazado expira :
 O que rouxo matiz apenas arde,
 Parda nuvem marchando se retira,
 Em quanto a Aurora tarda, que de hum raio
 Lhe corta galas para novo ensaio.

Em fim Pedro se calla, e não consente
 Os sentidos queixumes, que derrama,
 Que se vive queixoso quem mais sente,
 Põe limite nas queixas quem mais ama :
 Mas aqui lhe concede amor presente
 Aquellas prendas, com que mais se inflamma,
 Que são talvez motivos do socego
 As memorias gentis do doce emprego.

Agora humanas prendas (se entendidas)
 O desdem desprezai da infausta sorte,
 Que não durão tão pouco as vossas vidas,
 Que não saibão passar além da morte :
 Attentai (se notardes advertidas)
 Que n'aquelle de amor rigor mais forte,
 Aconteceo da misera, e mesquinha,
 Que depois de ser morta, foi Rainha.



EPISODIO

DE

D. IGNEZ DE CASTRO

(Do Canto III^o das Lusiadas, de Camões)

1

Passada esta tão próspera victoria,
Tornado Affonso á Lusitana terra,
A se lograr da paz com tanta gloria,
Quanta soube ganhar na dura guerra.
O caso triste e digno de memoria,
Que do sepulchro os homens desenterra,
Aconteceo da misera, e mesquinha,
Que depois de ser morta foi Rainha.

2

Tu só, tu, puro Amor, com força crua,
Que os corações humanos tanto obriga,
Déste causa á molesta morte sua,
Como se fôra perfida inimiga.
Se dizem, fero Amor, que a sêde tua
Nem com lagrimas tristes se mitiga,
He porque queres, aspero e tyranno,
Tuas aras banhar em sangue humano.

Estavas, linda Ignez, posta em socêgo,
 De teus annos colhendo doce fruto,
 N'aquelle engano da alma, ledo e cego,
 Que a fortuna não deixa durar muito ;
 Nos saudosos campos do Mondego
 De teus formosos olhos nunca enxuto,
 Aos montes ensinando, e ás hervinhas,
 O nome, que no peito escripto tinhas.

Do teu principe alli te respondião
 As lembranças, que na alma lhe moravão,
 Que sempre ante seus olhos te trazião
 Quando dos teus formosos se apartavão,
 De noite em doces sonhos, que mentião,
 De dia em pensamentos, que voavão ;
 E quanto emfim cuidava, e quanto via
 Erão tudo memorias de alegria.

De outras bellas senhoras, e princezas
 Os desejados thálamos engeita ;
 Que tudo emfim tu, puro amor, desprézas
 Quando hum gesto suave te sujeita.
 Vendo estas namoradas estranhezas
 O velho pai sisudo, que respeita
 O murmurar do povo, e a fantasia
 Do filho, que casar-se não queria :

Tirar Ignez ao mundo determina ,
 Por lhe tirar o filho , que tem preso ;
 Credo c'ò sangue só da morte indina
 Matar do firme amor o fogo acceso.
 Que furor consentio que a espada fina ,
 Que poude sustentar o grande pêso
 Do furor Mauro , fosse alevantada
 Contra huma fraca dama delicada ?

Trazião-na os horrificos algozes
 Ante o Rei , já movido a piedade ;
 Mas o povo , com falsas e ferozes
 Razões á morte crua o persuade :
 Ella com tristes e piedosas vozes
 Sahidas só da magoa e saudade
 Do seu principe e filhos , que deixava ,
 Que mais que a propria morte a magoava :

Para o Ceo crystallino alevantando
 Com lagrimas os olhos piedosos ;
 Os olhos , porque as mãos lhe estava atando
 Hum dos duros ministros rigorosos :
 E depois nos meninos attentando ,
 Que tão queridos tinha e tão mimosos ,
 Cuja orphandade como mãi temia ,
 Para o avô cruel assim dizia :

Se já nas brutas feras, cuja mente
 Natura fez cruel de nascimento ;
 E nas aves agrestes, que sómente
 Nas rapinas aerias tem o intento ;
 Com pequenas crianças vio a gente
 Terem tão piedoso sentimento ;
 Como co' a mãe de Nino já mostrarão ,
 E co' os irmãos que Roma edificarão :

O' tu, que tens de humano o gesto e o peito,
 (Se de humano he matar huma donzella
 Fraca e sem força, só por ter sujeito
 O coração a quem soube vence-la)
 A estas criancinhas tem respeito,
 Pois o não tens á morte escura d'ella :
 Mova-te a piedade sua e minha,
 Pois te não move a culpa que não tinha.

E se vencendo a Maura resistencia,
 A morte sabes dar com fogo e ferro,
 Sabe tambem dar a vida com clemencia
 A quem para perde-la não fez erro.
 Mas se t'ó assim merece esta innocencia,
 Põe-me em perpetuo e misero desterro,
 Na Scythia fria, ou lá na Libya ardente,
 Onde em lagrimas viva eternamente.

Põe-me onde se use toda a feridade ,
 Entre leões e tigres , e verei
 Se n'elles achar posso a piedade
 Que entre peitos humanos não achei ;
 Alli co' o amor intrinseco , e vontade
 N'aquelle por quem morro , criarei
 Estas reliquias suas que aqui viste ,
 Que refrigerio sejam da mãe triste.

Queria perdoar-lhe o rei benino ,
 Movido das palavras que o magoão ;
 Mas o pertinaz povo , e seu destino
 Que d'esta sorte o quiz , lhe não perdoão.
 Arrancão das espadas de aço fino ,
 Os que por bom tal feito alli pregoão ,
 Contra huma dama , ó peitos carnicheiros ;
 Feros vos amostrais , e cavalleiros ?

Qual contra a linda môça Polyxena ,
 Consolação extrema da mãe velha ,
 Porque a sombra de Achilles a condena ,
 Co' o ferro o duro Pyrrho se apparelha :
 Mas ella os olhos , com que o ar serena ,
 (Bem como paciente e mansa ovelha)
 Na misera mãe postos , que endoudece ,
 Ao duro sacrificio se offerece :

Taes contra Ignez os brutos matadores
 No collo de alabastro, que sustinha
 As obras, com que amor matou de amores
 Aquelle, que depois a fez rainha,
 As espadas banhando, e as brancas flores,
 Que ella dos olhos seus regadas tinha,
 Se incarnicavão férvidos e irosos,
 No futuro castigo não cuidadosos.

Bem poderas, ó sol, da vista d'estes,
 Teus raios apartar aquelle dia,
 Como da séva meza de Thyestes,
 Quando os filhos por mão de Atreu comia.
 Vós, ó concavos valles, que podestes
 A voz extrema ouvir da boca fria,
 O nome do seu Pedro que lhe ouvistes,
 Por muito grande espaço repetistes !

Assim como a bonina que cortada
 Antes do tempo foi, candida e bella,
 Sendo das mãos lascivas maltratada
 Da menina que a trouxe na capella
 O cheiro traz perdido e a côr murchada :
 Tal está morta a pallida donzella,
 Sêccas do rosto as rosas, e perdida
 A branca e viva côr co' a doce vida.

As filhas do Mondego a morte escura
 Longo tempo chorando memorarão ;
 E por memoria eterna, em fonte pura
 As lagrimas choradas transformarão :
 O nome lhe pozerão, que inda dura,
 Dos amores de Ignez que alli passarão.
 Vêde que fresca fonte rega as flores,
 Que lagrimas são a agua, e o nome amores.

CANÇÕES.



CANTATA

DE

MANOEL MARIA BARBOSA DO BOCAGE.

Longe do caro esposo Ignez formosa
Na margem do Mondego,
As amorosas faces aljofrava
De mavioso pranto:
Os melindrosos candidos penhores
Do thálamo furtivo,
Os filhinhos gentis, imagem d'ella,
No regaço da mãe serenos gozão
O somno da innocencia.
Côro subtil de aligeros Favonios,
Que os ares embrandece
Ora enlevado affaga
Com as plumas azues o par mimoso,
Ora, sôlto, inquieto
Em leda travessura, em doce brinco,
Pela amante saudosa,
Pelos tenros meninos se reparte,
E com tenue murmurio vai prender-se
Das aureas tranças nos anneis brilhantes.
Primavera louçan, quadra macia
Da ternura, e das flores,
Que á bella natureza o seio esmaltas,

Que no prazer de amor ao mundo apuras
 O prazer da existencia,
 Tu de Ignez lacrimosa
 As mágoas não distrahes com teus incantos.
 Debalde o rouxinol, cantor de amores,
 Nos versos naturaes os sons varia,
 O limpido Mondego em vão serpeia
 C'um benigno susurro, entre boninas
 De lustroso matiz, almo perfume;
 Em vão se doura o sol de luz mais viva,
 Os ceos de mais pureza em vão se adornão,
 Por divertir-te, oh Castro!
 Objectos de alegria amor enjoão,
 Se amor he desgraçado.
 A meiga voz dos zephiros, do rio
 Não te convida o somno:
 Só de já fatigada
 Na lucta de amargosos pensamentos,
 Cêrras, misera, os olhos;
 Mas não ha para ti, para os amantes
 Somno placido e mudo;
 Não dorme a fantasia, amor não dorme:
 Ou gratas illusões, ou negros sonhos
 Assomando na idéa, espertão, rompem
 O silencio da morte.
 Ah! que fausta visão de Ignez se apossa!
 Que scena, que espectáculo assombroso
 A paixão lhe afigura aos olhos d'alma!
 Em marmoreo salão de altas columnas
 A solio magestoso e rutilante,
 Juncto ao regio Amador, se crê subida;
 Graças de neve a purpura lhe envolve;

Pende augusto docel do tecto de ouro ;
 Rico diadema de radioso esmalte
 Lhe cobre as tranças , mais formosas que elle ;
 Nos luzentes degrãos do throno excelso
 Pomposos cortezãos o orgulho acurvão ;
 A lisonja sagaz lhe adoça os labios ;
 O monstro da politica se aterra ,
 E se Ignez perseguia , Ignez adora.

Ella escuta os extremos

Os vivas populares , vê o amante
 Nos olhos estudar-lhe as leis , que dicta ;
 O prazer a transporta , Amor a incanta ;
 Premios , dadas mil ao justo , ao sabio

Magnanima confere ,

Rainha esquece o que soffreo vassalla :
 De sublimes acções orna a grandeza ,
 Felicita os mortaes , do sceptro he digna ;
 Impera em corações.... mas ceos ! que estrondo
 O sonho incantador lhe desvanece !

Ignez sobresaltada

Desperta , e de repente aos olhos turvos
 Da vistosa illusão lhe foge o quadro.
 Ministros do furor , tres vis algozes ,
 De buídos punhaes a dextra armada
 Contra a bella infeliz bramindo avanção.
 Ella grita , ella treme , ella descora ;
 Os fructos da ternura ao seio aperta ,
 Invocando a piedade , os ceos , o amante ;
 Mas de marmore aos ais , de bronze ao pranto
 Á suave attracção da formosura ,

Vós , brutos assassinos ,

No peito lhe enterrais os impios ferros.

Cãi nas sombras da morte
 A victima de amor, lavada em sangue,
 As rosas, os jasmims da face amena
 Para sempre desbotão.
 Dos olhos se lhe some o doce lume,
 E no fatal momento
 Balbucia, arquejando : » Esposo ! esposo ! »
 Os tristes innocentes
 Á triste mãi se abração,
 E soltão de agonia inutil choro.
 Ao suspiro exhalado
 Final suspiro da formosa extincta,
 Os amores acodem.
 Mostra a prole de Ignez, e a tua, oh Venus !
 Igual consternação, e igual belleza :
 Huns dos outros os candidos meninos
 Só nas azas differem,
 (Que jazem pelo campo em mil pedaços
 Carcazes de marfim, virotes de ouro)
 Subito voão dous do côro alado :
 Este raivoso, a demandar vingança
 No tribunal de Jove ;
 Aquelle a conduzir o infausto annuncio
 Ao descuidado amante.
 Nas cem tubas da Fama o gran' desastre
 Irá pelo Universo :
 Hão de chorar-te, Ignez, na Hircania os tigres,
 No torrado sertão de Lybia fera
 As serpes, os leões hão de chorar-te.
 Do Mondego, que attonito recúa,
 Do sentido Mondego as alvas filhas
 Em tropel doloroso

Das urnas de crystal eis vem surgindo,
 Eis, attentas no horror do caso infando,
 Terriveis maldições dos labios vibrão
 Aos monstros infernaes, que vão fugindo.
 Já coroão de cypreste a malfadada,
 E arrepellando as nitidas madeixas,
 Lhe urdem saudosas lugubres endeixas.

Tu, Echo, as decoraste,
 E cortadas dos ais, assim resoão
 Nos concavos penedos, que magoão :

Toldão-se os ares,
 Murchão-se as flores :
 Morrei, Amores,
 Que Ignez morreo.

Misero esposo
 Desata o pranto,
 Que o teu incanto
 Já não he teu.

Sua alma pura
 Nos ceos se encerra :
 Triste da terra
 Porque a perdeu !

Contra a cruenta
 Raiva ferina,
 Face divina
 Não lhe valeo.

Tem roto o seio
 Thesouro occulto,
 Barbaro insulto
 Se lhe atreueo.

De dôr e espanto,
 No carro de ouro,
 O numen louro
 Desfalleceo.

Aves sinistras
 Aquí piárão,
 Lobos uivárão
 O chão tremeo.

Toldão-se os ares,
 Murchão-se as flores :
 Morrei, amores,
 Que Ignez morreo.



OITAVA 120

DO

TERCEIRO CANTO DOS LUSIADAS

DE CAMOENS

GLOZADA.

*Estavas, linda Ignez, posta em socego,
De teus annos colhendo doce fruto,
N'aquelle engano da alma ledo, e cego,
Que a fortuna não deixa durar muito;
Nos saudosos campos do Mondego,
De teus formosos olhos nunca enxuito,
Aos montes ensinando, e ás hervinhas,
O nome, que no peito escripto tinhas.*

GLOZA.

1

Passavas com descanso noite, e dia,
De amorosos cuidados innocente,
Já vendo as flores, que este campo cria,
Já do Mondego a placida corrente,
Já ouvindo das aves a harmonia,
Com que voão cantando alegremente;
E apesar d'esse Deos injusto, e cego,
Estavas, linda Ignez, posta em socego.

Amor, que ha muito tempo o magoava
 Ver-te isenta passar a flor dos annos,
 Em ti descarregando toda a aljava,
 Queria sujeitar-te aos seus enganos;
 Da multidão das settas, que atirava,
 Nenhuma faz em ti seus crueis damnos,
 Antes hias, sem dar a Amor tributo,
De teus annos collhendo o doce fruto;

Vôa a Sicilia o Deos envergonhado,
 Entra do pai nas fumegantes covas,
 E depois de se haver de ti queixado,
 Formosa Ignez, lhe pede settas novas:
 Bem mostra n'este excesso, que empenhado
 Quer fazer de teu peito extremas provas,
 Só por que vivas, tendo amante emprego,
N'aquelle engano da alma ledô, e cego.

Huma setta Vulcano lhe põe prompta,
 Por que sentio o filho vêr afflicto,
 Com que castigar possa a sua affronta,
 Como se o não amar fosse delicto;
 No gume de oiro da afinada ponta
 De Pedro lhe gravou o nome escripto,
 Por levar da innocencia aquelle fruto,
Que a fortuna não deixa durar muito.

Já corta o ar sereno o Deos menino
 Com a paterna dadiva contente,
 Deixando atraz o Ploro, e o Paquino,
 A Sardenha, e Maina juntamente;
 Vê á esquerda a Italia, o Apenino,
 Os Pyrineos já passa, e a Iberia gente,
 E a seu vôo ligeiro põe socego
Nos saudosos campos do Mondego.

Aqui pretende das antigas dores
 Tomar vingança, restaurando a gloria;
 Já grita — « Altiva Ignez, dos meus furores
 Hoje não fugirás, tenho a victoria;
 Inda tempo virá, em que os pastores
 Aqui venhão cantar d'ella a memoria
 Ao pé d'este rochedo bronco, e bruto
De teus formosos olhos nunca enxuito. » —

Acabou de fallar, e diligente,
 Por não errar o tiro, fez estudo,
 Despede, a setta corre velozmente,
 Traspassa o tenro peito o ferro agudo:
 — « Aprenda, diz Amor, todo o vivente,
 Que a meu grande poder se rende tudo;
 E vós, ó nymphas, ide as glorias minhas
Aos montes ensinando, e ás hervinhas. » —

Fugio Amor, roubando-te o socego,
Ignez, de huma alma livre o melhor fruto;
Que não póde ao imperio duro, e cego
Humano coração resistir muito:
Amante já ás margens do Mondego
Passeias com o rosto nunca enxuto,
Aos montes ensinando, e ás hervinhas
O nome, que no peito escripto tinhas.

POR JOAQUIM IGNACIO DE SEIXAS BRANDÃO

Natural de Minas Geraes



CARTA

DE

D. IGNEZ DE CASTRO

A D. PEDRO

Senhor, que fado, que maligna estrella
Da mal ditosa Ignez persegue os dias !
Que tardança, Senhor ! não vens a vêr-me ?...
E eu posta em viuvez, desfeita em pranto
Só vivo para vós, por vós suspiro.
Já cem vezes o Sol o raio d'oiro
Tem reflectido n'agoa do Mondego,
E este rio, que á vossa despedida
Tão pobre em cabedaes se vadeava,
Co' as agoas de meus olhos engrossado,
Tem por tres vezes alagado os campos :
E vós sem vêr-me... E a triste Ignez sósinha,
No maior desamparo... ah ! se não fôra
Ter no meu coração a imagem vossa,
Que amor n'elle insculpio, e a natureza
Moldou nos rostos, nas feições, nos gestos
Das tenras criancinhas, que me cercão...
Ah ! se não fôra tal penhor, ha muito
Rendera a vida aos golpes da saudade.

Esses tenros infantes, que gerámos
 Também das minhas magoas participão,
 Também soffrem, Senhor, co' a vossa ausencia;
 Quando vireis (com mal seguras vozes
 Mil vezes me perguntão) se por terra,
 Se por mar heis de vir, se vos detendes
 Muito longe d'aqui: eu dou-lhe esp'ranças
 Ai triste! que também assim me engano.
 Se acaso em brincos infantís se agastão,
 Ou se aos olhos lhe acode o fatal chôro,
 Dou-lhes mil beijos; entre mil caricias
 Vossa proxima vinda lhe annuncio;
 E subito o mimoso pranto enxugão;
 Pulão contentes; vão-se alvoroçados.
 Desgraçados infantes; filhos d'alma,
Em tanto amor gerados, e nascidos!...
 Já talvez vos aguarda o Fado acerbo,
 E a má ventura, que na mãe começa.
 Não sei que nuvem negra, e carregada
 Me péza sobre o peito, e me envenena
 Com sinistros agoiros: desgraçada!
 De qualquer lado, que me volte, encontro
 Presagios de terror, signaes da morte:
 O susurro dos bosques solitarios,
 Onde me embrenho por nutrir tristezas;
 O murmurio das agoas crystallinas,
 Que vão serenas para o mar descendo,
 Me assaltão de repente, e me põem medo;
 A minha mesma sombra me estremece;
 Sinto (tenho vergonha em confessa-lo)
 Sinto horror, e remorso, em mim só visto
 Companheiro de Amor, e não do crime.

Do meu tyranno mal compadecidas,
 Vem a vêr-me as donzellas d'estes sitios,
 Por vêr se alcanção divertir-me as magoas
 Com jogos, danças, brincos innocentes:
 Nada, Senhor, me alegra, e me entra n'alma,
 Toda cheia de vós, e a vós só franca.
 Quão outro o tempo foi, que juntos ambos
 N'este ameno lugar, hoje tão triste,
 Viviamos d'amor no lêdo engano!
 Aqui junto de vós, as mãos unindo,
 E em práticas alegres discorrendo,
 Davamos ambos o devido preço
 Ao nosso amor: então os sentimentos,
 E os nossos corações se confundião;
 E amor em mares de prazer nadando,
 Com doce embriaguez nos repousava.
 Quão louca eu fui! quão credula em fiar-me
 Na esperança vã, nos mimos da ventura!
 Ignez de tronco illustre; os bens da sorte
 Tendo em copia; d'amantes galanteios,
 Mal acceitos, mil vezes requestada;
 Ignez fôra feliz, se amor não fosse.
 Louca! quão temeraria confiança
 Fez subir a tão alto os teus desejos!
 A razão vai punir-te dos teus erros;
 O teu esposo, o Principe querido
 Vai-se ao thalamo unir d'alta Princeza,
 Que em sangue seja igual; razões d'Estado
 Farão que amor aos interesses ceda.
 Ah! que fazes, Senhor? não tens em conta
 A mal fadada Ignez, e estes filhinhos,
 Que dos erros da mãi não são culpados?...

Meus extremos, meu puro amor são nada ?...

Ah ! recorda, Senhor, o juramento,

Que deste junto ás aras sacrosantas

De hum Deos terrivel ; seu ministro austero

Com laço nos prendeo indissolvel :

Foi testemunha o Ceo... e o Ceo castiga...

Mas... perdoai, Senhor, os meus delirios,

Meus desvarios, que de amor só partem.

Não, eu não creio, Principe extremoso,

Que hum coração tão puro, como o vosso,

Alma tão feita para amar se manche

C'um vil perjurio... mas o Rei, e o povo,

Que em altas vozes minha morte pede ?...

Que seguro terá minha fraqueza

De que hei de resistir á tyrannia ?

Já me parece vêr diante os monstros,

Apontando-me ao peito o ferro agudo,

Rasgar-me o coração, roubar-me o esposo,

Roubar-me os filhos... já Morfeo em sonhos

Me confirmou esta mordaz suspeita.

No leito solitario em sobresaltos

Ao somno os olhos dei desinquieta :

Então se me afigura que me arrastão

Á presença fatal do Rei tremendo ;

Posta em giolhos ante o Rei severo,

Erguendo ao Ceo os olhos piedosos

(Os olhos, porque as mãos me estava atando

Hum dos duros ministros rigorosos)

Alli advogo a minha causa : Affonso,

Já manso, ora a mim volvendo as vistas,

Ora aos netos, que em torno de mim chorão,

Queria perdoar-me : eis n'isto arranca

Hum verdugo a espada da bainha,
 N'este peito, que he vosso, a crava ; acôrdo,
 Pedindo auxilio ao meu querido Esposo,
 O nome do meu Pedro repetindo.
 Queira o Ceo remover tão triste agoiro,
 Que de continuo as carnes me arripia,
 E continuo me inquieta o pensamento.

Vêde, Senhor, que magoas, que amarguras
 Ralão da triste Ignez o peito afflicto ;
 Só vós, Senhor, só vós podeis alivio
 Dar a seus males, enxugar seu pranto ;
 Tornai-vos outra vez d'Ignez aos braços ;
 Vinde curar com balsamo amoroso
 As f'ridas, que me fez a saudade :
 Aqui vireis ouvir d'amante boca
 Do amor feliz mil queixas namoradas ;
 Aqui nas vossas mãos o juramento
 Renovarei com sello de mil beijos,
 De que este amor tão puro, em que me abraso,
 Ha de ser sempre vosso ; Ignez constante
 Ha de com elle entrar na sepultura.



SEGUNDA CARTA**DA MESMA AO MESMO.**

Se ainda extremoso por meus olhos ardes,
Vem soccorrer a misera consorte,
Vem, caro esposo meu, vòã, não tardes.

D'horriveis sustos infernal cohorte
Me assalta o coração, e muda, e fria
Sinto adejar-me em torno a surda morte.

Tudo que vejo, tudo me enuncia,
Que para te roubarem dos meus braços,
Querem roubar-me a luz do claro dia.

Retumba n'estes sumptuosos paços
A voz d'hum cruel povo, que te obriga
A partir este nó em mil pedaços.

Ser d'Iberios monarchas prole antiga,
Girar teu regio sangue em minhas veias,
Não faz, qu'a sua protecção consiga.

Busca despedaçar nossas cadeias:
Nem o commove lagrimas ardentes,
Nem vivas preces de amarguras cheias.

Ah! se meus tristes damnos já não sentes,
Punja-te ao menos, punja-te a desgraça
D'estes, que amaste, filhos innocentes.

O golpe que seus dias ameaça,
 Mais do qu' a minha propria desventura,
 O debil coração me despedaça.

Primicias da mais candida ternura,
 Quanto melhor vos fôra, que ficasseis
 Com vossa infausta mãi na sepultura.

Antes na inculta Lybia vos criasseis,
 Porqu' entre as bravas, sanguinosas feras
 Peitos mais brandos pôde ser que achasseis.

Mas vem, vem-me acudir, Senhor, qu'esperas?
 Novo, regio conorcio te destinão:
 E meus sustos não são falsas quimeras.

Vem pôr termo aos desastres, que fulminão
 Contra aquella infeliz, que tanto amaste,
 Duros monstros, que o nosso amor criminão.

Quando os primeiros votos me firmaste,
 Que a vida entre meus braços passarias,
 Mil vezes pelos Ceos me asseguraste.

*Meu bem, luz dos meus olhos, me dizias,
 Nunca de te querer me salisfaço,
 Tu só pôdes tornar ledos meus dias.*

*Se o throno me scrísse de embaraço
 Para gozar teu peito carinhoso,
 Odiára o throno, deixaria o paço.*

*No sitio mais deserto, e pavoroso
 Contigo viveria prazenteiro
 Julgando-me o vivente mais ditoso.*

*Tu mais valia tens, qu' o mundo inteiro,
E quem a dita de gozar-te, alcança,
Aos bens maiores fica sobranceiro.*

Assim azas criou minha esperança,
Para se erguer tão alto : Ai de mim triste !
Que fiz em teus protestos confiança.

De tão vehemente amor já nada existe :
Sujeitas a vontade á voz do povo,
Que em dar-te nova esposa tanto insiste.

Goza, goza o prazer d'hum amor novo,
Qu' eu perderei a vida amargurada,
Pois que teu duro peito não commovo.

Mas teme o furor meu, que despiedada
Teus dias turbarei, ingrato esposo,
Inda na campã fria em pó tornada.

No instante em qu' estiveres mais gostoso,
Alta noite, beijando os novos laços
Entre a pompa do thálamo ditoso :

Ululando entrará nos regios paços
Minha sombra infeliz, e a fausta amante
Te arrancará raivosa d'entre os braços.

Bramindo-te de roda a todo o instante,
Qual a furia qu' a Orestes flagellava,
Teu flagello será, perfido infante.

Mas qu' expresso ? ai de mim ! como se agrava
Com vans blasphemias o fiel consorte,
Que de amor tantas provas me intimava !

Perdoa, amado esposo, o meu transporte :
 Se para esplendor teu, cumpre qu' eu morra.
 A mim propria darei cruenta morte.

Do peito a borbotões o sangue corra,
 Qu' ufana de morrer por teu respeito
 Nem ao Ceo pedirei, que me socorra.

Não era meu infausto, humilde peito,
 Não era digno de que n'elle entrasses :
 Tua sublime condição respeito.

Com tudo se meus olhos não amasses,
 Não deras á nação tanto desgosto,
 E talvez qu' a mil sustos me poupasses.

Mas eis qu' o pranto, que me inunda o rosto,
 Pranto de meus amores triste fructo,
 Tambem de te escrever me impede o gosto.

Talvez, Senhor, que rojes negro luto
 Antes que novo dia te amanheça ;
 Que já dos impios o tropel escuto.

Vem o golpe evitar, não aconteça,
 Que manchem o que he teu, mãos inimigas,
 E se queres, que subito falleça,
 » Já te aborreço Igrez, » basta que digas.

SEMEDO.



SONETOS.

I

Morreu Ignez mais bella do que as flores
E as nymphas do Mondego, que isto virão,
Tristes em torno ao tumulo suspirão,
Que hum cedro cobre com sombrias cores.

Ao expirar mil pallidos amores
Da moribunda boca lhe fugirão ;
Outros porém ainda alli carpirão,
Quebrando a aljava e os duros passadores.

Compadecido hum aspero rochedo
Seu pranto recolheo, que hoje em memoria
Brota hum a fonte de saudade e medo.

A morte aos que alli paixão conta a historia,
E o triste viajante adora quedo
O sitio, onde acabou de amor a gloria.

II

Alli morreo Ignez ; crime horroroso
 Não foi a causa do desastre duro,
 Que em terno peito, hum coração tão puro
 Só podia culpar-se de amoroso.

Matou-a o cégo amor, que o escrupuloso
 Interesse movera do futuro :

Chorou a mesma morte o caso escuro,
 O Mondego gemeo no pego undoso.

A sua sombra ainda fugitiva
 Erra por este sitio, aos Ceos rogando
 Lhe dêem aquelle, de que a morte a priva.

E d'entre estes penedos susurrando
 Huma fonte perenne se deriva,
 Que o seu pranto gerou suave e brando.

III

Estas penhas, que vês, ó passageiro,
 Funestissimo adorno d'esta fonte,
 Já forão n'outro tempo d'este monte
 O theatro do amor mais verdadeiro.

As agoas d'este funebre ribeiro
 Em si virão de Ignez a linda frente ;
 Quando mais claro o Sol lá do horizonte
 Com seus raios dourava aquelle outeiro.

Que vezes estes cedros debruçados
 Estiverão de Ignez, e Pedro ouvindo
 Os doces pensamentos namorados !

Mas tudo a idade em fim foi destruindo,
 Ficarão só os echos magoados
 A sua triste historia repetindo.

IV

Soltos cabellos, soltos os vestidos,
 Imagem expressiva da tristeza,
 Caminhava o prodigio da belleza
 Entre monstros crueis, e desabridos.

Ignez não chora, não, nem dá gemidos,
 Chora, e sente por ella a Natureza,
 Que inda lagrimas verte onde a fereza
 Poz infames padrões, e denegridos.

O Mondego deixando o leito ao vê-la
 Em successivos ais, alios clamores
 Gritava, mas em vão, por desprende-la.

Parai impios, sacrilegos traidores,
 Porque se Iguez morrer, morrem com ella
 As Graças, as Ternuras, e os Amores.

V

Melancolicos cedros, que assombrando
 As frias lapas d'esta fonte pura,
 Nos duros troncos a tragedia dura
 Inda da linda Iguez estais mostrando.

Vós gotas, que calis de quando em quando
 Do roto seio d'essa rocha escura,
 Lagrimas tristes sois, que a desventura
 De Iguez chorais, e o caso memorando.

Aqui a negra mão da atrocidade
 A innocencia opprimindo abriu a porta
 Ao raivoso furor, á crueldade.

Sítio, que o coração de magoas corta,
 Sítio, cheio de dôr, e de saudade,
 Em ti Iguez viveo, Iguez foi morta!

VI

Tu descanças, ó Pedro, e a crua morte
 Pelo campo correndo vem armada
 De barbaro punhal, e busca irada,
 Triste de ti! a misera consorte.

Ella vendo descer o mortal corte
 Em vão brada por ti desamparada,
 Qu' o doce nome, e a vida desgraçada
 Lhe corta a hum mesmo tempo a impia sorte.

Chorai, chorai a vossa desventura,
 Pastoras do Mondego, Tejo, e Doiro,
 E de Pedro chorai a mágoa dura.

Os lindos olhos, os cabellos d'oiro
 Do negro véo cobri, que a morte escura
 De todo vos roubou vosso thesoiro.

VII

Alçava Ignez aos Ceos piedoso brado,
 Porém aos duros Ceos em vão bradava,
 Que o agudo ferro o peito lhe passava
 Deixando de seu sangue o chão banhado.

N'este funesto doloroso estado
 A Pedro a moribunda voz alçava;
 Por seu querido Pedro inda chamava,
 Mas não a pôde ouvir o esposo amado.

Ao triste som as Nymphas acudirão,
 E a gentil alma aonde Amor vivia,
 Sahir da roixa boca inda lhe virão.

Em memoria das mágoas d'este dia
 Inda hoje aqui vem, inda suspirão
 Vertendo pranto sobre a cinza fria.

VIII

Os Amores em' chusma se ajuntarão
 A formar esta lugubre escultura ;
 Mas ao traça-la, cheios de ternura,
 Os meigos olhos com as mãos taparão.

O Genio da tristeza, que invocarão,
 Lhes applica o cizel á pedra dura,
 E a triste magestosa sepultura
 De Ignez e Pedro juntos acabarão.

Para admirar esta obra, lá de Gnido,
 Talhando os arcs, vem ligeiramente
 Vaidoso e ufano o fero Deos Cupido.

Mas ao vê-la desmaia ; e de repente,
 De compaixão insolita movido,
 O rosto vira, e o banha em pranto ardente.

IX

Da triste bella Ignez inda os clamores
 Andas, Echo chorosa, repetindo ;
 Inda aos piedosos Ceos andas pedindo
 Justiça contra os impios matadores :

Ouvem-se inda na fonte dos amores
 De quando em quando as Nayades carpindo ;
 E o Mondego, no caso reflectindo,
 Rompe irado a barreira, alaga as flores :

Inda altos hymnos o Universo entoa
 A Pedro, que da morta formosura
 Comvosco, Amores, ao sepulchro vóa.

Milagre da belleza, e da ternura !
 Abre, desce, olha, geme, abraça e crôa
 A malfadada Iguez na sepultura !

X

Aqui da linda Ignez a formosura
 Acabou : crueis mãos morte lhe derão !
 Inda signaes do sangue , que vertêrão ,
 Estão gravados n'essa penha dura :

Vendo as nymphas tamanha desventura,
 Sobre o pallido corpo aqui gemêrão,
 De cujas tristes lagrimas nascêrão
 As surdas aguas d'essa fonte pura.

Pastores do Mondego, que a corrente
 Inda agora bebeis d'esta saudosa
 Fonte , que está correndo mansamente ;

Fugi, fugi de amor, que a rigorosa
 Morte lhe trouxe aqui ! era innocente ;
 Se teve culpa, foi em ser formosa.

XI

He morta D. Ignez : a sorte dura
 Ensopou no seu sangue as mãos de ferro ;
 Fez a sua belleza o fatal erro ;
 Fez amor toda a sua desventura.

Ao voar d'aquella alma grande, e pura,
 Deixando o corpo em misero desterro,
 Das humidas entranhas d'este ferro
 Rebentou esta fonte de amargura.

Das filhas do Mondego o pranto ardente
 Inda rega estes cedros denegridos,
 Inda corre, sem mingoa, tristemente.

Morarão n'estes sitios desabridos
 Por memoria de Ignez eternamente
 Os ternissimos ais, roucos gemidos.

XII

Choremos todos a tyranna morte
 Da desgraçada Ignez, a quem podera
 Respeitar por formosa a Parca fera,
 E tecer-lhe a ventura melhor sorte.

Do penetrante amor a paixão forte
 Cingir-lhe o diadema bem quizera;
 Mas quando o tempo da Fortuna espera,
 A Fortuna lhe deo o mortal córte.

N'estas pedras o sangue derramado
 Inda vive, inda mostra a crueldade
 Com que foi seu amor recompensado.

Dos annos a fatal voracidade
 Este logar respeita, e tem guardado
 Para lição da amante humanidade.

XIII

Depois que o gentil corpo á fria terra
 Os suspiros, e a dôr tinham levado,
 O conjugal amor corre apressado,
 E do triste sepulchro o desenterra.

Não póde a céga morte fazer guerra
 Ao bello rosto seu, sempre animado:
 Inda a defunta Ignez n'aquelle estado
 Os agrados de viva em si encerra.

Hum throno lhe fabrica magestoso,
 Onde a adora rainha dos amores
 O inconsolavel Pedro, o terno esposo.

Alli lhe jura estragos, e furores,
 E de pôr a seus pés cruel, e iroso
 Os impios corações dos tres traidores.

XIV

Qual sollicito lobo em noite escura
De odio nativo estimulado, e de ira,
Em torno do curral astuto gyra,
E nos dentes a preza traz segura.

Tal contra Iguez com força, céga, e dura
Huma tropa de iniquos se conspira;
Este crava o punhal, aquelle o tira,
Banhando em rubro sangue a neve pura.

As Naiadas gentis, que a crueldade
Da tragica catastrophe observarão,
Com dôr gemêrão cheias de piedade.

E os seus negros cabellos, que cortarão,
Para memoria da futura idade,
No templo da tristeza os pendurarão.



24930



